

AGITAÇÃO, PROPAGANDA E ORGANIZAÇÃO

*Tarefas elementares do trabalho de base
do militante combativo*



CARTILHA DE FORMAÇÃO POLÍTICA

APRESENTAÇÃO

Como militar em nosso local de estudo? De que forma o militante deve atuar para mobilizar amplas massas estudantis? Como convencê-las das reivindicações sociais? De que forma ampliar o quadro de lutadores do povo? Nossas bases organizam-se conosco? Elas participam? Qual a função da palavra? Estamos sendo ouvidos? A quem nos dirigimos? Conhecemos do que falamos? Qual o peso do exemplo? Qual eficácia da ação? Enfim, nossas atividades cotidianas estão avançando cumulativamente rumo ao nossos objetivos estratégicos e programáticos? Estas são algumas perguntas que devem seriamente nos inquietar. De suas respostas dependerá a vitalidade política de nossa organização.

Todo militante deve estar convencido da responsabilidade de nossa luta de vanguarda com o Movimento Estudantil para melhoria das condições de vida, sobretudo dos estudantes-trabalhadores. Assim, nosso programa e estratégia pressupõe o debate desta Formação. São eles que animam nosso espírito para *agitar*, *propagandear* e *organizar* a estudantada. Cabe agora avançar, definindo precisamente como *mobilizar* e *politizar* as bases. **O objetivo desta Cartilha de Formação Política é subsidiar com conteúdo político, ideológico e técnico todos militantes para o trabalho de base cotidiano de tendência classista e combativa.** Discutiremos nossa ação e suas prerrogativas.

Como registrou Mariguella, “*é melhor cometer erros atuando a não fazer nada por medo de cometer erros*”. Que este pensamento não se confunda com a defesa da ação irrefletida. Mariguella falava do princípio da iniciativa, que envolve a qualidade do discernimento político para contornar adversidades. Nestes poucos anos de militância da RECC, podemos dizer que pecamos mais por erros de iniciativa do que pela falta dela. Ainda assim, podemos reconhecer que ambas existem em alguma proporção e devem ser eliminadas ao máximo.

Mas se admitimos que no afã da mobilização estudantil-proletária errar em determinadas situações fez/faz parte da necessária experiência empírica do processo dialético ação-ideia-ação, a experiência da RECC já permite a superação de erros triviais e o avanço da luta exigirá cada vez mais “tiros certos”. Além disso, a tradição combativa da luta internacional dos trabalhadores fornece muitos ensinamentos de como *agitar*, *propagandear* e *organizar* as massas.

Nosso atual crescimento interno (da RECC), periférico (entre apoiadores) e externo (nos Centros Acadêmicos e Grêmios) mostrou alguns acertos que tivemos em nossa política de ação. Este crescimento trás mais responsabilidades. Esta maior “órbita combativa” exigirá maior integração e formação organizativa/política destes militantes e apoiadores devidamente em cada “instância”. Trabalhando corretamente, teremos um poder multiplicativo para mais expansão da organização, politização e mobilização de massas. Mas, trabalhando incorretamente, podemos sofrer “baixas” relativas. Se não conseguimos multiplicar nossas capacidades de ação ou sofremos “baixas” significativas, algo pode estar errado. E se os erros forem por fatores

endógenos no nosso *trabalho de base*, não podemos nos dar ao luxo de não corrigi-los.

Precisamos nos exigir mais responsabilidade e disciplina a cada avanço de nossa política. Ninguém além de nós exigirá nossos acertos. E acertar é trabalhar organizando a base estudantil de nossa classe. Somente aumentando nossa correlação de forças podemos obter vitórias concretas sejam particulares, no âmbito de escolas ou cursos, ou gerais, contra o Estado e a burguesia. E para isso precisamos ter influência na vida dos estudantes e expandir a nossa capacidade de ação. Ainda possuímos poucos recursos materiais e humanos. Atuamos em conjuntura adversa. Temos que otimizar cada passo dado e aumentar a produtividade do nosso trabalho. Precisamos capacitar todo estudante combativo para adquirir formação de um militante *agitador*, *propagandista* e *organizador*. Ninguém nasce pronto e todos estão aptos a aprender. Resultará da qualidade do nosso trabalho de base o triunfo de uma educação a serviço do povo.

* * *

Esta Cartilha é uma reedição do *V Plano de Formação Política da RECC seção DF*. Alguns textos foram retirados e outros adicionados.

Rede Estudantil Classista e Combativa,

Maio de 2017

METODOLOGIA

Os textos e fragmentos aqui reunidos foram selecionados entre uma pluralidade infinita de materiais disponíveis sobre o assunto. É então preciso afirmar que eles não necessariamente pressupõem a concordância da RECC.

Desta forma, o primeiro passo metodológico desta Formação é uma leitura crítica. Ela deve filtrar elementos aproveitáveis e descartáveis, sobretudo subordináveis aos objetivos programáticos e estratégicos da RECC e à sua conduta e ambiente militante. Sem sectarismo, é possível aproveitar todos os textos. Mas não se deve “engoli-los”.

Será o debate presencial coletivo o espaço de reflexão superior que entenderá o que deve ou não ser aproveitado pela militância combativa. Assim, tome nota de tudo àquilo que achar pertinente, seja como reafirmação, crítica, dúvidas ou superação. Não guarde suas reflexões para si.

Como medida meramente didática, este caderno está dividido em três eixos: **I. A teoria e a ideologia; II. A prática; III. A organização.** Esta divisão é demasiado arbitrária e mantém um mínimo possível de coerência. Seus textos são transversais e extrapolam os eixos estipulados. Longe de pretender limitá-los, tal divisão tem a única finalidade de dividir blocos de textos para a exposição inicial no debate coletivo.

Esta Cartilha de Formação Política promovida pela RECC, portanto, consistirá nos seguintes passos: **1º)** todos os textos devem ser previamente lidos por todos participantes; **2º)** pontos importantes devem ser anotados; **3º)** o debate iniciará com a apresentação das principais ideias dos eixos por militantes da RECC, que devem preparar conjuntamente sua exposição e os recursos didáticos (como resumos, slides, vídeos etc.); **4º)** após a apresentação, o debate será aberto à intervenção dos participantes.

* * *

Alguns textos estão em espanhol. Sugere-se utilização de algum tradutor ou dicionário da língua caso tenha dificuldade.

LEITURA COMPLEMENTAR

Há vasta literatura que aborda a questão do trabalho de base, destrinchando elementos de agitação e propaganda escrita ou oral, as formas de organização, com abordagens técnicas, conceituais históricas etc. Além das indicações de textos integrais ao longo deste caderno, abaixo há uma pequena sugestão de leitura complementar:

- **A PROPAGANDA POLÍTICA**, de Jean-Marie Domenach. Pode ser baixado em: <http://xa.yimg.com/kq/groups/24814646/1936014138/name/Propaganda_politica+-+Jean-Marie+Domenach.pdf>.
- **COMO TRABALHAR COM O POVO**, de Clodovis Boff. Pode ser baixado em <<http://servicioskoinonia.org/biblioteca/pastoral/BoffClodovComoTrabalharPovo.pdf>>.
- **MANUAL DEL MILITANTE**, da CNT-FAI. Pode ser baixado em <http://www.memorialibertaria.org/valladolid/IMG/pdf/Manual_del_Militante.pdf>.
- **TRABALHO DE BASE: SELEÇÃO DE ROTEIROS ORGANIZADOS PELO CEPIS**, de Ranulfo Peloso (org.). Pode ser comprado em <www.expressaopopular.com.br>.
- **ORGANIZAÇÃO POLÍTICA E POLÍTICA DE QUADROS**, de Ademar Bogo. Pode ser comprado em <www.expressaopopular.com.br>.
- outros.

PARTE I – A Teoria e a Ideologia

As Três Tarefas Básicas Do Militante.....	08
<i>Autor: Oposição CCI ao DCE-UnB</i>	
Agitação e Propaganda No Processo De Transformação Social.....	14
<i>Autoria: Via Campesina</i>	
A Retomada Do Trabalho De Base.....	25
<i>Autor: Ranulfo Peloso da Silva</i>	
Contra O Liberalismo.....	38
<i>Autor: Mao Tsetung</i>	

PARTE II – A Prática

Cómo Se Construye Un Movimiento De Masas.....	42
<i>Autor: MST Brasil</i>	
Trabajo De Base, Trabajo De Masas y Trabajo De Grupo.....	49
<i>Autor: MST Brasil</i>	
Cartilha De Formação - Trabalho De Base.....	57
<i>Autor: Sector Estudiantil del Frente Popular Darío Santillán (Argentina)</i>	
Para Refletir Sobre A Prática.....	65
<i>Autor: Coletivo de Educação Popular – Escola Bolivariana de Poder Popular</i>	
A Importância Da Reunião.....	67
<i>Autor: Coletivo de Educação Popular – Escola Bolivariana de Poder Popular</i>	
Técnicas Para Coordenar Plenárias e Reuniões.....	69
<i>Autor: Coletivo de Educação Popular – Escola Bolivariana de Poder Popular</i>	
Planejamento Do Trabalho.....	72
<i>Autor: Coletivo de Educação Popular – Escola Bolivariana de Poder Popular</i>	
Mística y Poder Popular. Notas Sobre La Mística y El Movimiento Sin Tierra De Brasil.....	80
<i>Autor: Mariano Pacheco</i>	

PARTE III – A Organização

Construir Um Grêmio Estudantil De Luta.....	85
<i>Autor: RECC</i>	
Reorganização do Movimento Estudantil pela Base.....	90
<i>Autor: Oposição Nós Por Nós ao DCE-UFSC</i>	
Necessidade Da Organização.....	92
<i>Autor: Mikhail Bakunin</i>	
Como Forjar Um Partido Bolchevique: É Preciso Arrancar As Massas Aos Social-Democratas.....	103
<i>Autor: Ossip Piatnitsky</i>	

I

A TEORIA E A IDEOLOGIA

“A sociedade, no grande sentido da palavra, o povo, a vil multidão, a massa dos trabalhadores, não só dá a força e a vida, mas também dá os elementos de todos os pensamentos modernos, e um pensamento que não sai do seu seio e que não é a expressão fiel dos seus instintos populares, segundo a minha opinião, é um pensamento morto à nascença.”

(Mikhail Bakunin)

“Porque um trabalhador de vanguarda, um membro do partido dirigente da revolução, vê todos esses trabalhos, chamados de sacrifícios, com um interesse novo, como uma parte de seu dever, mas não de seu dever imposto, mas de seu dever interior, e os faz com interesse. E as coisas mais banais e aborrecidas transformam-se, por força do interesse, do esforço interior do indivíduo, do aprofundamento de sua consciência, em coisas importantes e substanciais, em algo que não se pode deixar de fazer sem sentir-se mal: no chamado sacrifício. Daí, não fazer o sacrifício transforma-se no verdadeiro sacrifício para um revolucionário.”

(Ernesto “Che” Guevara)

*“Vamos seguir luchando y ponendo el cuerpo
En la lucha por el poder del pueblo
Contra los imperialismos y la oligarquia
Por la patria socialista
Libres o muertos
Jamás esclavos”*

(Canção de luta popular latinoamericana)

AS TRÊS TAREFAS BÁSICAS DO MILITANTE

Autor: Oposição CCI – Combativa, Classista e Independente ao DCE-UnB

Data: Documento aprovado na II Plenária da Oposição CCI, em 17/09/2011

Acesso: Está sob posse dos militantes da Oposição CCI

As três tarefas básicas de nossa organização estudantil, e de todos os seus militantes, agitação, propaganda e organização, estão estreitamente ligadas, a ponto de podermos falar que uma é condição da outra, e sem qualquer uma delas a organização deixa de existir enquanto tal. Por isso é preciso que cada um dos seus militantes tenha condições mínimas de executar todas elas, apesar de sabermos que nem todos serão peritos, ou terão o mesmo talento ou desenvoltura para todas. Precisamos definir o que significa do ponto de vista prático cada uma das três tarefas.

A agitação

Podemos definir a Agitação como o ato político que visa por meio de um conjunto de ideias simples (duas ou três, por exemplo) mobilizar uma base de estudantes a fim de criar ou mobilizar pela obtenção de uma pauta concreta e imediata (ex: um ato ocupação por melhores condições de R.U). A eficácia da agitação depende do nível de contradição material sob a qual a base de estudantes está submetida. Em conjunturas de refluxo das lutas de massas, a agitação é pouco efetiva, o que não significa que não deva ser utilizada. Nesse caso, a agitação deve colher as reivindicações da base, desenvolvê-las e buscar criar uma mensagem a fim de gerar uma mobilização política.

O militante tem de ser um **agitador**, capaz de jogar palavras de ordem nas situações apropriadas, e de tomar certas iniciativas, em momentos oportunos. Podemos dizer que o agitador tem que:

- 1) Saber através das suas palavras de ordem, convencer as pessoas envolvidas num determinado conflito, debate, assembleia, protesto, de uma maneira que suas palavras expressem seus interesses, tomem seu partido, enfim, que possam ser palavras de todos.
- 2) Saber adaptar as demandas e interesses das pessoas presentes, a seu programa, de maneira que nas palavras de ordem, as pessoas possam se identificar neste programa ou grupo, uma expressão dos seus próprios interesses, um aliado pronto a defendê-las em momentos difíceis.
- 3) A ação do agitador tem que gerar, ou explicitar, uma contradição aguda entre o seu público alvo específico, o segmento da massa, e um inimigo concreto, uma instituição, uma pessoa, sempre utilizando de imagens “maniqueístas” que possam reforçar e evidenciar o caráter político da oposição existente e aprofundá-la. Tem de usar palavras, atos, gestos contra pessoas e instituições.

Do ponto de vista prático, o agitador tem que fazer principalmente: a) Intervir propositivamente, b) sintetizar propostas/demandas; c) divulgar os motes de luta, d) denunciar. Através de: a) panfletagem; b) barulho; c) incômodo; d) obstrução do trânsito ou a execução de tarefas; e) pinturas, f) teatro, g) piquete etc. Os atos do agitador normalmente são atos que visam dar exemplo de desobediência, como se colocar na passagem atrapalhando uma tarefa, como transpor um limite fixado pelos capitalistas e pelo Estado recuando imediatamente depois dos gestos, para fugir de represálias ou punições.

O agitador tem de estar sempre atento: a) ao conflito existente num determinado local; b) saber identificar que interesses correspondem aos lados da luta; c) saber identificar se existe luta dentro de cada um dos lados; d) explorar todos esses conhecimentos.

A propaganda

O militante tem que ser um *propagandista*. A propaganda é, em termos gerais, a formulação e a propagação de nosso programa por meio de palavras ou imagens, ou ambas. A propaganda classista e combativa parte de dois princípios: 1) Os problemas materiais (reivindicativos) possuem causas que não são superficiais e necessitam de uma formulação para explicá-los e resolvê-los; 2) Os estudantes sofrem tais problemas materiais, portanto nossa propaganda deve se dirigir a ele. A propaganda supõe instrumentos/meios materiais.

A principal diferença entre agitação e propaganda está no fato de que a propaganda diz respeito à formulação de nosso programa/teoria e de sua propagação (através da organização estudantil), e isto quer dizer que, seu objetivo não é apenas denunciar e mobilizar por uma pauta reivindicativa imediata (ex.: contratação de mais professores) e sim, no nosso caso, entender a dinâmica do capitalismo, seu desenvolvimento histórico e seus impactos na educação, por exemplo. Apesar disso, os dois meios (agitação e propaganda) não se contrapõem de forma mecânica, a propaganda serve para fundamentar e aprofundar as reivindicações e lutas imediatas, e podem ser combinadas a depender de uma análise das potencialidades da situação concreta.

Os meios práticos, materiais, atualmente necessários/disponíveis para a realização propaganda são: 1) Grupo de estudos, palestras etc.; 2) Textuais (livros, cartilhas, revistas); 3) Visuais (vídeos); 4) Sonoros (mensagens radiofônicas); 5) Digitais (computador e internet). Cada meio supõe os instrumentos (TV, Gráfica, Rádio), e conseqüentemente os recursos necessários, assim como a capacitação técnica. Mas o militante pode ter a capacitação sem ter o instrumento, assim como um violinista pode não ter seu violão, o que não inutiliza seu saber.

A propaganda classista e combativa bem feita tem então de saber a quem se dirige, por exemplo: se fala a cristãos tem de encontrar um modo de expor a contradições do capitalismo e do Estado sem questionar o cristianismo; se fala a membros do candomblé, tem de encontrar meios de criticar o capitalismo e o Estado sem criticar o candomblé; se é dirigida a membros da igreja cristã e a membros do candomblé, tem de criticar o capitalismo e o Estado sem criticar a religião em geral, e sem falar bem de uma delas em especial. Ou seja, é a situação concreta que determina a forma da mensagem. O que não é certo é sacrificar a mensagem política para agradar a igreja ou ao candomblé. E também não se deve condená-los no geral quando não se fala para seus fiéis, pois o fundamental para nós não é a defesa da religião nem sua condenação. Mas sim a crítica da sua manifestação concreta conciliadora com a dominação dos poderosos. Assim se encontra o equilíbrio entre os objetivos políticos e vontades e opiniões diversas do público alvo da propaganda, sem oportunismo ou hipocrisia, respeitando efetivamente as pessoas.

Também os meios variam em função do público alvo. Por exemplo, os meios sonoros e visuais são mais abrangentes que os textuais, que pressupõe que as pessoas saibam ler e interpretar. A propaganda deve equilibrar assim: Formulação da Mensagem Política + Público Alvo + Instrumentos.

A propaganda é um instrumento que pode mudar as ideias, mas principalmente a vontade política das pessoas; mas ela só se realiza completamente quando ela se converte em prática, porque não é possível saber se as pessoas efetivamente mudaram suas ideias se elas não mudam as práticas. Logo, a propaganda tem uma função que necessariamente só pode ser completada pela organização.

A organização

Organização é a ação de organizar, ou seja, de distribuir tarefas, direitos e deveres, ligando indivíduos entre si através destes. Podemos dizer que o objetivo da organização de base combativa é transformar a propaganda e a agitação em organização concreta, e esta em mais propaganda e agitação. No entanto, é possível agitar e propagandear sem organizar. A organização supõe antes de tudo indivíduos dispostos a se organizarem.

O militante tem de ser um **organizador**. Para organizar, é preciso: 1) ter objetivos, direitos e deveres do grupo organizado (que chamaremos de coletivo) manifestos no seu funcionamento concreto – a missão do estudante classista é traduzir nestes objetivos, direitos e deveres, direta ou indiretamente, os objetivos de seu programa; 2) definir com clareza, a forma de tomar decisões; 3) saber escolher critérios que deixem claro, quem é ou pode fazer parte do coletivo, e quem não pode. Ou seja, todo coletivo é relativamente um grupo fechado.

O indivíduo é livre para definir seu compromisso com outro e com um coletivo qualquer. E o coletivo é livre para firmar que compromisso exige dos seus

membros ou candidatos a membros. Se um indivíduo não cumpre esse compromisso mínimo, significa que ele não pode entrar ou tem de deixar o grupo. Isto não é ser antidemocrático, é simplesmente ser coerente, pois o indivíduo que não tem deveres para o coletivo não pode ter direitos nele. A democracia funciona para dentro do coletivo.

Um coletivo existe para fazer coisas, se ele não faz as coisas que diz ser seu objetivo fazer, há algo errado (ex: um grupo se forma para fazer propaganda, se não faz, há algo errado com ele). Por isso todo trabalho em organização supõe três momentos pelo menos: 1) discussão; 2) decisão; 3) execução.

A discussão: Este é um momento importante, pois deve ser amplamente realizado por os membros do grupo. Para isso é importante ter um método de discussão, para garantir que todos tenham direito de usar a palavra. Para isso é preciso: 1º definir o tempo total de discussão, os assunto a serem discutidos, e o tempo gasto em cada um deles; 2º definir o tempo que cada pessoa irá falar; 3º as pessoas que ainda não falaram tem prioridade sobre as reinscrições.

A decisão: Depois de todos terem discutido, e caso não haja consenso, e se considerar que uma decisão deve ser tomada – lembremos, se a discussão visa à ação, quando não há acordo, deve-se inventar uma forma de decidir – deve-se passar ao processo decisório. Para se tomar a decisão deve-se: 1º apresentar as propostas existentes; 2º abrir intervenções, sempre quantidade iguais para cada uma delas, para defender as vantagens de cada uma delas; 3º tomar a decisão – que normalmente é tomada através do voto.

A execução: Depois de realizada a discussão e tomada da decisão, falta a execução. Assim, depois de tomar a decisão, é preciso: 1º indicar quem faz o referente a ela; 2º até quando; 3º com que recursos materiais e apoio humano. A execução, diferente da discussão não supõe, necessariamente, a participação direta de todos. Mas todos são responsáveis por ela, por seus erros e acertos, não só quem as executa. Assim, a organização garante um caráter democrático e não compromete seus objetivos, sua prática ou fazer.

Como dissemos, a prática é uma forma de passar uma mensagem, mas limitada. Normalmente só as pessoas próximas fisicamente da execução do trabalho são alcançadas por ela. Por isso, a propaganda é fundamental, para fazer essa mensagem da realização prática chegar mais longe. Por outro lado, a agitação é uma forma de romper limites, de quebrar a rotina, e mostrar que o que se fala na organização e na propaganda, a desobediência e o enfrentamento da ordem, são possíveis, mesmo que dentro de certos limites. Assim, propaganda, agitação e organização se complementam, sendo três tarefas imprescindíveis da nossa organização.

Podemos dizer que das tarefas, a mais elementar é a agitação, pois ela só supõe o agitador e a propagação de reivindicações imediatas. A propaganda supõe recursos materiais e aprofundamento da reflexão, e a organização supõe a coordenação de seus militantes, e nem sempre é possível dispor disso. Apesar de não constituir uma sequência, podemos dizer que as tarefas dos nossos militantes são: agitação, que sempre é possível de ser feita, logo, é condição básica das outras; a partir disso os militantes têm de ser capazes de transformar a agitação em propaganda ou em organização, e de preferência, em ambas. Isso por que se podem adquirir recursos materiais sem ter pessoas dispostas a se organizarem, e ter pessoas dispostas a se organizarem sem ter instrumentos de propaganda. Mas tendo um maior número de pessoas, maior será a capacidade de gerar recursos/reflexão para a propaganda, e quanto maior a propaganda, maior a capacidade de atrair pessoas. Por isso a unidade dialética das três tarefas, que se revezam e se reforçam umas as outras.

As duas formas de luta do Movimento Estudantil

Duas formas de luta

Nós consideramos que existem duas formas básicas de luta e organização que se articulam com o ME e as três tarefas básicas do militante. Falemos primeiro das duas formas de luta, a *Política* e a *Programática*, e depois o local, aonde se aplicam.

O programa, para nós é aquele conjunto de análises, princípios, reivindicações, objetivos estratégicos etc. que expressam e reforçam as relações e conferem unidade a um grupo, quer dizer, no nosso caso, os princípios e reivindicações que não abrimos mão em nenhuma circunstância. Política, pelo que entendemos, é poder.

A *Luta Programática* é aquela que se manifesta na atividade de agitação e propaganda. Isto porque, como a agitação só supõe um militante dotado de programa que busca modificar a consciência através de uma ação específica, e a propaganda necessita recursos materiais com o objetivo de gerar uma reflexão aprofundada. A agitação se utiliza da ação para modificar a consciência e não necessariamente a realidade propriamente dita (o teatro é um exemplo disso). Ao fazer propaganda e agitação nós não estamos diretamente aumentando nossa força coletiva, nosso poder de ação. Este só aumenta quando nós conseguimos aglutinar mais pessoas além do próprio militante/agitador, e converter isso em organização concreta.

Como para nós organização é poder, força coletiva, a *Luta Política* depende necessariamente da aglutinação e organização de pessoas. Assim, para nós é possível existir luta programática sem luta política, mas não o contrário. Isto por que a luta política, na nossa definição, supõe organização concreta de pessoas e o trabalho de agitação. Resumindo: a Luta Programática é igual a: 1) agitação ou; 2) propaganda ou; 3) agitação + propaganda; Luta Política é igual a: 1) organização + agitação ou; 2) organização + agitação + propaganda.

O Movimento Estudantil e o Local de Estudo

O que nós chamamos de Movimento Estudantil é um espaço de combate, de resistência ou de ataque, ou seja, um local onde se trava a luta de classes. Nós atuamos em nossos Locais de Estudo que se materializam em unidades sociais concretas em que se amarram relações sociais e unidades geográficas, neste caso: escolas ou universidades.

Nossa luta programática ou a política (o trabalho de agitação, propaganda e organização) se dá neste local. Para começar uma luta programática, só é preciso ter um estudante ou fazer chegar à propaganda a um determinado local. O objetivo é transformar a luta programática em luta política, por que aí a luta deixará de ser uma luta de militantes isolados ou organização, para se tornar uma luta de massas. Quanto maior for a capacidade de aglutinação, maior será a capacidade de agitação e propaganda, maior poder global de mobilização das massas organizadas em torno de nosso programa.

A tarefa de agitação, base da luta programática e política, dependem do conhecimento que o militante tem das pessoas a que se dirige. E como organização, propaganda e agitação constituem uma unidade, podemos dizer que a luta programática e política dependem também da análise da realidade. Por isso é necessário um método de análise que possibilite ao militante obter informações indispensáveis para o cumprimento de suas tarefas. As três tarefas são a base da distinção das duas formas de luta que sempre se aplicam dentro da nossa frente, e tudo depende de um estudo cuidadoso da realidade. Mas além do conhecimento da realidade, e até para que este seja possível, a luta política e programática exige disciplina militante, cumprir os horários e tarefas. Comprometimento e disciplina são características essenciais para a prática de uma organização, para seu crescimento e efetividade. Uma pessoa que se propõe militar e participar de uma luta coletiva deve compreender essa necessidade e assumir tal responsabilidade.

AGITAÇÃO E PROPAGANDA NO PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Autoria: Coletivos de Comunicação, Cultura e Juventude da Via Campesina

Data: Junho de 2007

Acesso: Este texto compõe a cartilha homônima que pode ser acessada em <<http://pt.scribd.com/doc/65435580/3/I-Agitacao-e-propaganda-no-processo-de-transformacao-social>>

*Na luta de classes todas as
armas são boas: pedras, noites, poemas.
- Paulo Leminski*

Neste momento, de ação articulada entre os diversos segmentos da juventude brasileira interessada na transformação da estrutura social, política e econômica do país, consideramos pertinente retomar o debate sobre as possibilidades da agitação e propaganda como tática a ser utilizada em função de nossa estratégia.

1. O que é agitação e propaganda?

A agitação e propaganda é um conjunto de métodos e formas que podem ser utilizados como tática de agitação, denúncia e fomento à indignação das classes populares e politização de massas em processos de transformação social.

Segundo fontes de pesquisa (GARCIA, 1990) a expressão agitação e propaganda foi criada pelos revolucionários russos, para designar as diversas formas de fazer agitação de massas e ao mesmo tempo divulgar os projetos políticos da revolução.

Agitprop é o termo que sintetiza a expressão agitação e propaganda. Esse termo foi disseminado por diversos países, bem como as experiências dos grupos, brigadas ou coletivos de agitadores e propagandistas.

2. Origens

A Rússia pré-revolucionária de 1917 era o país de maior extensão territorial do mundo e com grande índice de analfabetismo nas classes populares. Para poder organizar os trabalhadores urbanos, camponeses e soldados (que estavam nas frentes de batalha), o Partido Bolchevique organizava duplas e brigadas de agitadores e propagandistas. Nesta época, o marxista russo Plekhanov chegou a definir agitação “como uma ideia que é inculcada em muitas pessoas” e propaganda como “muitas ideias que são trabalhadas para poucas pessoas”. Com a tomada do poder em Outubro

de 1917 o acontecimento da revolução tinha que ser informado por todo o território, e era fundamental combater a contrarrevolução.

A tomada do Palácio de Inverno, 1920.



Ao mesmo tempo reconstrução histórica e alegórica da revolução, a tomada do Palácio de Inverno condensa a política cultural de mobilização e envolvimento das massas de soviéticos em sua fase agitatória. A intervenção, na Praça do Palácio de Inverno, contou com

150 mil expectadores e com mais de seis mil atores que haviam participado dos combates de 1917.

Com estes objetivos, grupos de soldados do exército vermelho, de estudantes e de artistas se empenharam na invenção, desenvolvimento ou aprimoramento de uma série de técnicas de agitprop, fazendo uso das mais diversas linguagens – como o cinema, o teatro, a música, o jornalismo, a retórica, as artes plásticas – e meios, como o trem de agitprop, que levava em cada vagão uma forma distinta de agitação e propaganda: banda de música, grupo de teatro, equipamento de cinema para exibição e filmagem, militantes para fazer discursos políticos, vagão biblioteca, etc.

3. Meios, instrumentos e formas de agitprop

Cada movimento e organização produziram seus métodos e formas, de acordo com as demandas que se apresentaram ou se apresentam no contexto histórico em que atuaram, ou atuam. Há métodos e formas que ressurgem depois de longo tempo, como é o caso do teatro jornal, desenvolvido pelos agitadores russos e exportado para a Alemanha e os Estados Unidos, e mais de meio século depois reinventado por Augusto Boal em sua metodologia do Teatro do Oprimido, no contexto de resistência às ditaduras latino-americanas.

O importante é que não há métodos e formas fixas. Cada novo momento pode demandar a invenção de novas formas, ou a recuperação de métodos antigos. Tudo depende do contexto, da estratégia definida pela organização, das condições de atuação e da criatividade das brigadas de agitprop.

Relacionamos abaixo alguns dos principais meios, instrumentos e formas de agitprop que já foram desenvolvidos em processos de luta:

- a. Discurso (palavra/oratória): comícios relâmpagos, palestras, falas em atos públicos...
- b. Publicações impressas: panfleto, jornal, mural, revista, livro.

- c. Artes Plásticas: pichações, grafiteagem, muralismo, painelismo, faixas, cartazes, fotografia, estêncil,...
- d. Teatro: teatro jornal, teatro fórum, teatro invisível, teatro procissão, teatro de rua...
- e. Música e poesia: corais, saraus, festivais, apresentações de rua ou em rádios, etc.
- f. Indumentária/vestimenta: bonés, camisetas, bandeiras, broches, etc.
- g. Produtos da Reforma Agrária.
- h. Meios de comunicação de massa: rádio, cinema, televisão, jornal, internet...
- i. Manifestações e passeatas.
- j. Carro de som.
- k. Mística/Celebrações.
- l. Pedagogia do exemplo.
- m. Ações de massa.

4. Objetivos da agitação e propaganda neste momento histórico:

- a. Motivar a classe trabalhadora para se organizar, elevando o nível de consciência das massas.
- b. Estimular a luta social; reativar a noção de luta de classes.
- c. Deslegitimar o projeto da elite atacando seus pressupostos ideológicos: a propriedade privada e o princípio da livre iniciativa.
- d. Expor a falsidade, o fracasso e a impossibilidade de realização, neste sistema, das promessas da “democracia” burguesa: Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

5. Agitprop e processos revolucionários

A tática do agitprop deve ser planejada de acordo com a dinâmica do processo social pelo qual o país estiver passando. Por exemplo, em época de descenso de massas a estratégia e as táticas são diferentes de épocas de reascenso. Ou seja: o agitprop de antes da revolução é diferente daquele realizado em etapa posterior.

O registro histórico das experiências na Rússia, e posteriormente URSS, Alemanha, França, EUA, indica três fases do desenvolvimento das experiências de agitprop (COSTA, 1996):

- a. Grupos de artistas, intelectuais e estudantes organizam movimentos culturais visando a politização das classes populares.
- b. Estágio de socialização dos meios de produção, que implica por sua vez, a alteração das relações de produção.
- c. Interrupção das experiências, por meio de intervenção do Estado.

Exceção: no caso brasileiro, passamos do primeiro momento diretamente para o terceiro, pois o golpe militar de 1964 interrompeu o desenvolvimento do segundo estágio.



O trem de agitprop soviético tinha uma equipe de comício, um grupo de canto, de danças populares, um pianista, um projetor de cinema e filmes de caráter revolucionário, uma vitrola com discos dos soviets, uma orquestra, jornais e brochuras. Várias formas de intervenções e agitações.

6. Depois do golpe de 1964: agitprop como uma tarefa menor

A imagem predominante que a esquerda brasileira tem sobre o trabalho de agitação e propaganda é a tarefa de panfletagem em locais de grande movimentação e em áreas de periferia urbana. Seria uma tarefa de divulgação das bandeiras de luta registradas em jornais e panfletos preparados para esse tipo de atividade. Nessa concepção, basta destacar militantes para a panfletagem e entre eles garantir a presença de um seletivo grupo que tenha condições de conduzir um debate em escolas, comunidades de base, etc, quando isso for necessário. Não há formação específica para a tarefa de agitprop, porque nessa conformação não há necessidade disso.

Desta forma, a atividade da agitação e propaganda virou uma tarefa “menor”, uma tarefa para militantes novos e, principalmente, para a juventude, que era vista como “mão-de-obra” barata para este tipo de atividade.

O que fica patente nesse tipo de proposta é que há uma separação entre aqueles que formulam as reflexões e aqueles que as executam. Não questionamos em nossa metodologia o sistema de divisão do trabalho que, ao dissociar teoria e prática, aliena os militantes envolvidos no processo para a dimensão da totalidade da experiência.

Do golpe de 1964 em diante, o domínio dos meios de produção da cultura permanece monopolizado nas mãos da elite e de frações da classe média. Ao mesmo tempo em que os militares destruíram os então recentes e promissores vínculos por meio dos quais se operava um processo de transferência dos meios de produção de técnicas e linguagens artísticas aos camponeses e operários, o regime dos fuzis incentivou a criação de um sistema nacional de televisão – do qual o maior expoente foi a Rede Globo. O objetivo era respaldar esteticamente o projeto de modernização conservadora do país, por meio da imposição de uma imagem de desenvolvimento, progresso e integração da nação, com a qual os militares e a elite nacional pretenderam justificar seu predomínio brutal no poder.

Um dos efeitos da hegemonia burguesa no âmbito da cultura, decorrente de sua dominação econômica e política, foi o apagamento da memória dos embates anteriores, em que movimentos como os Centros Populares de Cultura (CPCs), nascido em 1961, e o Movimento de Cultura Popular (MCP), que surgiu em 1959, ambos destruídos pelo golpe militar de 1964, articularam as esferas da cultura e da política de forma radical. A experiência de agitação e propaganda desses dois movimentos, que amadurecia a passos largos, compreendia a publicação de jornais, revistas, livros de poesia e música, a gravação de discos, a organização de festivais e de debates (BERLINCK, 1984). Ambos os movimentos operaram mudanças radicais na organização da produção cultural brasileira, desde os temas, a pesquisa de formas, a incorporação do processo de construção coletiva de obras, a apresentação gratuita em comunidades rurais e bairros de periferia urbana, a realização de oficinas de formação cultural em consonância com a formação política, que naquela conjuntura não andavam dissociadas (COSTA, 1996).



O prédio da sede da UNE e do CPC em chamas. A experiência da socialização dos meios de produção cultural é interrompida pelas armas.

Portanto, do golpe de 1964 em diante, prevalece o domínio dos meios de produção da cultura monopolizado nas mãos da elite e de frações da classe média. Esse fato deu novo fôlego ao antigo preconceito, inclusive em amplos setores da esquerda brasileira – e, principalmente, manifestou-se como senso comum nas classes populares – de que “cultura é coisa de rico”.

Há objeções contra o debate cultural no interior do movimento dos trabalhadores. Algumas nascem de um preconceito invertido: como a burguesia dificulta o acesso do trabalhador à cultura, este sente que cultura é coisa de burgueses. Outros dizem que a energia do movimento não deve ser desviada das questões políticas prioritárias. Outros enfim dizem que o povo já tem a sua cultura, e o que importa é preservá-la e limpá-la dos contrabandos da cultura burguesa e da modernização (SCHWARZ, 1987, p. 83).

Em suma, a ideia de cultura e arte como mercadoria, como espetáculo para diversão, é a fatura que herdamos do golpe militar. Desde então cultura e política, diversão e formação, entretenimento e crítica são vistos como coisas opostas. Naturaliza-se a ideia de que o campo da estética deve ser desvinculado da vida política efetiva, pois disso depende sua qualidade. E toda tentativa de direcionar a produção artística e cultural para o rumo do engajamento, da intervenção na realidade, é interpretada como manobra autoritária, maniqueísta, que atropela a dimensão subjetiva da criação artística ao submetê-la a demandas de ordem política.

O golpe militar transformou a televisão no centro do sistema de produção de mercadorias culturais, em que o refinamento das técnicas publicitárias estimula o consumo das mercadorias excedentes. Estas técnicas expandem o desejo de consumir, e vendem uma imagem de nação em ascenso que não condiz com as mazelas do país real (KEHL, 1986). A criação desse universo estetizado da realidade exige, inclusive, a apropriação indiscriminada de técnicas artísticas sofisticadas, muita das quais geradas em oposição ao capital.

Reduzir uma sociedade de 100 milhões de pessoas a um mercado de 25 milhões exige um processo cultural muito intenso, muito elaborado e muito sofisticado, muito rico, para manter, para fazer com que as pessoas aceitem ser parte de um país fantasma, de um país inexistente, de um país sem problemas. (...) É preciso embrutecer essa sociedade de uma forma que só se consegue com o refinamento dos meios de comunicação, dos meios de publicidade, com um certo paisagismo urbano que disfarça a favela, que esconde as coisas. (...) A sociedade brasileira está sendo um pouco reduzida a isso: à ambição individual da ascensão social como um valor supremo reduzido num setor muito pequeno (VIANA FILHO, 1999, p. 181).

No curso deste processo, ainda em andamento, a via partidária da esquerda brasileira fez a opção majoritária pelo marketing político, de forte apelo emocional, pouca informação, ou contrainformação, e nenhuma pretensão de agitação das massas populares, para além do voto. Essa via herdou em peso o preconceito em torno do agitprop, que o relega à condição de subutilização da ação isolada da panfletagem, a ponto inclusive de “terceirizar” esta tarefa, passando da militância partidária para a “militância paga” de trabalhadores informais e desempregados.

Contudo, a via dos movimentos sociais de massa da esquerda brasileira manteve algumas ações de agitprop durante as últimas décadas, como por exemplo: as marchas e caminhadas, as ações pontuais dos produtos da reforma agrária em feiras, a tradição de painéis, camisetas e bonés das organizações, a ação direta de ocupação de terras... No entanto, nem sempre essas ações têm o efeito pretendido de informação massiva, na medida em que a divulgação depende da filtragem dos meios de comunicação de massa, em posse da classe dominante, que em geral omite ou desvirtua as informações.

Combate contra o imperialismo. Na sede da UNE, também futura cede do CPC, em 1960 os estudantes organizam cartaz com apoio ao cubano Fidel Castro e enfrentamento ao governo Kubitschek, que saudava o presidente americano, em plena guerra fria. O CPC da UNE atuou ativamente em várias frentes artísticas.



7. Qual é o nosso estágio atual?

O agitprop ressurgiu como demanda porque, via de regra, o problema de desinformação, analfabetização e alienação que vigoravam no começo do século XX ainda persistem, apenas com diferença na forma de organização do poder. Isto é, o monopólio dos meios de comunicação de massa não existia da mesma forma nas décadas passadas, mas hoje ele é um dos principais mantenedores da desinformação e alienação.

Como ainda não possuímos os meios de produção e divulgação de massa que nos permitam combater o padrão hegemônico de representação da realidade, temos que seguir potencializando os métodos de trabalho de base e agitação baseadas no contato real dos militantes com a população, inclusive porque o método do trabalho de base vinculado à agitação e propaganda é uma possibilidade que não foi apropriada pelas classes dominantes, com exceção do assédio de casa em casa que algumas religiões de princípios conservadores utilizam como tática para aliciar fiéis.

Mas, para que essa vantagem da posição corpo a corpo do trabalho de base surta efeitos de agitação e propaganda, não basta transmitirmos linearmente nossas informações, pois para despertar a indignação é preciso que mostremos a falsidade das promessas de democracia e universalidade da classe dominante, confrontando-as com nosso ponto de vista. No limite, a perspectiva de engajamento em torno de um projeto popular para o país tem que se mostrar como uma alternativa superior à alternativa da solução individual, sustentada pelo princípio da livre iniciativa.

8. Agitprop e crítica radical

Uma providência fundamental nas ações de agitprop é a articulação permanente entre elementos da conjuntura e da base estrutural do sistema a ser criticado. Nossa tarefa é ligar a “parte” ao “todo”, fazer com que a partir dos problemas imediatos e cotidianos se possa compreender o sistema e suas engrenagens. Pois se nossa perspectiva não é melhorar, ajustar ou consertar o sistema, é nosso dever erigir uma metodologia de formação de agitadores e agitadoras que os habilitem a formular estratégias, com o conjunto de suas organizações, e táticas de ação cuja força seja suficiente para abalar as estruturas de dominação, por meio de uma contraposição crítica que vá à raiz dos problemas, causando um efeito permanente de estranhamento das relações de poder que a classe dominante naturalizou em séculos de sistemática violência do Estado contra a população pobre.

Se em solo brasileiro a falsidade do discurso da democracia burguesa está escancarada pela evidência irrecusável de que as promessas universais de liberdade, igualdade e fraternidade não escondem ou justificam o arbítrio da classe dominante, é tarefa da agitação e propaganda implodir os conceitos estabelecidos pela grande imprensa, e agir no âmbito da contra-hegemonia.

Para isso, todos os meios e linguagens são válidos. Além das experiências em andamento, podemos criar novos formatos ou refuncionalizar antigos, fundindo formas, linguagens, técnicas e meios.

Estêncil produzido por militantes da Via Campesina utilizado em ações de denúncia contra a Aracruz no Espírito Santo.

Por fim, atualmente contamos com os seguintes fatores que podem potencializar as ações de agitprop:

- a. A tecnologia nos deu condição de acesso aos meios de produção. O avanço tecnológico na produção de equipamentos de filmagem, edição e gravação audiovisuais e musicais tornou possível a popularização da produção de filmes, músicas, fotografias, etc. Isso significa que linguagens como o cinema e a televisão, até então monopolizados pela elite, poderão ser democratizadas, não mais apenas pela perspectiva do consumo. Além disso, a tendência é que novas alternativas de democratização da informação apareçam em ritmo crescente, também como consequência do desenvolvimento tecnológico, o que facilitará a divulgação da produção.
- b. A construção de um calendário comum de lutas entre movimentos sociais e centrais sindicais dá organicidade para as ações de agitprop, pois elas passam a estar inseridas na vida política das organizações, como tática de ação contra-hegemônica e fortalecimento do contato com a sociedade.

9. A natureza política do trabalho de agitação e propaganda

Existem pelo menos quatro condições que compõem a natureza de nosso trabalho:

- a. O nível de formação política da militância envolvida no trabalho de agitação e propaganda, ou seja, a ideologia de classe. Um grupo de militantes pode não ter recursos financeiros para realizar o trabalho, mas a compreensão da necessidade política estimula os militantes a agir, a criar ou adaptar métodos e formas, de acordo com as condições e meios possíveis. A ideologia sustenta o trabalho nos períodos de descenso da luta de classes. É fundamental que tenhamos um processo permanente de formação e educação política das classes populares, articulado com o trabalho de agitação e propaganda, e ligado ao processo de organicidade de cada movimento social, para que possamos ir além do cumprimento de calendários de luta e mobilização.
- b. Entender que o trabalho de agitação e propaganda não é um fim em si mesmo. É parte fundamental do trabalho de base que todo militante social



precisa exercitar permanentemente. O trabalho de base é um desafio constante, e não pontual ou baseado numa data do calendário de lutas. É fundamental articular agitação e propaganda com a estratégia de trabalho de base.

- c. trabalho de agitação e propaganda precisa, acima de tudo, cumprir com a missão de: elevar o nível de consciência da população brasileira e incentivar a participação popular; provocar o questionamento sobre a democracia em que vivemos – até onde o povo decide sobre as questões candentes da sociedade, como por exemplo, a privatização da Vale do Rio Doce, o desmatamento da floresta amazônica, a transposição do rio São Francisco, etc? Nosso trabalho de agitação e propaganda parte do propósito de mudar a cultura de participação na vida política brasileira. Pois um povo só é sujeito e arquiteto da própria história quando ajuda a tomar as grandes decisões que dizem respeito ao futuro das próximas gerações.
- d. A prática de valores humanistas, de solidariedade e socialistas. Sem a vivência no cotidiano de novos valores, o trabalho de agitação e propaganda se torna vazio e não alcança os objetivos políticos que se propõe.

10. Valores que devem ser cultivados por um agitador e propagandista do povo

Um agitador e propagandista é norteado por valores que o tornam diferente no meio da massa. A agitação e propaganda deve ser parte da vida do militante. Os valores fazem parte da natureza de sustentação do trabalho de agitação e propaganda. Apenas a técnica da agitação e propaganda não permite que alcancemos a transformação social.

Seguem abaixo exemplos de valores para desenvolvermos em nosso espírito militante:

1. Gostar de ser e estar no meio do povo. De ter abertura para aprender com o povo, com a comunidade, com as pessoas com as quais convive.
2. Ter sensibilidade política para perceber os momentos certos de atuar, recuar e avançar. A sensibilidade política nos permite ter a clareza de lidar com as contradições que aparecem, os imprevistos na lida com as pessoas.
3. Desenvolver a capacidade individual de fazer leitura e análises da realidade local. Interpretar e interligar as questões do específico com as grandes questões gerais da sociedade. Interpretar e identificar em cada local e realidade o que mais despertar a curiosidade das famílias, das pessoas. E partir da necessidade local para fazer o trabalho de agitação e propaganda.
4. Gostar de estudar e pesquisar. Um bom agitador e propagandista busca, à luz da história e da ciência, elementos para aprofundar e melhorar o trabalho.
5. Espírito de companheirismo, de solidariedade, de sacrifício e do despreendimento dos bens materiais. Valor de criar espírito de coletividade.

6. A firmeza e a coerência ideológica. Não se deixar levar pelos problemas e dificuldades do trabalho. Não se deixar levar pelas graças e fantasias da propaganda feita pelas elites.

7. Acreditar que as mudanças profundas nascem, crescem e acontecem somente através do povo organizado. Acreditar na força do povo e na capacidade de mobilização social. As transformações não estão em outros lugares. Não perder de vista o horizonte político e os objetivos, a razão de nossa existência enquanto militantes de um movimento social.

8. Ser exemplo no trabalho, nas iniciativas, na superação dos limites, na prontidão para as tarefas mais árduas do cotidiano.



Cartaz animado produzido pelo coletivo Blusa Azul - Rússia.

A proliferação de grupos de agitprop durante a primeira década da revolução russa, ligados aos clubes operários, às fábricas e núcleos de bairros e à união dos jovens comunistas,

chegou a reunir 75 mil grupos, com aproximadamente 2 milhões de membros. O coletivo Blusa Azul desenvolveu um conjunto de atividades. Tinham uma escola de preparação de agitadores e publicavam a Revista Blusa Azul, socializando os processos de trabalho.

11. O que podemos fazer para fortalecer as ações de agitprop

1º) Discutir em nossas organizações como a agitação e propaganda pode ser potencializada de acordo com o objetivo estratégico de cada movimento, e visando o objetivo comum de transformação radical da estrutura social, política e econômica brasileira.

2º) Avaliar a viabilidade de criação de brigadas ou coletivos mistos de agitprop, com militantes de diversas organizações, em caráter provisório ou permanente.

3º) Promover cursos de formação de agitadores que culminem na criação ou fortalecimento de brigadas ou coletivos de agitprop.

4º) Envolver as brigadas ou coletivos de agitprop nas atividades dos calendários de luta estaduais e nacionais.

5º) Trocar experiências de métodos e formas de agitprop entre as diversas organizações que trabalham com essa tática. E pensar em formas de divulgação das experiências, por meio de vídeo, publicação escrita, fotografias, etc, para auxiliar o processo de formação de agitadores e acelerar a multiplicação de brigadas ou coletivos.

A nossa condição legítima de movimentos que lutam pela transformação radical da sociedade, associada à nossa posição de alvo maior da artilharia da direita, e

da crise política, cultural e ecológica que assola o planeta, nos autoriza a tentar tudo novamente, aprendendo com as experiências anteriores, tentando evitar os limites impostos naqueles tempos, procurando estabelecer novo patamar de compreensão sobre as ações de agitação e propaganda, contribuindo assim para os enfrentamentos daqueles que virão depois de nós, e honrando as companheiras e companheiros que nos antecederam na luta de classes.

A RETOMADA DO TRABALHO DE BASE

Autor: Ranulfo Peloso da Silva, assessor do Centro de Educação Popular do Instituto Sedes Sapientiae (Cepis), SP.

Data: Outubro de 2001

Acesso: Este texto está publicado na Cartilha nº 4 da Consulta Popular: “Trabalho de base”. 6ª ed., São Paulo, out/ 2001, p. 17 a 36, e pode ser acessado na íntegra em <<http://www.consultapopular.org.br/sites/default/files/CArtilha%204%20-%20trabalho%20de%20base.pdf>>

1. INTRODUÇÃO

“Achavam-se agrupados e presos à terra, por uma raiz comum, como uma moita de bambu. E como esse vegetal, inclinavam-se e dobravam-se. Mas, sobreviviam às maiores tempestades”. (Morris West, O embaixador, 1985).

A grande marca da organização popular é sua presença e enraizamento na vida da população, animando pessoas e grupos a se organizarem para buscar solução de seus problemas.

O antigo e permanente interesse dos trabalhadores de **repartir o pão e o poder**, mesmo que não seja totalmente consciente, é **derrubar a velha pirâmide** e construir uma sociedade sem dominação.

A organização popular nasce para romper com a prática dos dominadores que, pelo autoritarismo ou pela troca de favores, se mantêm no poder. Ela se organiza desde a base, para estar presente, todos os dias, lá onde acontece a luta pela vida.

Apostar no trabalho de base é investir numa tarefa que exige vontade política, dedicação, tempo, pessoas e recursos. Porque não é só a elite que gosta de mandar; é também o povo que aprendeu a ficar calado e a obedecer ao chefe de plantão. Só uma convicção profunda pode se dispor a vencer a *cultura autoritária* e o *personalismo* e contribuir para que o povo se torne **protagonista** e tome a direção da barca.

[...]

3. RETOMAR O TRABALHO DE BASE

*“Gente não é boi de carro, pro carro de boi puxar,
gente tem mente que gira, mente que pode girar.
Gira a mente do carreiro e a canga pode quebrar.”*

- Lavrador de Goiás

Retomar o trabalho de base não é a repetição saudosa de práticas e atividades feitas no passado. Nem é o *basismo* que trata o povo como *menor e incompetente*, e faz o elogio de suas ações espontâneas e sem planejamento. *Basismo* é uma forma disfarçada de *autoritarismo* para manter a base dependente.

Retomar o trabalho de base é resgatar uma estratégia. É um caminho de luta e de organização que **envolve os próprios interessados** no conhecimento e solução dos desafios individuais e coletivos.

Retomar o trabalho de base é reafirmar três objetivos:

1º) **Participação massiva dos trabalhadores:** as elites não têm medo de lideranças que se destacam. Para elas é fácil isolar, destruir, “comprar” algumas cabeças que sobressaem. **Multiplicar militantes e ações** é que mete medo em todos aqueles que se acostumaram a dominar outras pessoas. Por isso, a prática de multiplicar novos combatentes, deve invadir todos os espaços da vida – trabalho, política, cultura, religião, lazer – e se tornar uma **rede de animação, de resistência e de vitórias**.

2º) **Democratização do poder:** participar do poder é ser capaz de fazer propostas, tomar decisões e repartir responsabilidades para concretizar o sonho dos trabalhadores. O trabalho de base, enquanto experiência de **uma nova convivência** entre pessoas, pode ser uma grande escola de participação política. O ato de falar e de ouvir, de propor e de negociar, de ganhar e de perder, de disputar e de decidir, de comandar e de obedecer, de responsabilizar-se e de cobrar – tudo isso estimula a ambição de ser gente e de ter o poder coletivamente. Deve ser a escola, onde se aprende a colocar o poder a serviço da maioria, visando as transformações que o país precisa.

3º) **Construção socialista:** a finalidade da luta é realizar o sonho do mundo novo, livre de todas as formas de opressão e com a possibilidade real de satisfazer os anseios materiais e espirituais das pessoas. Isto será possível quando a produção, a distribuição e o consumo forem feitos de forma solidária. Este projeto implica, desde agora, em uma nova relação entre os humanos e com a natureza, sem dominação, sem preconceitos e sem destruição.

4. O QUE É TRABALHO DE BASE

“Fé na vida, fé na gente, fé no que virá. Nós podemos tudo, nós podemos mais. Vamos lá fazer o que será.”
– Gonzaguinha

Trabalho de base não é receita ou mágica. É um jeito de fazer política onde o militante coloca sua alma. É uma **paixão** carregada de **indignação** contra qualquer injustiça, e cheia de **ternura** por todos que se dispõem a construir um mundo **sem a marca da dominação**. Essa convicção nasce do **coração e da razão**, torna-se **força**

contagiante, capaz de vencer a fúria e a sedução da opressão e de comprometer-se com a transformação das pessoas e da sociedade.

Essa **prática multiplicadora** pode ser realizada nas favelas, nas ocupações de terra, nas fábricas, nas igrejas, nas instituições do Estado e nos espaços internacionais. Ela se **sustenta** quando mantém os pés no chão e a cabeça nos sonhos. Consegue vitórias quando articula as lutas econômicas com as diferentes lutas políticas e sociais. E perdura, em qualquer conjuntura, quando combina ações de rebeldia com as disputas na legalidade.

A finalidade do trabalho de base é:

- a. **Anunciar sempre** que o ideal da humanidade é a prosperidade e a convivência solidária. E **combater** a ganância, a competição, a dominação. Quanto maior a opressão e a crise, maior a razão para **propagar o sonho da sociedade sem classes**.
- b. **Despertar a dignidade** das pessoas e a **confiança** nos seus valores e no seu potencial. A pessoa se torna feliz e *perigosa* (para as elites), quando começa a **andar com os próprios pés**. Em geral, quem está no poder, prefere gente obediente e conformada, porque é fácil manipular uma população domesticada e dependente.
- c. **Canalizar a rebeldia popular** na luta contra a injustiça e na construção de uma sociedade de *homens e mulheres novos*, onde a produção, distribuição e consumo, sejam orientados pela lógica da solidariedade.
- d. **Transformar a realidade** e conseguir vitórias em todos os campos e em todas as dimensões, que satisfaçam os justos anseios da população.

A força do trabalho de base está:

- a. **Na sua sustentação de base:** o trabalho de base tem que ter raízes plantadas na **alma da população** que é a base da sociedade. Por causa desse alicerce, ele sempre renasce e se reproduz. Não é um movimento *para* os trabalhadores. É dos trabalhadores. O povo deve se sentir parte dessa construção e companheiro da mesma caminhada. Para isso, o trabalho de base se organiza **lá onde o povo vive e trabalha**. Para combater dentro de cada um o vício da dependência, é preciso que cada pessoa, desde o início, contribua com disposição, ideias e sustentação financeira das atividades.
- b. **Na crença do povo:** a razão do trabalho de base é ajudar o povo a entender e se comprometer com a vida feliz e solidária. Mas sabe que esse povo já luta porque precisa sobreviver. O povo está sempre reagindo contra a exploração e a dominação, mesmo quando não fala a linguagem dos militantes, ou entra em caminhos que são armadilhas. A história tem mostrado que, apesar de toda a miséria e de toda a contradição, o povo é a **sementeira permanente de novas formas de luta e de novos militantes**.

- c. **Na clareza** de que a organização popular, sendo uma parte, é **parte** para **incluir** todo o povo. Os dirigentes não são *guias geniais*, mas lideranças indispensáveis que ajudam o povo a entender a realidade e organizar os esforços, no rumo da transformação. No processo, o povo vai assumindo-se como sujeito de sua história. É como diz o poeta “sentindo na vida que pode, o pobre entende o que vale; depois que a canga sacode, não há patrão que o cale”.
- d. **Na coerência entre rumo e caminho:** no trabalho de base não tem essa de *fazer a cabeça*. A pessoa deve abraçar a causa, porque foi convencida de que ela é justa. Então, o jeito de tratar as pessoas, deve estar de acordo com a finalidade que queremos atingir. Fica difícil falar de liberdade se, na prática diária, as pessoas mantêm um comportamento autoritário e antidemocrático. É verdade que, *quem não sabe aonde quer chegar, não chega lá nunca*”. Mas, é igualmente verdade, que *o fim é o caminho que a gente faz, para chegar ao objetivo*. Quer dizer, o método que se pratica, deve ser coerente com os objetivos que se pregam.
- e. **Na metodologia multiplicadora:** cada militante que se convence, assume o compromisso de mobilizar um time de novos companheiros. Estes, por sua vez, vão repartir os esclarecimentos e as experiências com outros colegas que vivem em muitos espaços de luta, de vida, e de trabalho. Assim se vai tecendo a rede de resistência e de solidariedade, para a conquista de vitórias.
- f. **No planejamento das ações:** ninguém entra de peito aberto numa guerra. É indispensável traçar um caminho, capaz de levar à vitória. O planejamento enfrenta o medo de mexer no *comodismo* das pessoas e na *indisciplina* da prática espontaneísta. Na luta popular, como no futebol, o objetivo não é *chutar a bola*. É preciso avançar e se defender organizadamente, na hora certa e com as pessoas certas. Por isso, marcam-se pontos e prazos de chegada; faz-se uma caprichada preparação dos militantes; escolhem-se responsáveis pelas atividades; realiza-se um balanço dos resultados, em cada etapa da luta.
- g. **No amor pelo povo e pela vida:** o trabalho de base é mais que um trabalho profissional, feito por pessoas competentes. Ele tem um *segredo* que anima a *esperança* dos militantes, chegando à doação da própria vida. O valor da **vida**, a dignidade das **pessoas**, a **rebeldia** para a liberdade e a **fraternidade universal**, formam a base dessa *paixão* que invade a alma dos militantes e dá sentido à sua disposição e dedicação. No concreto, essa convicção se traduz no respeito ao povo, no carinho aos iniciantes, no cumprimento dos acertos coletivos, na capacidade de tomar iniciativas, na coragem de encarar os desafios, nos gestos de indignação, entusiasmo e celebração. O amor pelo povo e pela vida se expressa, de maneira plena, nas manifestações individuais e coletivas do **companheirismo**.

5. COMO FAZER O TRABALHO DE BASE

“Fazer, é a única forma de mostrar, que é possível transformar o mundo.”

Uma pessoa ou grupo que esteja convencido da força do povo esclarecido e organizado vai escolher e ajudar um setor desse povo no resgate de seus sonhos. O sentido do trabalho popular é organizar a resistência e alimentar a esperança de seus associados. Por isso reúne, amplia, capacita, organiza, articula as pessoas e ações na formação de um projeto popular.

Para fazer o trabalho de base, não tem receita pronta e infalível. Mas, olhando várias experiências, é possível descobrir pontos em comum. Entre eles estão:

- a. **Quem começa?** Qualquer pessoa (trabalhador ou não) pode dar o pontapé inicial. A história mostra que tem gente que desperta primeiro e fica indignada pela exploração vivida pelo povo. Essa revolta inicial acaba descobrindo que não basta se queixar das injustiças e que sozinho ninguém vai conseguir acabar com a opressão. Como enfrentar essa máquina de morte? Que fazer para que a resistência não morra no nascedouro? Uma iniciativa é procurar **gente de confiança** que pense no mesmo sentido. Assim começa um projeto popular.
- b. **Onde começar?** A luta dos oprimidos acontece **lá onde estão os trabalhadores**. Pode ser na fábrica, no bairro, na escola, numa categoria profissional, no espaço de um município, num movimento, ou numa igreja. Também pode ser com uma raça, com um grupo de mulheres, com adolescentes, ou com a terceira idade. Qualquer lugar, na cidade ou no campo, e até dentro de uma prisão já foi lugar onde os militantes iniciaram um posto da luta. O ruim é saber das coisas e não fazer nada. O melhor é sempre escolher **um grupo ou lugar** que tenha as **condições de espalhar** e influenciar outros grupos e lugares.
- c. **O núcleo de militantes.** Enfrentar uma fera sozinho nem sempre é sinal de coragem. Pode ser apenas inexperiência. Para ser vitoriosa, a luta popular tem que dar passos, conforme suas forças. Por isso, uma primeira tarefa do militante, é formar um **time** de companheiros que já tenha o mínimo de **compreensão e disposição** para entrar num processo. É sempre bom ter **gente nova**, sabendo que “a **idade** de uma pessoa se conta pelo número de amigos que ela consegue reunir”. Pessoas novas estão mais abertas e livres para encarar uma caminhada. A escolha tem que ser cautelosa e baseada na confiança. Algumas **qualidades** são fundamentais: pessoas que não aceitam ser manobradas, que já mostraram que vão além do seu interesse individual, que sejam discretas (não falam determinados assuntos para quem não está interessado ou é contra), que saibam relacionar-se com o povo. Esse primeiro time vai ter que reunir-se diversas vezes, para reforçar a amizade, trocar ideias, e para acertar os objetivos e o plano de atuação.

- d. Como conhecer a realidade?** Definido onde vai ser o trabalho é hora de conhecer, por dentro, o lugar e o grupo. As informações nascem da convivência, observação, conversas, visitas, pesquisas ou consulta aos especialistas no assunto. Conhecer e ser conhecido exige o aprendizado da *língua do grupo* para favorecer a **integração** e a **troca**. Três tipos de informações não podem faltar:

d.1) as que tratam da quantidade: qual o número de pessoas, volume da produção, renda, problemas enfrentados; assim como saber quais são os grupos que oprimem a população e os que estão ao seu favor;

d.2) as que revelam os desejos, os sonhos e os projetos das pessoas. Em geral, são os sentimentos que, em primeiro lugar, movem as pessoas. Quando elas se sentem aceitas e reconhecidas, também passam a participar;

d.3) as histórias de resistência: todo ser humano protesta, só varia a forma – pode ser individual ou grupal, escondida ou aberta, espontânea ou organizada, pacífica ou violenta. Os militantes devem estar convencidos que *não inventam a luta*. Sua tarefa é **descobrir pessoas e sinais da luta** do povo e ajudar essa luta se ampliar, se organizar e obter vitórias econômicas, políticas, sociais e culturais.

As informações corretas sobre a realidade se tornam matéria-prima no estudo dos militantes, apontando **dicás** para as ações e formas de organização. As anotações são importantes na descoberta de problemas e interesses comuns. É essencial envolver as pessoas pesquisadas na coleta e na apropriação dos resultados. Afinal, elas devem ser as primeiras interessadas em tomar consciência do que está acontecendo. Este estudo pode ser a primeira ação do trabalho de base.

- e. Fazer ações concretas.** Os dados da realidade podem sugerir várias propostas de ação. Os militantes têm que **sacar** o que o povo está a fim de fazer para realizar seu desejo. Às vezes, as ações escolhidas parecem que nada têm a ver com os grandes problemas descobertos. A ação a ser encaminhada é aquela na qual o grupo vai participar, e não ficar na plateia assistindo. Tem que ser uma ação dentro da compreensão do **momento** e do **ritmo** que esse povo possa suportar. Pode ser um jogo, uma festa, uma celebração. Mas, pode ser também um protesto, um mutirão, uma disputa política. Os militantes têm obrigação de sugerir propostas, mas não podem impor, porque as ações não assumidas pelo grupo geram acomodação, dependência ou frustração.

“Devagar que eu tenho pressa”, diriam os antigos. É decisivo que as primeiras ações deem certo. São as **vitórias** que **animam a vontade de continuar**. São elas que preparam o povo para ações maiores. As derrotas aumentam o sentimento de fraqueza e de impotência.

Uma ação puxa outra, quando é bem preparada. Depois de executada, é fundamental fazer um balanço para avaliar os avanços, os pontos fracos e a

continuidade. **Fazer ações e refletir sobre elas** tem sido a grande escola onde o militante e o povo se capacitam e se formam.

- f. **Descobrir e projetar lideranças.** As lideranças aparecem nas ações, porque dão sugestões, tomam a frente, sacam mais rápido, são mais corajosas, estão um pouco mais informadas. A liderança **expressa** publicamente, o que **muitos gostariam** de ser ou de dizer, **mas têm dificuldade**.

As **lideranças** são indispensáveis no trabalho popular. Porém, só merecem este nome quando reúnem, em torno de si, muitas pessoas; e quando criam as condições para o aparecimento de outras lideranças. As verdadeiras lideranças, não são necessariamente eleitas; são **reconhecidas** por causa de sua atuação e de sua dedicação.

Acostumados com lideranças tradicionais, o povo, às vezes, acha que deve escolher pessoas que sabem prometer, que falam bonito, que são mais estudadas ou, então, gente muito quietinha. A experiência mostra que tais pessoas têm decepcionado: falam, mas não fazem; dão sugestões, mas não botam a mão na massa; se comprometem com tudo, mas nunca encontram tempo para nada.

É tarefa dos **militantes** ajudarem na preparação das legítimas lideranças populares. As *lideranças que interessam ao trabalho de base são aquelas que unem seus interesses individuais com os interesses do grupo*. Elas não usam essa posição como privilégio pessoal, mas como uma tarefa da luta. Na caminhada, as lideranças aprendem a **comandar**. Descobrem que exercer o poder é repartir o poder. Vão saber distribuir as responsabilidades conforme a **necessidade** da luta, o **jeito** e o **gosto** de cada um, equilibrando a dose de paciência com a dose de firmeza. Sua preocupação permanente é a de animar os que estão dormentes e desanimados, promover o entrosamento do grupo e ajudar na capacitação de novas lideranças.

- g. **Formar dirigentes:** em todo o grupo, mesmo quando os participantes são conscientes de suas responsabilidades, há pessoas que se destacam e se tornam **referências**. A referência, mais que privilégio, é uma tarefa de coordenação das ações para o bom funcionamento do trabalho, pois, como diz o povo, *panela que muitos mexem, sai insossa ou salgada*. Dentro do mesmo grupo, outras pessoas vão ter outras funções, conforme o momento e a sua competência.

É verdade que já houve gente que se aproveitou do **cargo** de dirigente para seu interesse individual. Quem faz isso se esquece que o **poder nasce do povo** e por esse povo deve ser exercido. Na luta popular, o poder não pode ser exercido de forma autoritária e personalista (como fazem os “coronéis” da elite). Muito menos para dominar a maioria desinformada.

Não se deve confundir **direção** e **diretoria**. Diretoria é um mandato que se ganha no **voto**, mesmo que os candidatos não tenham preparo nem compromisso com o povo. Ser **dirigente** nasce do **reconhecimento público**.

O reconhecimento não é um dom destinado a alguns privilegiados. Ele tem origem na união de, pelo menos, **quatro exigências**:

1) **ligação profunda e permanente com o povo**, sua vida, seus anseios e suas lutas;

2) **compromisso com a transformação** das pessoas e da sociedade;

3) **capacidade de fazer propostas justas**, principalmente nos momentos difíceis;

4) **convicção e jeito para organizar o povo**, compartilhar as responsabilidades e **comandar**.

h. Autonomia: no trabalho de base, os trabalhadores e suas organizações não podem ficar dependentes de uma *assessoria* ou de um *chefe*. Quando não existe independência econômica e política, os trabalhadores se tornam massa de manobra. Sem formação, sem recursos financeiros, sem conhecimento das técnicas – *como fazer uma reunião, falar em público, operar uma máquina, fazer um plantio, organizar uma mobilização* – os trabalhadores continuarão de rabo preso. Uma **assessoria militante** e competente pode contribuir na capacitação dos trabalhadores para que se tornem sujeitos e protagonistas da luta popular.

Para conseguir independência é preciso ter coragem e condições de **andar com os próprios pés**. Desde o início, os trabalhadores devem ser incentivados a garantir a sustentação de suas atividades e a ser competentes numa tarefa. Faz tempo que sabemos que *a libertação dos trabalhadores será obra dos próprios trabalhadores ou não haverá libertação*.

i. Como criar um movimento: o trabalho popular que realiza muitas ações, que apresenta ideias novas e reúne muitas pessoas, acaba aparecendo. Torna-se esperança para os excluídos do sistema e preocupação para as elites. Sem pressa e com grande participação devem ser elaboradas as orientações do grupo que, mais na frente, seja base para os estatutos.

Um olho d'água pode virar riacho e até rio. Conviver com o reconhecimento da sociedade é o novo desafio do trabalho popular. Como continuar se preocupando com o esclarecimento, a organização e a reprodução de sangue novo para a caminhada? Infelizmente, muita gente boa, quando se tornou "importante", se agarrou nos cargos e se esqueceu *que é no povo que está a força*. Para evitar esses desvios, muitos movimentos se previnem renovando, de tempos em tempos, todo o pessoal que recebe cargos. Outra *vacina* contra o perigo de corrupção política é exigir que cada militante ou liderança assuma uma tarefa concreta junto a uma luta direta.

A finalidade de uma organização é atrair outros trabalhadores para a causa da justiça, tornar-se uma ferramenta de luta permanente e ser uma escola de preparação de novos companheiros. Mas, a **organização** nunca pode se tornar o **centro da luta**. O centro da luta é o próprio movimento dos trabalhadores que, no esforço para derrotar a opressão e construir a nova humanidade, confere mais dignidade às pessoas.

- j. Formar os trabalhadores:** só o entusiasmo e a força não vencem a segurança e a manha dos poderosos. Os oprimidos têm que juntar força, pensamento e esperteza para vencer a dominação. Para que o ativismo não faça do militante um “militonto”, ele deve ser capaz de *desmontar* o sistema capitalista e apresentar saídas que apontem para a solução de seus problemas. É fácil derrotar quem não estuda, quem não para pra pensar. É triste saber que muitos “estudados” não entram na luta. Mas é imperdoável que um lutador não pare para estudar, não seja também um intelectual.

Estudar quer dizer entender o que está acontecendo consigo e com os outros e buscar uma solução. Isso exige uma reflexão sobre a própria experiência de luta e um olhar sobre a experiência de outros trabalhadores. Assim é possível apropriar-se dos conhecimentos que estão acumulados nas pessoas e nos livros.

Formar-se não significa fazer cursos, nem encher a cabeça de informações. É estar mais capacitado para descobrir respostas para os problemas que afligem o povo.

Formar não quer dizer *despejar conteúdo* sobre a cabeça de pessoas que ficam recebendo passivamente. O processo de formação acontece quando ele se torna *uma troca entre sujeitos que ensinam e aprendem* os ensinamentos da vida.

A formação deve ser planejada conforme o nível de compreensão e de compromisso de cada companheiro. É importante organizar atividades de formação para iniciantes, ativistas, lideranças e dirigentes. É fundamental que o próprio movimento destaque pessoas que se dediquem à tarefa de organizar e de executar um plano de formação.

São muitas as atividades de formação: a preparação, a execução e o balanço de uma ação, por exemplo. Mas também os seminários, os cursos, os debates, as viagens, as leituras, as reuniões, os treinamentos, o esforço para contar a própria história e a formulação de propostas. **A formação política** tem que vir junto com a **capacitação técnica**: como fazer uma reunião, escrever um relatório, falar em público, administrar uma cooperativa, operar uma máquina, fazer um jornal, etc.

- k. Evitar o isolamento, trabalhar em parceria:** em toda a parte, tem gente (organizada ou não) lutando contra a injustiça. O trabalho político se fortalece quando conhece e se liga com pessoas e grupos que estão no mesmo rumo. Essa articulação facilita a troca de experiências e a realização de ações

conjuntas. Quando um movimento se acha **dono da verdade**, se torna arrogante. Vira uma seita fácil de ser destruída.

A busca de parceiros não pode ser a prática de *usar* as pessoas e os grupos, especialmente na hora do aperto, interessados apenas no que eles podem oferecer em termos materiais. A parceria é a descoberta de que ninguém pode fazer tudo, que ninguém sabe ou é especialista em tudo. A parceria é a crença no valor da troca das competências, no poder de fogo da ação conjunta e na soma dos recursos disponíveis.

Os “donos do mundo” nos dividem para continuar reinando. É verdade que não temos a mesma cor, o mesmo lugar de nascimento, a mesma religião, o mesmo sexo, o mesmo time de futebol, nem o mesmo gosto de comida. É uma riqueza os desafios que as diferenças nos colocam. Porém, nunca se pode esquecer os interesses e as dificuldades que são comuns. Neste momento, é urgente ver aquilo que nos une, mesmo sabendo que temos muitas diferenças.

Ser **parceiro** não significa abrir mão da própria convicção. Muito menos aceitar ser um *braço tarefeiro* de um projeto que não ajudamos a pensar, só por interesse de alguns trocados. A parceria é uma **união de esforços** para atingir **objetivos** que estão na *mesma direção*. Os dois lados se **convencem** e decidem fazer uma caminhada conjunta. Como toda **aliança**, também a parceria deve ser feita com autonomia das partes. Cada parceiro deve conservar suas diferenças e suas motivações. É bom lembrar que parceria é diferente de **interação, ligação pontual ou convênio**.

- I. Houve uma tendência de ocupar o espaço público:** no trabalho popular, negava-se qualquer ligação com o poder público – nem participação, nem colaboração, nem mesmo uma relação em questões concretas. O movimento caminhava em paralelo, como a linha do trem. E tinha razão, porque o Estado era dirigido por uma ditadura.

Hoje, o Estado continua dominado por uma elite, está *privatizado* pela classe dominam-te. Porém, a luta popular entendeu que o espaço público é também um espaço de disputa contra a opressão, quando se tem clareza do projeto popular e se garante a independência dos trabalhadores. Tal participação não pode justificar a lógica das campanhas eleitoreiras, nem a perda de autonomia dos movimentos.

É uma obrigação das organizações populares disputar postos na organização do Estado, para abrir maiores espaços de participação popular. Disputar postos no poder do Estado tem o sentido de garantir os direitos que são devidos a todos os cidadãos.

A participação de movimentos e de candidatos populares, no espaço público do Estado, pode facilitar o acesso ao conhecimento da máquina e possibilitar formas de pressão para a formulação das políticas sociais e para a correta destinação dos fundos públicos para o conjunto da população. Ensina também os mecanismos do **poder** e deixa claro que o Estado, do jeito que está organizado, não serve aos interesses

populares. *Enquanto os oprimidos não derrotarem a opressão, não poderá haver um governo realmente popular.*

- m. Fazer a propaganda:** quem acredita no que faz se alegra que sua ideia se espalhe. Fazer propaganda é anunciar e repartir com outros, as lições que aprendemos pelo caminho. É falar dos nossos sonhos e convidar muitos para a mesma **esperança**. Temos obrigação de repassar para as gerações futuras, como um *tesouro*, as realizações populares. Isso nada tem a ver com a invenção de histórias para impressionar ou iludir alguém.

No início, a propaganda do trabalho, se faz de pessoa para pessoa. Quando cria raízes e já pode encarar o sol, ele é anunciado de forma mais aberta: faixas, cartazes, boletins, filmes, cadernos, etc. Muitos militantes foram atraídos para a luta popular, atingidos pela propaganda.

6. QUALIFICAR O TRABALHO DE BASE

“Se muito vale o já feito, muito mais temos a fazer.”

Quem já faz trabalho de base, não precisa começar tudo do zero. Talvez apenas *amolar a ferramenta* para que continue servindo as suas finalidades. O mundo mudou. A elite agora usa a tática da sedução e o discurso da competência para quebrar a união dos trabalhadores. Esvaziam o sentido de *parceria, colaboração, repartição de lucros e até da solidariedade*. Para a maioria, sobra o desemprego, a luta pela sobrevivência, a exclusão social. Sem largar o rumo, o campo popular precisa descobrir novas formas de fazer crescer sua luta e organização.

Ao longo da história, nenhum sistema, por mais poderoso e cruel que fosse, jamais conseguiu durar para sempre.

Um tempo de avaliação

O primeiro passo da cura é reconhecer que existem problemas. A **crise** não é, necessariamente, uma situação negativa. Pode ser a oportunidade de testar as convicções e redirecionar o modo de atuar.

Não é verdade que muitas lideranças e organizações estão dessintonizadas com suas bases (dirigentes em FM e o povo em AM)?!

O remédio para os novos desafios não vai surgir de nenhuma cabeça iluminada, mas de um balanço do movimento, da leitura rigorosa da conjuntura e da grandeza de nossa generosidade.

Que partes devem ser avaliadas?

As seguintes perguntas podem ajudar no exame de vários aspectos do trabalho:

- a. **Onde estão os resultados?** A primeira pergunta que alguém faz quando entra numa luta é: o que é que eu ganho com isso? Sem ver sinais ou possibilidades concretas, é difícil mobilizar. O pessoal quer comida, terra, lazer, renda, reconhecimento. As vantagens que queremos no futuro – sejam econômicas, políticas, sociais, culturais, espirituais – já devem começar agora.
- b. **Onde está a participação?** É mais fácil ter plateia e eleitores, que trabalhadores conscientes e sujeitos. É bom sempre examinar se as lideranças estão facilitando o protagonismo dos trabalhadores e o surgimento de outras lideranças. Ou será que se *adonaram* do povo por uma prática paternalista e assistencialista que transforma companheiros em *campanheiros*?!
- c. **Onde está a juventude?** Tudo o que é novo tem algo de “aborrecente”. Quem quer inovar, quem não aceita ser manobrado por um dono (mesmo que esteja “vestido de povo”), sempre incomoda. O novo e o velho podem dizer respeito à idade ou à mentalidade. Quando uma organização não se renova nem se amplia, é porque começa a **caducar**. Existem organizações que, em vez de luta pela vida de muitos, se tornou meio de vida para alguns.

Os **novos atores** têm uma linguagem e um rosto que os movimentos tradicionais nem sempre reconhecem. Usam palavras da “onda”, tratam de dimensões como sexualidade, raça, subjetividade, ecologia, cultura, religião e trazem grande entusiasmo. São temas antigos, transformados em formas de luta e mobilização. Será sempre necessário distinguir a verdadeira rebeldia, de um lado, e aquilo que é *modismo*, de outro.

- d. **Onde está a competência? Agir** sobre a realidade é a única forma de provar que se pode **mudar a realidade**. Quer dizer, junto com o sonho e a garra, é preciso **saber fazer**. É uma deficiência ser técnico e não ser político, mas é uma desmoralização ser um militante político e não botar a mão na massa. A competência que se precisa no trabalho de base, é a capacidade de desmontar a exploração, onde quer que ela apareça. Mas, também, a capacidade de apresentar propostas, com fundamento, que possam ajudar na construção da nova sociedade.
- e. **Onde está o rumo?** Não queremos *remendar o velho*. Lutamos pela **transformação total do mundo e das pessoas**. Por isso, não vamos “vender a alma” em troca de concessões. Queremos homens e mulheres orgulhosos de sua dignidade e comprometimento com a nova convivência entre todas as pessoas. Essa orientação guia nossos esforços.

- f. **Onde está a disciplina?** A postura *liberal* de muitas lideranças tem irritado e cansado muitos militantes. Disciplina exige pontualidade. É chato chegar na hora e ficar esperando por alguém que, sem motivo, vai chegar atrasado. Mas, disciplina, é muito mais que obediência a uma ordem ou horário: **é o cumprimento dos acertos coletivos**. É uma convicção que nasce no interior da pessoa, como um profundo respeito por si mesma e pelos companheiros. É um zelo que se treina, todo o dia, pensando na própria sobrevivência e no avanço e segurança do movimento. Disciplina, então, é realizar com perfeição as tarefas assumidas, ser fiel ao plano traçado, corresponsabilidade política e financeira, respeito a cada companheiro e cada companheira, sobretudo aos iniciantes. Disciplina é chegar às reuniões com propostas fundamentadas, é cobrar o combinado e aceitar, com humildade, a cobrança merecida.

7. A “ALMA” DO TRABALHO DE BASE

“Temos nossas mentes e nossas mãos, cheias da semente da aurora e estamos dispostos a semeá-la e a defendê-la para que dê frutos.”

- Che Guevara

O trabalho de base não é uma “tática” para atrair o povo; nem um conjunto de técnicas que se forem bem aplicadas, podem dar bons resultados. Embora o trabalho de base seja também uma metodologia, ele vai bem além de qualquer “modelo”.

O trabalho de base é uma **paixão** assumida por gente que se entrega por seu tesouro. É paixão indignada contra qualquer injustiça e que se multiplica em ternura pelos companheiros. Esse *modo apaixonado de crer no povo e de multiplicar*, está na alma de quem se entrega para que a maioria se torne gente. O envolvimento na construção deste modo de viver sem a marca da dominação dá entusiasmo a essa *convicção contagiante*. Esse *jeito de fazer política* dá certo porque tem seu alicerce nessas **convicções**. Isso torna a política uma atividade sensível, comprometida e criativa. Este é o **segredo**, que plantado na alma, motiva o militante para entregar-se à realização do projeto popular.

A fé na vida, o amor pelo povo, o sonho da liberdade e a fraternidade universal, formam a força interior que impulsiona o militante, principalmente nos momentos da dor, da dúvida e das derrotas. Está presente diariamente na alegria de viver, na disposição para a luta, na esperança sem ilusões, no canto, nos símbolos, na beleza do ambiente, nas celebrações e, sobretudo, no **companheirismo**. Essas posturas e atitudes, individuais e coletivas, revelam desde já, o sabor da convivência solidária que sonhamos para todos.

CONTRA O LIBERALISMO

Autor: Mao Tse-tung

Data: 7 de Setembro de 1937

Acesso: Obras Escolhidas de Mao Tse-tung, Pequim, 1975, tomo II, pág: 27-31 O texto pode ser acessado também em:

<<http://www.marxists.org/portugues/mao/1937/09/07.htm>>

Nós somos pela luta ideológica ativa porque é uma arma para se alcançar a unidade interna do Partido e das demais organizações revolucionárias, em benefício do nosso combate. Cada membro do Partido Comunista, todo o revolucionário, deve empunhar essa arma.

O liberalismo, porém, rejeita a luta ideológica e preconiza uma harmonia sem princípios, o que dá lugar a um estilo decadente, filisteu, e provoca a degenerescência política de certas entidades e indivíduos, no Partido e nas outras organizações revolucionárias.

O liberalismo manifesta-se sob diversas formas: Constatamos que alguém está a agir mal, mas como se trata dum velho conhecido, dum conterrâneo, dum discípulo, dum amigo íntimo, dum pessoa querida, dum antigo colega ou subordinado, não nos empenhamos no debate de princípios e deixamos as coisas correr, preocupados com manter a paz e a boa amizade. Ou então, para mantermos a boa harmonia, não fazemos mais do que críticas ligeiras, em vez de resolver a fundo os problemas.

O resultado é prejudicar-se tanto a conectividade como o indivíduo. Essa é uma primeira forma de liberalismo.

Em privado entregamo-nos a críticas irresponsáveis, em vez de fazermos ativamente sugestões à organização. Nada dizemos de frente às pessoas, mas falamos muito pelas costas; calamo-nos nas reuniões, e falamos a torto e a direito fora delas. Desprezamos os princípios de vida coletiva e deixamo-nos levar pelas inclinações pessoais. É uma segunda forma de liberalismo.

Desinteressamo-nos completamente por tudo que não nos afeta pessoalmente; mesmo quando temos plena consciência de que algo não vai bem, falamos disso o menos possível; deixamo-nos ficar sabiamente numa posição coberta e temos como única preocupação não ser apanhados em falta. É uma terceira forma de liberalismo.

Não obedecemos a ordens, colocamos as nossas opiniões pessoais acima de tudo. Não esperamos senão atenções por parte da organização e repelimos a disciplina desta. Eis uma quarta forma de liberalismo.

Em vez de refutar e combater as opiniões erradas, no interesse da união, do progresso e da boa realização do trabalho, entregamo-nos a ataques pessoais, buscamos questões, desafogamos o nosso ressentimento e procuramos vingar-nos. Eis uma quinta forma de liberalismo.

Escutamos opiniões erradas sem elevarmos uma objecção e deixamos até passar, sem informar sobre elas, expressões contrarrevolucionárias, ouvindo-as passivamente, como se de nada se tratasse. É uma sexta forma de liberalismo.

Quando nos encontramos entre as massas, não fazemos propaganda nem agitação, não usamos da palavra, não investigamos, não fazemos perguntas, não tomamos a peito a sorte do povo e ficamos indiferentes, esquecendo-nos de que somos comunistas e comportando-nos como um cidadão qualquer. É uma sétima forma de liberalismo.

Vemos que alguém comete atos prejudiciais aos interesses das massas e não nos indignamos, não o aconselhamos nem obstamos à sua ação, não tentamos esclarecê-lo sobre o que faz e deixamo-lo seguir. Essa é uma oitava forma de liberalismo.

Não trabalhamos seriamente, mas apenas para cumprir formalidades, sem plano e sem orientação determinada, vegetamos — "enquanto for sacristão, contentar-me-ei com tocar os sinos". Essa é uma nona forma de liberalismo.

Julgamos ter prestado grandes serviços à revolução e damo-nos ares de veteranos; somos incapazes de fazer grandes coisas mas desdenhamos as tarefas pequenas; relaxamo-nos no trabalho e no estudo. Eis uma décima forma de liberalismo.

Cometemos erros, damo-nos conta deles mas não queremos corrigi-los, dando assim uma prova de liberalismo com relação a nós próprios. Eis a décima primeira forma de liberalismo.

Poderiam citar-se outros exemplos mais, mas os onze acima indicados são os principais.

Todos eles constituem manifestações do liberalismo.

O liberalismo é extremamente prejudicial nas coletividades revolucionárias. É um corrosivo que mina a unidade, afrouxa a coesão, engendra a passividade e provoca dissensões. Priva as fileiras revolucionárias duma organização sólida e duma disciplina rigorosa, impede a aplicação integral da linha política e separa as organizações do Partido das massas populares colocadas sob a direção deste. É uma tendência extremamente perniciosa.

A origem do liberalismo está no egoísmo da pequena burguesia, que põe em primeiro lugar os seus interesses pessoais, relegando para segundo plano os interesses da revolução. É dela que nasce o liberalismo ideológico, político e de organização.

Os liberais consideram os princípios do Marxismo como dogmas abstratos. Aprovam o Marxismo mas não estão dispostos a pô-lo em prática, ou a pô-lo integralmente em prática; não estão dispostos a substituir o liberalismo pelo Marxismo. Armam-se tanto dum como doutro: falam de Marxismo mas praticam liberalismo; aplicam o primeiro aos outros e o segundo a si próprios. Levam os dois na bagagem e encontram uma aplicação para cada um. É assim que pensam certos indivíduos.

O liberalismo é uma manifestação do oportunismo e está em conflito radical com o Marxismo. O liberalismo é a passividade. Objetivamente, serve o inimigo. É por essa razão que o inimigo se regozija quando o conservamos nas nossas fileiras. Tal é a natureza do liberalismo. Não deve, pois, haver lugar para ele nas fileiras da revolução.

Penetrados do espírito ativo do Marxismo, devemos vencer a passividade do liberalismo. Um comunista deve ser aberto, fiel e ativo, colocar os interesses da revolução acima da sua própria vida e subordinar os interesses pessoais aos interesses da revolução. Em todos os momentos, seja onde for que se encontre, ele deve ater-se aos princípios justos e travar uma luta sem tréguas contra todas as ideias e ações erradas, de modo a consolidar a vida coletiva do Partido e reforçar os laços existentes entre este e as massas; um comunista deve preocupar-se mais com o Partido e as massas do que com os seus interesses pessoais, e atender mais aos outros do que a si próprio. Só quem atua assim pode ser considerado comunista.

Todos os comunistas fiéis, abertos, ativos e honestos, devem unir-se para lutar contra as tendências liberais de certos indivíduos entre nós, e conseguir chamá-los ao bom caminho. Essa é uma das nossas tarefas na frente ideológica.

II

A PRÁTICA

"Visão sem ação é sonho. Ação sem visão é pesadelo."
(Ditado popular chinês)

"Alguns camaradas me fizeram a seguinte pergunta: como é que eu entendo a disciplina revolucionária? Vou lhes responder. Compreendo a disciplina revolucionária como uma autodisciplina do indivíduo, estabelecida num coletivo atuante, de modo igual para todos, e rigorosamente elaborada. Ela deve ser a linha de conduta responsável dos membros desse coletivo, induzindo a um acordo estrito entre sua prática e sua teoria. Sem disciplina na organização, é impossível empreender qualquer ação revolucionária séria. Sem disciplina, a vanguarda revolucionária não pode existir, porque então ela se encontrará em completa desunião prática e será incapaz de formular as tarefas do momento, de cumprir o papel de iniciador que dela esperam as massas."

(Nestor Makhno)

"A Oposição CCI possui um estilo militante baseado na tradição histórica de luta e organização da classe trabalhadora. A humildade e a paciência devem ser valores para o trabalho cotidiano, a prepotência e a arrogância devem ser sempre combatidas. Saber ouvir e a hora de falar, ser duro quando necessário, são qualidades. Mas do que simplesmente fazer discursos devemos convencer pelo exemplo, ter disciplina militante, cumprir os horários e tarefas. Saber em que momentos se deve 'falar de política', tendo maturidade para separar as relações pessoais das tarefas políticas. O coleguismo, enquanto uma prática que busca diluir e/ou obscurecer críticas políticas a partir de relações pessoais, deve ser combatido em nossas fileiras. Os militantes devem respeitar as deliberações coletivas. A Oposição se posiciona assim contra qualquer expressão do individualismo pequeno-burguês."

(Oposição CCI)

CÓMO SE CONSTRUYE UN MOVIMIENTO DE MASAS

Autor: Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Sem Terra – MST Brasil

Data: ?

Acesso: Artigo selecionado do livro do Setor Nacional de Formação do MST - Brasil: Método de trabajo y organización popular, Buenos Aires, El Colectivo - Colectivo Ediciones, 2009. Disponível na Cartilla ao 4º Campamento Nacional de Formación del Frente Popular Darío Santillán “Construyendo Organización de Base y Poder Popular. Experiencias latino-americanas de Poder Popular”, noviembre de 2009, pp. 13-22. Pode ser acessada em <<http://formaciondelfrente.blogspot.com.br/>>. Não foi encontrada sua versão em português.

La masa crece en movimiento. Las motivaciones para la movilización nacen de las necesidades que tiene la masa.

Las movilizaciones pueden ocurrir por diferentes motivos, basta interpretar las necesidades de la masa y crear las motivaciones para que ésta participe.

Sin embargo, no es suficiente movilizar; es necesario encontrar formas para que la masa se organice. Las movilizaciones pueden ser sólo esporádicas y temporarias. La organización debe ser permanente.

La organización de la masa se hace a través de una estructura orgánica que dé cuerpo y forma al movimiento de masa. La organización de masa no se da de forma espontánea, es un proceso de construcción. Y para eso, se necesitan dos cosas fundamentales:

- que haya alguien que se proponga pensar y construir el movimiento de masas;
- crear las condiciones para que esto suceda. O sea, definir objetivos, establecer metas y buscar los medios para construir la organización de masas.

La construcción de la organización de masas es un proceso que se va desarrollando a veces de forma rápida, otras de forma lenta. Es un camino a ser recorrido. La movilización es un elemento fundamental, pero existen otros elementos que no pueden faltar.

1. ESTUDIO DE LAS NECESIDADES

A partir de la organización de un grupo que se disponga a pensar y a organizar a la masa, es indispensable el conocimiento de la realidad que ella vive. Sin

estúdio y conocimiento científico de la realidad es imposible saber por dónde comenzar y por dónde conducir el Movimiento. Es necesario *imponerse* ese desafío.

El conocimiento de la realidad debe referirse a vários aspectos como: situación de explotación y miseria em que vive la masa, problemas que enfrenta, actividad productiva que desarrolla, cantidad y calidad de la masa, historia de las luchas desarrolladas y sus resultados, fuerzas que dominan y controlan a la masa (de derecha y de izquierda), quiénes son sus referencias, disposición de lucha, estado de ánimo, cultura predominante, símbolos y creencias, sentimientos, tabúes, diversiones, grado de alfabetización, localización geográfica, posibilidad de articulación y ampliación del Movimiento.

A partir de la recolección de los datos, es posible elaborar un análisis detallado de la realidad, e identificar las necesidades que tiene la masa.

2. LA CONVIVENCIA

Del conocimiento de la realidad debe resultar la *convivência* con la masa. No basta con leer en los libros o elaborar tesis; la organización de la masa también tiene su lado afectivo. Sólo es posible ganar el reconocimiento de la masa *estando junto a ella*.

Esta *convivencia* puede demorar más o menos tiempo, dependiendo de la capacidad de aglutinación y de relacionamiento que tengan los militantes.

La *convivencia*, que es el *contacto directo* con la masa, puede tener diferentes formas; basta estar atentos y aprovechar las oportunidades que la propia masa ofrece. Es necesario crear las formas y los medios para construir la relación y establecer contactos permanentes.

Los contactos con la masa no pueden ser esporádicos u oportunistas, que sólo favorezcan los intereses de los otros. No podemos fortalecer el *error* y la dominación, sino que tenemos que partir de ellos para llegar a la conciencia y a la organización de la masa.

3. LA FORMULACIÓN DE LA PROPUESTA

La masa puede no tener conciencia de los problemas que tiene, pero sabe muy bien las dificultades que enfrenta. Sabe todo lo que falta, pero no sabe las causas ni quiénes son los culpables. Es por eso que tiene dificultades para orga-nizarse por sí misma.

La masa se agrupa en torno a propuestas concretas que planteen resolver sus problemas inmediatos, sean económicos, de salud, educación, vivienda, tierra, etc,

Los dirigentes necesitan saber formular las propuestas y tener la capacidad de convencer a la base de que estas propuestas son las mejores. Por lo tanto, la propuesta tiene que ser:

- a. *concreta*, ligada directamente a los problemas que la masa enfrenta;
- b. *comprensible*, la masa necesita comprender lo que se está proponiendo; de lo contrario, nunca se sentirá motivada a participar;
- c. *justa*, la propuesta tiene que ser hecha en el momento correcto; no puede ser ni muy atrasada (plantear algo que ya esté superado), ni muy avanzada, que cause desconfianza.

El convencimiento de la masa no se da por la imposición de las propuestas, sino por la explicación, la discusión y la comprensión de que llegó el momento esperado.

Para elaborar la propuesta, hay que considerar la realidad y las posibilidades para su ejecución.

4. LA PLANIFICACIÓN

La formulación y presentación de la propuesta debe estar acompañada de la planificación para su ejecución. Toda planificación tiene cinco partes constitutivas:

4.1. Definir los objetivos

Los objetivos son las determinaciones de lo que se quiere hacer y alcanzar. Por eso, no pueden ser tan “estrechos” que no lleguen a alcanzar resultados satisfactorios; ni tampoco tan amplios que nunca se consiga alcanzarlos.

4.2. Definir las actividades y buscar los medios

Las actividades deben ser definidas buscando la realización de los objetivos. Pero no basta sólo con definir las, hay que buscar los medios necesarios: *material*, autos, teléfonos, dinero, etc., y saber dónde conseguirlos.

Las actividades deben ser definidas en el conjunto, distinguiendo entre las más y menos prioritarias, pero teniendo en cuenta que todas ellas - por más simples que sean - son importantes para la realización del plan como un *todo*.

4.3. Definir las tareas y los responsables

La definición de las actividades debe culminar en la distribución de tareas y responsabilidades entre los militantes que van a ejecutarlas.

Existen tareas para todos. En la distribución de las mismas, hay que considerar la capacidad de los militantes: cada uno debe asumir la tarea que mejor se adapte a sus capacidades y cualidades individuales.

Las tareas deben movilizar muchos militantes. No puede haber centralización y sobrecarga de actividades en pocos compañeros.

La capacitación de los militantes para asumir tareas debe ser parte de la programación, ya que todos tienen el deber de saber hacer bien todas las tareas que asumen. Es importante multiplicar los conocimientos, los militantes y las actividades.

4.4. Definir las metas y el tiempo

La planificación debe prever *metas* a ser alcanzadas. Las metas no pueden ser ni demasiado *osadas*, haciendo que su cumplimiento resulte *irreal*; ni tan modestas que desestimen a los militantes.

Dependiendo de los objetivos y de la planificación, podemos dividir las metas de *corto, mediano o largo plazo*. Por eso, debemos distinguir las tareas que llevan más o menos tiempo para ser ejecutadas. Un militante nunca puede estar ocioso. Si algunas tareas son de corta duración y la planificación requiere más tiempo para su ejecución, es necesario distribuir nuevas tareas para que los militantes continúen contribuyendo *a tiempo completo*.

4.5. Prever evaluaciones constantes

Las evaluaciones no deben realizarse solamente al final de la ejecución de lo planificado.

Las evaluaciones sirven tanto para corregir los errores y rectificar la práctica, como para evaluar el desempeño de los militantes en el cumplimiento de las tareas.

Las evaluaciones deben ser realizadas constantemente, examinando las partes y el todo de la planificación.

5. LA MOVILIZACIÓN PERMANENTE

Para que un movimiento de masa se imponga como una fuerza social, es preciso que haya movilizaciones y luchas permanentes. La masa crece y se educa cuando se moviliza. Forma, cualifica a los militantes, y atrae a los indecisos.

La fuerza de la masa está en su potencial de movilización y organización.

Las movilizaciones no pueden ser distanciadas unas de otras. Cuanto más se moviliza, más se educa y se disciplina en la participación.

Las movilizaciones siempre deben traer triunfos materiales. No basta alcanzar victorias políticas. Esto es importante para la organización y para los militantes. La masa necesita conquistas económicas para mantenerse estimulada y continuar en la lucha.

6. LA ORGANIZACIÓN Y LA ESTRUCTURA ORGÁNICA

Movilizar es diferente de *organizar*. El movimiento de masas, además de movilizarse debe estar profundamente organizado. Sin movilizar es difícil organizar. Una cosa depende de la otra.

Para mantener a la masa organizada, es necesario que esté movilizarse de forma permanente.

Dos factores unen a la masa: la "fiesta" y las "dificultades". La *fiesta*, puede ser entendida como celebraciones, caravanas, conmemoraciones, caminatas, etc., y es donde la masa considera que es importante estar presente. Las *dificultades* pueden ser entendidas como catástrofes, falta de agua, luz, remedios, tierra, salarios, etc.

Para organizarse, el movimiento de masas necesita de una *estructura orgánica* con dirección, coordinación, comisiones, departamentos, núcleos, etc.

La dirección debe ser constituida por los mejores compañeros; es decir, los más capacitados en formular propuestas, elaborar métodos de trabajo, hacer análisis, ubicar a los militantes, orientarse por cuenta propia en el trabajo, hacer crítica y autocrítica y ser ejemplo para los militantes. En fin, "*el dirigente debe ser la imagen y semejanza de la organización*", y viceversa.

Los dirigentes deben ser bien seleccionados para que puedan trabajar de forma colectiva y desarrollar bien las tareas individualmente.

Tenemos varios *tipos de dirigentes* que están dispersos dentro de las organizaciones. Podríamos hacer la siguiente diferenciación:

6.1. El militante dirigente

Son los compañeros que cargan consigo muchas deficiencias y militan en algunas actividades de la organización, pero aún están en un nivel de militante. Están en la dirección por indicación, pero no consiguen pensar y dirigir *el todo* de la organización.

6.2. El dirigente militante

Es militante en la práctica por desarrollar actividades, pero tiene la capacidad política de dirigente. La propia práctica y la referencia en la base lo reconocen como dirigente. No siempre está en la dirección oficial, sin embargo la masa lo reconoce como tal.

6.3. El funcionario dirigente

Es al que le gusta la burocracia. Generalmente se hace pasar de sabiondo y conecedor de todo, pero no sale de atrás del escritorio ni incentiva a nadie. Quiere

siempre estar informado de todo lo que pasa, porque passando las informaciones se pone en una posición de que "somos nosotros" los que estamos haciendo.

6.4. El dirigente funcionário

Desarrolla tareas burocráticas y administrativas como prioridad, pero no simplemente se atiende a ellas; sino que intenta estar vinculado de una u otra forma al movimiento de masa como un todo

Todo asesoramiento aconseja a la dirección, porque es a través de los análisis que se toman las decisiones. Muchos dirigentes se ponen como asesores, pasan las informaciones, pero no son capaces de dar un paso en la programación y en la ejecución de las tareas.

6.6. El dirigente "asesor"

Es parte de la dirección, es reconocido como tal y procura aportar a todas las discusiones con nuevas informaciones. Intenta capacitar y calificar a los demás dirigentes que son parte de la dirección.

6.7. El formador dirigente

Dirige a través de la formación, pero no se involucra con *el todo* de la organización. Generalmente desarrolla actividades desligadas del movimiento de masa. Ocupa cargos en la dirección, aunque en forma incompleta e insuficiente.

6.8. El dirigente formador

A través de la práctica consigue capacitar a los militantes y orientarlos, sin ser un simple profesor. Por conocer *el todo* de la organización, desarrolla tareas de formación relacionadas con la programación del movimiento de masas. En el propio curso de la formación, logra distribuir tareas y ubicar a los cuadros en tareas adecuadas.

El movimiento de masas sin estructura orgánica es un movimiento sin sustento.

Dentro de un movimiento de masas, se debe nuclear a los militantes para que las discusiones y decisiones sean tomadas de forma colectiva y participativa. Los militantes también participan de la dirección en la medida en que participan de las discusiones.

7. ARTICULACIÓN DE LAS LUCHAS

Por más fuerte que sea, ningún movimiento puede sobrevivir sin articulación con otros movimientos o con otras fuerzas importantes. Esta articulación debe apuntar a acumular más fuerza para desgastar y pegar con más fuerza al enemigo.

La articulación no debe crear dependencia o traicionar los principios de la organización, satisfaciendo intereses individuales o de grupos oportunistas. En la articulación de las diversas luchas que desarrollan las diferentes fuerzas, debe primar el *carácter clasista*; buscando alcanzar objetivos tácticos, inmediatos y estratégicos.

8. COMBINACIÓN DE LAS DIFERENTES FORMAS DE LUCHA

La organización de masa no debe cerrar-se en desarrollar solamente *una* forma de lucha y de presión. Debe buscar la combinación de las diferentes formas, para confundir al enemigo y atacar en diferentes frentes. Para cada situación concreta se deben elegir diferentes formas de lucha y de presión.

Las formas de lucha deben ser combinadas con las situaciones e intereses internos, y las situaciones e intereses de otras fuerzas que luchan por sus derechos. Aunque los objetivos tácticos sean diferentes, debemos siempre unificar y combinar los objetivos estratégicos con otras organizaciones.

Las luchas deben ser desarrolladas en los diferentes frentes; sea en la tierra, en las fábricas, en las escuelas, en los bancos, en el parlamento o en la lucha más avanzada. Lo importante es que haya una combinación entre ellas, y que se busque la participación de la base como un todo.

TRABAJO DE BASE, TRABAJO DE MASAS Y TRABAJO DE GRUPO

Autor: Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Sem Terra – MST Brasil

Data: ?

Acesso: Artigo selecionado do livro do Setor Nacional de Formação do MST - Brasil: Método de trabajo y organización popular, Buenos Aires, El Colectivo - Colectivo Ediciones, 2009. Disponível na Cartilla ao 4º Campamento Nacional de Formación del Frente Popular Darío Santillán “Construyendo Organización de Base y Poder Popular. Experiencias latino-americanas de Poder Popular”, noviembre de 2009, pp. 23-42. Pode ser acessada em <<http://formaciondelfrente.blogspot.com.br/>>. Não foi encontrada sua versão em português.

Mucho se escucha hablar de "movimiento de masa", que "quien tiene fuerza es la masa", que "todo debe ser hecho con la base", y cosas por el estilo. Este principio de organizarse y mantener vinculación con la base es correcto, porque si algo debe ser hecho orientado a la transformación de la sociedad, sólo sucederá si la masa está organizada, participando activamente del proceso de liberación. Esta es una tarea que nadie podrá hacer por la masa. Ella debe ser parte fundamental de esta historia.

Sin embargo, existe también el *trabajo de grupo* que, sin estar disociado del de masa, es tan importante como el primero; pues en esta lucha contra la dominación hay tareas para todos. Quien sólo hace un trabajo y no hace el otro, quiere andar con una sola pierna. Y para andar correctamente, sabemos que es importante tener las dos piernas en perfecto estado para caminar a pasos lentos, si es necesario; pero también para correr, si el momento así lo exige.

1. EL TRABAJO DE ORGANIZACIÓN DE LA MASA EN LA BASE

Entendemos por **masa** al conjunto de los trabajadores y trabajadoras que están siendo explotados, que se encuentran dispersos y sin organización que los vincule a una estrategia de superación de sus dificultades. Por ejemplo: todos los y las trabajadoras Sin Tierra son parte de la masa de trabajadores que trabajan la tierra pero que no la poseen, y que por eso son explotados en su proceso de trabajo.

Cuando esos trabajadores son incorporados por algún *trabajo de base* - trabajo popular que busca la articulación con el fin de luchar por la conquista de sus derechos -, el grupo que se mueve, que se junta en la lucha y construye organización, se transforma en **base**. O sea, la base es aquella parte de la clase explotada (masa) que decide y se dispone a dar sustento a un proceso de cambio interno y externo, propio y de la realidad en la cual actúa. Y que decide hacerlo a través de la organización y de las luchas colectivas y políticas.

Ahora bien, también podemos hablar de *trabajo de masa*, o *tareas de masa* para referir-nos justamente a acciones masivas. Por ejemplo, dentro del MST, el trabajo de masa se refiere a las movilizaciones, las ocupaciones y demás acciones programadas para conquistar la tierra y otras reivindicaciones. Por su parte, entendemos el *trabajo de grupo* como la organización de los núcleos, de los grupos-motores, los sectores pero, fundamentalmente la organización de los núcleos dentro de los campamentos y asentamientos; que es donde está constituida la *base* del MST.

El trabajo de organización de base tendrá complicaciones si no tiene algunos *principios* que orienten esa organización. Entre los más importantes, podemos citar:

1.1. Las masas por sí solas se movilizan, pero no se organizan

Es común ver movilizaciones de masa. Esto no es difícil que ocurra, porque la masa tiene necesidades por las que se moviliza espontáneamente.

Sin embargo, *movilizar* es diferente de *organizar*. La *movilización* puede apenas dirigir-se a lo inmediato pero después de realizado o no el intento, la masa se dispersa nuevamente. La *organización de la masa* parte de lo inmediato - por eso moviliza - pero apunta a la continuidad de esa movilización. Y eso sólo es posible si hay organización.

1.2. La masa quiere respuesta a sus problemas

La masa no necesita preguntas, ya tiene demasiadas. Necesita respuestas que busquen resolver o solucionar sus problemas. Estas respuestas generalmente son dadas en forma de propuestas que apunten a la participación de la masa, para que ella misma tome parte en la solución de sus problemas. Por lo tanto, pretender organizar a la masa sin respuestas concretas, es caer en el vacío; porque nadie lucha porque le parece bonito o por una satisfacción personal. Todos quieren soluciones concretas para sus problemas.

1.3. La masa tiene diversos niveles de comprensión

La masa no es un cuerpo homogéneo que posee una única forma de entender y conocer las cosas. El origen individual de cada uno, pero sobre todo el individualismo exacerbado por el sistema mercantil-capitalista, influye en la forma de pensar y analizar las cosas de manera diferenciada.

Podemos decir que en la organización de masa encontramos *tres tipos diferenciados* de comportamiento.

- a. *El que se convence con una propuesta.* Existen compañeros que para convencerse, les basta la formulación de una propuesta que apunte a resolver sus problemas. Para este nivel de compañero, no hay necesidad de otras formas de convencimiento porque ya entendieron, y sólo esperan el llamado final.

- b. *El que requiere también de una explicación.* Existen compañeros que escuchan la propuesta, concuerdan con ella, pero quieren saber otras cosas porque la propuesta sola no les convence. Para este nivel, que duda de la justeza de la propuesta, es necesario buscar nuevos elementos que puedan dar mayor información.
- c. *El que quiere además un ejemplo.* Para muchos compañeros la propuesta sola no basta para convencerles; quieren también explicación sobre los detalles y además, uno o varios ejemplos para comprobar que se trata de una propuesta justa. Sin esto, se distancian de la organización, e intentan desmerecer la propuesta intimidando a quienes la aceptan desde el primer momento.

Es importante tener presente estos elementos, para no simplificar la propuesta pensando que todos entendieron.

1.4. La masa tiene necesidades y aspiraciones

La masa tiene necesidades y aspiraciones propias. Para que las propuestas sean justas, deben partir siempre de las necesidades, e ir en dirección de las aspiraciones que tiene la masa. Muchas veces las aspiraciones del dirigente no son las mismas que las de la masa. Em este caso es necesario desarrollar un trabajo ideológico para hacer que las aspiraciones de la base adquieran um carácter político y revolucionario.

1.5. Todo se extrae de la masa

La masa es fuente inagotable de todo lo que se necessita para la organización. Sólo depende de la capacidad y creatividad de los dirigentes.

1.6. La masa aprecia la acción. No le gusta la discusión

La masa siente placer cuando se moviliza. Por tanto, en las asambleas y reuniones quiere ir directo al asunto, que es resolver sus problemas inmediatos. Las discusiones que la masa realiza son en torno a sus propias propuestas y no se detiene mucho tiempo en discusiones que siente que no le darán resultados.

Los líderes y dirigentes necesitan saber el momento exacto de culminar un evento para no hacerlo demasiado largo y tedioso, O diluirlo por completo.

1.7. La masa necesita victorias

Nadie se moviliza de forma permanente si la movilización no trae resultados concretos. Las victorias, por más que sean pequeñas, deben ser conmemoradas y destacadas para que sirva de estímulo para continuar con las movilizaciones.

Las victorias necesitan ser también materiales. No pueden ser sólo políticas porque las reivindicaciones son concretas, y es por ellas que hay las movilizaciones.

1.8. La masa necesita referencias

La masa tiene gran sentido y valora a sus líderes, símbolos, a su organización, etc. Es importante destacar este aspecto y ponerlo al alcance de sus manos. Hay muchas cosas que no bastan sólo con verlas; la massa necesita tocar, abrazar, cargar, etc.

Los dirigentes deben crear las condiciones para que esto ocurra. El gusto por el símbolo es deseo de la liberación. Cuanto más se apega la masa a los símbolos, a los líderes y a la organización; más lucha, más se moviliza y más se organiza.

1.9. La masa organizada es base permanente

La masa organizada pasa a ser *base* permanente de movilización. Esto ocurre cuando las reivindicaciones no son solo inmediatas, sino que necesitan obligadamente de la movilización continua para garantizar las conquistas.

La masa organizada establecerá algunas referencias, no sólo en torno a la propuesta formulada, sino también en torno a sus líderes, sus símbolos y su organización como tal.

Para mantener a la masa organizada, y permanentemente movilizada, se requieren determinadas condiciones.

- a. *Tener una organización.* Esta organización es la que posee una estructura orgánica, reconocida por la sociedad o por la categoría social a la que agrupa. Además de eso, debe tener:
 - *un programa* que sea resultado del análisis sobre la situación de la sociedad en general, y de la identificación de los principales problemas y necesidades de la masa. A partir de eso, las propuestas son formuladas señalando *lo que se quiere y cómo* se quiere realizar. Dentro del movimiento de masas, el *programa* se basa en las evaluaciones políticas que la organización hace de la realidad, y en las líneas políticas que son asumidas por ella apuntando a alcanzar los cambios necesarios;
 - *una estrategia* que es *el camino* definido, buscando adecuar las luchas y acciones inmediatas a lo que se propone alcanzar a largo plazo. El movimiento de masas no puede sólo quedarse en lo inmediato. Debe proyectarse y proponerse alcanzar metas más amplias en un período más largo. La *estrategia* puede también ser entendida como *la síntesis final* de un programa, caracterizado como el conjunto de todas las luchas y presiones desarrolladas en un período determinado;
 - *tácticas* son las acciones realizadas en el día a día, dirigidas hacia la consecución de la estrategia. En el movimiento de masas, las *tácticas* son todas las formas de luchas utilizadas y combinadas entre sí, realizadas constantemente en un determinado período. La realización de las líneas políticas será posible si el movimiento de masas logra desarrollar un plan táctico, que se concrete en las distintas líneas de acción.

- b. *Tener una dirección.*** Esta dirección es importante porque debe asumir la responsabilidad de dirigir la organización, elaborar métodos de trabajo, formular propuestas, analizar la realidad, buscar recursos, programar las actividades, ubicar los líderes y cuadros, formar más compañeros para la lucha, distribuir las tareas de acuerdo con las capacidades, controlar la organización y aplicar todos los principios revolucionarios asumidos por la organización.
- c. *Tener un plan de lucha.*** La organización no puede vivir de lo inmediato, o movilizándose sólo cuando los problemas están avanzadísimos y difícilmente se consigan resultados positivos. El plan de lucha debe hacerse con anticipación, previendo su ejecución y continuidad. Para hacer el plan de lucha, es necesario seguir algunos pasos:
- Definir las actividades: detallar qué tipo de actividades se desarrollarán de acuerdo con cada objetivo, y cómo serán ejecutadas.
 - Definir quiénes serán los *ejecutores*. Para cada actividad es importante que haya alguien encargado de realizarla. Es necesario también definir el tiempo necesario para la ejecución de cada parte. El *tiempo* es el periodo necesario para que se puedan ejecutar las tareas.
 - Prever evaluaciones. Todo trabajo, por más perfecto que sea, debe ser evaluado para darle continuidad, revisar los errores y hacer las modificaciones necesarias.
- d. *Multiplicación y selección de cuadros.*** La base precisa de canales de comunicación directos y permanentes **con la dirección, así como la dirección necesita establecer** vínculos directos y permanentes con la base.

La forma correcta es tener muchos cuadros actuando conjuntamente con la dirección, dentro de la organización de masas. Sólo es posible interpretar y asimilar los conocimientos y aspiraciones de la base si los dirigentes y líderes actúan junto a ella. Esta participación activa tiende a crear referencias con credibilidad ante la base y la sociedad.

La propia base proyecta sus líderes. Por tanto, es necesario que ellos demuestren coherencia y asuman las responsabilidades impuestas por ella misma y por el proceso político.

Los cuadros se multiplican de acuerdo con las necesidades. No existen líderes *auto nombrados*; sino que son reconocidos como tales de acuerdo con las actividades que desarrollan. Por esa razón, es necesario multiplicar la cantidad de compañeros en la distribución de las tareas, y asegurar su formación política. De esa forma, todos los cuadros podrán estar en condiciones de apropiarse de la cultura política y estar preparados para contribuir con profesionalismo en la organización de la masa.

- e. *Desarrollar una mística revolucionaria.* La masa, por más problemas que tenga o por más dificultades que sienta, siempre reserva un espacio para la alegría y la celebración. Por eso, el *trabajo* de *base* no puede ser frío y sin motivación. Es necesario desarrollar una mística adecuada a las condiciones concretas, utilizando elementos de la propia realidad.

La mística debe ser desarrollada sobre la base de los *dos elementos básicos*; es decir, contemplando las *necesidades* y *aspiraciones* de la masa; adecuando el presente con el sueño de liberación futura. O sea, *anticipar el futuro* sin perder de vista las condiciones reales del momento actual.

1.10. La educación y la formación de la masa

La masa se educa *en movimiento*; crece y se forma en las acciones concretas. Las movilizaciones permanentes posibilitan una convivencia política donde aprenden a valorar su organización y sus proyectos. La *disciplina* de *participación constante* es parte del aprendizaje colectivo.

No es raro encontrar grandes concentraciones donde la base está *indispuesta*, "pacífica", sin iniciativa para luchar. En otras palabras, la convocatoria no es suficiente para *participar*. Es necesario desarrollar un método que posibilite despertar el interés por la participación.

La masa no es ignorante. Puede estar desinformada y desmovilizada, pero esto no significa que no pueda asimilar conocimientos y elevar su nivel de conciencia.

La masa se forma y se educa a partir de las necesidades que tiene, participando activamente en las luchas, movilizaciones, asambleas, en los debates públicos, etc.

El contenido ideológico y político de la formación debe ser planeado y transmitido en los momentos de movilización o a través de diferentes medios de comunicación.

2. TRABAJO DE GRUPO

El *trabajo* de *grupo*, al mismo tiempo que tiene características propias, también es parte del trabajo de masa. No basta reunir personas y decir que tenemos un grupo. Para considerarse *grupo* de forma permanente, tiene que reunir tres elementos básicos.

- a. *Tener objetivos claros.* Saber por qué se está reuniendo el grupo y lo que se quiere alcanzar con él; caso contrario será un grupo momentáneo, o se reunirá sólo cuando sea conveniente para sus miembros.

- c. *Tener un plan de trabajo.* Este plan de trabajo y discusión garantiza que las actividades del grupo estén en sintonía con el trabajo de masa.
- d. *Estar de acuerdo con el proyecto político de los trabajadores.* No importa cuáles sean las actividades del grupo. Lo importante es que complementen las múltiples acciones que son desarrolladas al mismo tiempo, para fortalecer la propuesta y el proyecto político de la clase trabajadora.

2.1. Tareas de grupo y tareas de masa.

Existen tareas que sólo el grupo puede realizar. Existen tareas que sólo las masas pueden hacer. La diferencia entre uno y otro es que las *tareas de masa* deben ser preparadas y discutidas en el grupo y con todos sus miembros. En cambio, las *tareas de grupo* deben ser discutidas en el grupo simplemente y ejecutadas por él. Toda movilización de masas que sea preparada a través de discusiones preliminares en grupo, tendrá mayor eficiencia, porque posibilita:

- a. discutir detalladamente la propuesta;
- b. unificar las opiniones, los acuerdos;
- c. eliminar las dudas;
- d. actuar conscientemente;
- e. distribuir tareas entre los militantes.

Lo que debe sustentar la movilización de masas es la organización y la discusión de grupo.

2.2. Nadie destruye el trabajo de grupo

El trabajo de masa que se hace sólo con la masa, corre el riesgo de venirse a bajo. Muchas veces por una simple contrainformación o amenaza, se echa todo a perder.

El trabajo de grupo es más seguro, porque la referencia de las personas pasa a ser el grupo. Cualquier duda puede ser aclarada allí mismo, junto con los compañeros.

En el *trabajo de masa*, la distancia entre la duda y su aclaración es muy grande; porque si no hay alguien que la aclare en el momento preciso, la duda puede fortalecerse aún más, y la mentira pasar como verdad.

El *trabajo de grupo* solamente se desintegra cuando el enemigo logra infiltrarse; pero aún así, es posible que destruya sólo ese grupo, sin conseguir dañar al conjunto de los mismos.

2.3. Agilidad y eficiencia

El *trabajo de grupo* imprime mayor agilidad y eficiencia a las movilizaciones y discusiones dentro del *trabajo de masa*. Además, proporciona garantías que con el simple trabajo de masa es difícil establecer.

El *trabajo de masa* es perfecto cuando es preparado con anticipación y evaluado posteriormente. Y justamente son los grupos los que deben asumir este desafío, porque tienen facilidad y agilidad para reunirse y hacer las discusiones.

2.4. Organicidad al trabajo de masa

Los grupos dan forma y cuerpo al *trabajo de masa*, lo sustentan.

La represión puede y tiene facilidades para disolver las movilizaciones de masa, pero difícilmente desmoviliza el trabajo y la organización de grupos; pues la movilización de base es, en este caso, la confluencia de todos los grupos.

2.5. Trabajo permanente

El *trabajo de grupo* difícilmente entra en crisis o en reflujos, porque en periodos en que no hay movilizaciones de masas posibilita desarrollar actividades sólo para los grupos. Estas actividades pueden estar relacionadas a futuras movilizaciones de masas, o ser actividades específicas de los grupos que no se dirijan a la movilización.

El *trabajo de grupo* y el *trabajo de masa* son dos caras de la misma moneda. Uno depende del otro; ambos se complementan.

Dentro del MST, el *trabajo de masa* se refiere a las movilizaciones y demás acciones programadas para lograr la conquista de la tierra y las otras reivindicaciones que complementan esta actividad. Para nosotros, el *trabajo de grupo* debe ser entendido como la organización de los núcleos, los grupos-motores, los sectores, pero fundamentalmente, la organización de los núcleos dentro de los campamentos y asentamientos, que es donde está constituida la base del MST.

Sin embargo, ni el *trabajo de masa* ni el *trabajo de grupo* se organizan espontáneamente. Es necesaria mucha dedicación y persistencia para que haya continuidad. De lo contrario, pasa a ser apenas una concepción política infructífera, que jamás producirá resultados.

CARTILHA DE FORMAÇÃO

TRABALHO DE BASE

Autor: Sector Estudiantil del Frente Popular Darío Santillán (Argentina)

Data: 2008 (?)

Acesso: O presente texto é uma versão traduzida do original que pode acessada em <Cartilha - Trabalho de Base.doc>, correções não foram verificadas. A versão original pode ser acessada em <<http://estudiantesenelfpds.blogspot.com.br/2009/07/cartilla-de-formacion-en-trabajo-de.html>>

Chamamos de **Trabalho de Base** a prática de comunicar-se com as pessoas para transmitir para elas nosso projeto político e nossa concepção de mundo. Isso implica duas coisas: por um lado, uma crítica às diferentes formas de opressão sobre as quais se assenta esse sistema hegemônico, que consideramos profundamente desigual e injusto. Por outro, uma proposta a seguir, ou seja, alternativas concretas que apontem para uma construção cotidiana de novas relações entre nós e nossas com a natureza, e dessa maneira a criação das bases para uma sociedade que supere o capitalismo atualmente dominante. Significa, então, percorrer um longo caminho de acumulação de poder popular e de desorganização das bases de poder das pequenas elites sociais, as quais reproduzem seus privilégios à custa da exploração de milhões de pessoas. Tudo isso dito em termos bem gerais.

Trabalho de Base:

Em termos mais concretos, o trabalho de base toma diferentes formas de acordo com o setor da sociedade com o qual estamos lidando: trabalhadores desempregados, trabalhadores empregados (ou sindicalizados e não sindicalizados), estudantes, camponeses, etc. Cada setor é uma parte do todo, e o trabalho de quaisquer dos setores só tem sentido quando se busca uma confluência com o resto, de modo que se possa articular um caminho conjunto, e assim ir se reconhecendo mutuamente enquanto sujeito coletivo de transformação.

Nossa base são os estudantes, e a Universidade é nosso lugar central de construção e disputa.

Porque disputar a Universidade?

Entendemos que a Universidade é uma trincheira fundamental nessa luta. Entendemos a importância de questionar e criticar o conhecimento que a Universidade produz, o tipo de profissionais que forma e os interesses e necessidades aos quais essas instituições respondem; tudo isso, para avançar na disputa ideológica e na luta por uma Universidade orientada a satisfazer as demandas do povo e para

problematizar a respeito da socialização do conhecimento e do papel de uma Universidade que restringe esse processo.

Para os que pretendem manter a dominação, também, a Universidade é fundamental. Para eles, é uma instituição-chave enquanto formadora de quadros técnicos e intelectuais necessários para a reprodução da sociedade como estabelecida atualmente. Os agrônomos, veterinários, engenheiros, por exemplo, para a direção da produção agropecuária e industrial. Os físicos, biólogos, matemáticos, etc., para a produção científico-tecnológica. Os advogados, que além de sustentar o poder judicial, engrossam as filas das câmaras de deputados e senadores, além de outros postos da direção estatal. Os contadores e economistas para a administração das empresas e o assessoramento técnico. Os jornalistas e intelectuais como formadores de opinião, os professores para o sistema educativo, etc.

O trabalho de base na Universidade, então, consiste em traçar pontes de comunicação com os estudantes, e também com os docentes e servidores, para transmitir-lhes o que tenhamos a dizer, e escutar o que tenhamos que escutar. E aqui aparece um primeiro conceito forte que defendemos: o trabalho de base é, para nós, um diálogo entre sujeitos, uma ida e volta, e não uma repetição mecânica de um discurso que aprendemos a recitar como papagaios. Não nos dirigimos a uma massa de pessoas, a um rebanho combativo ou a meros votos com corpos de homens e mulheres, mas sim, pelo contrário, nosso trabalho de base está amarrado com a concepção de que qualquer ser humano é capaz de traçar seu próprio destino, de decidir seu caminho na história da humanidade. Isso implica toda uma concepção do “outro”, na qual o receptor não é um quadro em branco, mas sim alguém que opina, que pensa e que interpreta a realidade com categorias de análise que foi construindo ao longo de sua vida. Isso significa que não construímos no vazio: confrontamos com uma bateria de ferramentas com as quais as classes dominantes vão militando sua própria visão de mundo, vão contando as coisas como lhes convêm e vão fazendo a maioria das pessoas acreditarem que elas têm que fazer o que é convenientemente para essas classes dominantes. Isso é o que o italiano Antonio Gramsci chamou de “hegemonia”, ou seja, a criação de consensos sociais que legitimem e naturalizem as relações de dominação, que em última instância se garantirão sempre sobre a base dos aparelhos de coerção estatais ou paraestatais.

Essas ferramentas com as quais a burguesia constrói sua hegemonia atuam dentro e fora da Universidade: desde os meios massivos de comunicação até os critérios de avaliação nas provas, passando por centenas de estratégias, mais ou menos eficazes.

E, contra tudo isso, fazemos o nosso próprio trabalho de base. À militância deles, nós nos contrapomos com nossas próprias estratégias de construção contra-hegemônica. À seu discurso único, totalizador, nós contrapomos com formas de concepções alternativas, com outras formas de nos relacionarmos com o mundo e no mundo, com nossos sonhos e com outra concepção do sujeito, um sujeito que pode

decidir por si mesmo e incidir e transformar a realidade; algo completamente contrário ao papel que o capitalismo nos impõe, que oscila entre escolher em quem votar e/ou escolher o que comprar. Nosso trabalho de base busca desenvolver, portanto, uma função essencialmente pedagógica e uma prática libertadora.

Três momentos para o trabalho de base

A efetividade do trabalho de base depende do grau de sistematização com que ele se desenvolve. Nesse sentido, podemos distinguir três momentos diferentes:

a. DEFINIÇÃO DE OBJETIVOS

É importante discutir previamente de forma coletiva o que se busca com cada ação, e em função disso avaliar as metodologias mais convenientes. É preciso ter claro os objetivos que se persegue com determinada ação ou metodologia de luta, mas também é necessário medir a correlação de forças de cada conjuntura e estabelecer um diagnóstico da base, ver o que a base está dizendo, não para impor um limite “objetivo” ao nosso discurso, mas sim para tomá-lo como um ponto de partida para a própria definição de objetivos.

Cada atividade tem características próprias e aponta mais em um sentido ou em outro segundo os diferentes casos:

a.1) Atividades de formação e disputa do conhecimento

Esse tipo de atividades são as que, tendo bastante clareza de nossos objetivos, nos vão servir para problematizar com o estudante e questionar a formação que nos dá a Universidade, o conteúdo dos planos curriculares e a forma de ensino. São espaços que servem para desenvolver conteúdos alternativos, desde outra perspectiva ideológica e colocá-los em discussão. Da mesma forma, servem pra desenvolver a construção do conhecimento coletivo, em contraposição à “educação bancária”, na qual o aluno é considerado um recipiente vazio que precisa ser preenchido pelos saberes que o professor o transmitirá. É importante não subestimar a potencialidade dessas instâncias, além de fazer um acompanhamento das pessoas que participam, juntar e-mails para fazer uma lista, formar grupos de estudos, convidar para atividades semelhantes ou para ajudar a organizar alguma atividade. Sempre entendendo esse acompanhamento como um processo, no qual é necessário ir medindo concretamente cada caso particular e, com base na relação ou na referência que cada um possa ter de nós, saber qual vai ser o próximo passo.

Duas atividades que se podem enquadrar dentro desse grupo são os Estágios Interdisciplinares de Vivência (EIVs), como atividades vivenciais na qual se sensibiliza com a vida no campo e se observa as injustiças que os camponeses enfrentam diariamente; e, por outro lado, a disciplina de “Riquezas Naturais”, que permite problematizar não só a respeito da depredação das riquezas naturais, mas

também sobre para quem está orientada a formação universitária que tipo de profissional queremos ser.

a.2) Atividades de referência massiva

Servem para criar referência do coletivo no conjunto dos estudantes e para fazer a avaliação da base, de suas necessidades e de suas demandas; essas podem ser atividades de caráter mais corporativo². É importante definir bem o enfoque do eixo a ser tratado, porque essas atividades podem ser um primeiro passo para o debate e podem ser o ponto de partida na hora de estabelecer pontes para as questões políticas, de caráter mais problematizador. Além disso, essas atividades servem para nos legitimarmos para os momentos que convidaremos às mobilizações, na hora de colocarmos alguns debates ou fazer quaisquer outros tipos de atividades. Por exemplo: desde um boletim eletrônico sobre assuntos da Universidade, passando pela luta pelos direitos dos estudantes, como revisão de provas e ofertas de horários alternativos para uma disciplina obrigatória, até o oferecimento de uma oficina sobre globalização ou qualquer tema mais amplo, que tenha relações com os assuntos estudados na Universidade.

a.3) Metodologia de luta

Metodologias de luta: é indispensável medir a correlação de forças e fazer uma avaliação da situação da base para tomar como ponto de partida no momento de estabelecer os objetivos que buscamos alcançar com alguma ação concreta. Se não medirmos corretamente a correlação de forças, corremos o risco de embarcarmos em lutas que terminem sendo sustentadas por pequenos grupos sem apoio de ninguém e, portanto, sem perspectivas de vitória. Desta maneira, apesar da legitimidade da reivindicação, nossa ação termina sendo contraproducente, já que contribui com a nossa deslegitimação perante nossa base, ao mesmo tempo em que se difunde um sentimento de derrota que supervaloriza a força do inimigo e enfraquece a confiança em nossas próprias forças.

Com base nos objetivos definidos, se discute coletivamente qual é a metodologia mais adequada. Aqui entra em jogo nossa criatividade, assim como na tarefa de difusão e propaganda, através da qual não só convocamos para uma determinada ação, mas também expomos nosso projeto político; por isso, é necessário estabelecer estratégias de comunicação que sejam coerentes com a realidade cotidiana e com a análise que fazemos da situação da base.

b. ESCOLHA DAS METODOLOGIAS

Esse é um aspecto fundamental no trabalho de base, e que exige uma grande flexibilidade e atividade criativa, atitudes que lamentavelmente não abundam no âmbito da esquerda universitária. Isso é importantíssimo, porque uma metodologia que dá resultados em uma determinada situação pode deixar de servir posteriormente, o que exige que desenvolvamos sensibilidade que nos permita perceber as mudanças no contexto e que nos anime a oferecer propostas alternativas que venham a preencher

os vazios. Isso tanto no que diz respeito às estratégias de difusão e comunicação (panfletos, cartazes, publicações, passadas em salas, nos corredores, correntes de e-mail, etc.), quanto no que diz respeito às próprias ações ou atividades para as quais convocamos. Podem existir, se nos propusermos a isso, outras formas de luta para além da trilogia assembleia / aulas públicas / mar-chas³. Mas para tudo isso, precisamos de imaginação e de iniciativa política.

Ainda que a escolha das metodologias seja algo que necessariamente tenha que relacionar-se diretamente com a análise de cada situação concreta, existem pelo menos três questões gerais para considerarmos:

1. As possibilidades de pensar os métodos mais convenientes a uma determinada conjuntura específica e de poder levá-las adiante na prática estão diretamente relacionadas com o tempo que tenhamos para fazer tudo isso. Por isso é importante desenvolver a capacidade de prever cenários e conjunturas e em função disso planificar os passos a serem seguidos, dividindo tarefas e responsabilidades entre os companheiros.

2. Envolver a maior quantidade possível de estudantes independentes na organização das atividades e criar espaços que deixem saldos organizativos para o depois da luta propriamente dita (grupos de estudos, projetos específicos, listas de e-mail, publicações coletivas, etc).

3. Não absolutizar os métodos: a claridade nos objetivos permite flexibilidade nas táticas.

c. *MOMENTO DE AVALIAÇÃO*

As atividades devem terminar com um balanço coletivo do que foi feito. É preciso assumir isso com a maior capacidade de sistematização possível, porque é isso que nos permite tirar conclusões concretas sobre os acertos e os erros de determinada ação. É preciso reservar um tempo para o balanço das atividades e registrar isso de forma escrita, de maneira que se possam utilizar as conclusões no futuro. A aprendizagem valiosa que se consegue através do acúmulo de experiência requer a incorporação de duas coisas à nossa prática militante: primeiro a de sistematizar as conclusões e depois a de recorrer a elas sempre que necessário (não serve para nada registrar saberes se não recorreremos a eles no momento de tomarmos decisões a respeito das novas conjunturas que se apresentam).

Vícios

- *O militante separado do estudante:*

Esse é um problema recorrente na militância universitária. Isso tem a ver com toda uma cultura e uma concepção instalada de que a “política” é algo afastado das

peças comuns. É uma concepção completamente conveniente às classes dominantes e por isso devemos combatê-la. Mas também tem a ver com vícios próprios à militância, que reproduzimos ano após ano e que contribuem com esse distanciamento. Alguns desses vícios são:

a. *Falar em uma linguagem que ninguém entende*

Na vida cotidiana das organizações e nas discussões com companheiros de distintos setores os militantes vão aprendendo categorias de análises e criando uma série de jargões e códigos próprios. É muito comum naturalizar certas formas de expressão e esquecer-se que nem todo mundo entende o mesmo com relação a certas palavras ou categorias (por exemplo: “burocratização”, “capismo”, etc.).

b. *Pressupor conhecimentos que os estudantes não têm*

Muitas vezes escrevemos panfletos ou fazemos passagens em salas sem nos preocuparmos muito com a relação que existe entre o que dizemos e o nível de informação ou as possibilidades de compreensão que os sujeitos aos quais queremos nos direcionar. Assim, por exemplo, falamos da importância do “Diretório Central dos Estudantes” ou da participação nos “Conselhos de Entidades de Base” sem explicar o que são cada uma dessas coisas.

c. *Pleitear questões absolutamente alheias à realidade da base*

Essa é uma questão chave e bastante complexa. Por um lado, é um erro convocar os estudantes a discutirem ou se mobilizarem por coisas que não lhes interessam sequer minimamente: não só seria como falar com as paredes, mas além disso contribuiríamos com a deslegitimação das razões de nossa luta. Nossa tarefa enquanto militantes populares é, por outro lado, problematizar coisas que no âmbito do senso comum não se questiona, que estão naturalizadas a respeito das quais não se vê, a princípio, nenhuma perspectiva de mudança. Dessa forma, às vezes é necessário falar de temas que não necessariamente importam imediatamente à maioria, e para isso é necessário saber gerar o interesse e a atenção dos estudantes aos quais nos dirigimos. Duas atitudes muito comuns atuam de forma contrária a esse objetivo: a ansiedade e a arrogância. Aqui é justamente onde está centrada a qualidade do trabalho de base: na sua dimensão pedagógica e criatividade com a que exercemos esse trabalho.

- Burocratização do trabalho de base: ações rotineiras sem objetivos claros:

Às vezes existe uma tendência a reduzir o trabalho de base a uma série de passos rotineiros que se desenvolvem mais ou menos mecanicamente. Pregador cartazes no início do dia, panfletar durante os intervalos, passar em sala anunciando alguma atividade ou ficar no centro acadêmico esperando pelos estudantes para responder perguntas ou questões sobre carteirinhas de estudantes. Isso, por si só, não tem nada de errado, já que tudo depende dos objetivos que guiam essas práticas. Em momentos

nos quais não estão claros coletivamente os objetivos de uma agrupação política, quando não existe uma apropriação do conjunto dos militantes a respeito do sentido do trabalho de base, surge uma concepção de “movimento de escritório”: são horas no centro acadêmico que se precisa cumprir, como um turno de trabalho, ou cumprir a passagem em sala em um número “x” de salas. O importante deixa de ser convocar para uma atividade ou transmitir uma ideia, e toda a intenção do militante passa a ser a de cumprir determinados objetivos mecânicos estabelecidos previamente. Nesse caso, o trabalho de base fica desvirtuado, porque ele fica deslocado do desejo do militante. Por isso, é muito importante ter clareza no sentido dos debates propostos e das atividades, e também que os processos de definição de objetivos gerem uma apropriação a nível coletivo.

- Menosprezar a sala de aula e o âmbito acadêmico como espaços de construção

Dentro das salas de aula existem relações de poder e lógicas de transmissão e produção do conhecimento que nós, militantes, em geral conseguimos desnaturalizar e questionar. Entretanto, não podemos esquecer nunca que é o âmbito acadêmico o grande estruturante da socialização e da vida cotidiana dentro de cada faculdade. O interesse dos estudantes está posto principalmente em questões acadêmicas, as formas de reconhecimento estão regidas por parâmetros acadêmicos, ou seja, existe toda uma cultura acadêmica que organiza a vida universitária e que não podemos ignorar se queremos desenvolver uma construção política com inserção real na base.

a. *O militante que não estuda corre em enorme desvantagem para o trabalho de base.*

Quanto maior é a mediocridade acadêmica, menor é a legitimidade que o militante tem entre seus colegas, e menor é sua credibilidade e capacidade de aproximação. Levar a sério o estudo (como parte da atividade militante, e não como um aspecto de sua vida privada) é uma condição básica para ter inserção entre os seus colegas. Isso tem a ver com as formas de reconhecimento que operam dentro da cultura acadêmica hegemônica, e vai para além dos conteúdos dos currículos (se são mais ou menos populares, mais ou menos progressistas, etc.). é o mesmo caso dos dirigentes sindicais: os que não são bons trabalhadores podem falar muito nas assembleias, mas não terão nenhuma capacidade de aproximação com os seus colegas (e isso apesar de que em uma fábrica capitalista trabalhar bem implica em aumentar a taxa de lucro do patrão).

b. *A mediocridade acadêmica dos militantes implica uma debilidade estratégica para a construção*

Subestimar a disputa acadêmica significa abandonar a luta ideológica dentro da Universidade. A produção do conhecimento é a razão estratégica pela qual a classe dominante pretende controlar as Universidades, e para disputar os conteúdos dos planos curriculares é necessário formar-se: primeiro para saber o que se está criticando, e segundo para saber o que propor como alternativa. Se esse plano da construção não é sólido, o resto dos planos perdem o sentido: lutar para que entrem mais estudantes na Universidade sem se preocupar pelo tipo de formação que eles

receberão implica deixar as coisas como estão; além disso, pode-se lutar pela democratização dos espaços institucionais, mas só conseguiríamos outorgar mais legitimidade a um sistema que produziria conhecimento em função dos mesmos interesses das classes dominantes.

PARA REFLETIR SOBRE A PRÁTICA

Autor: Coletivo de Educação Popular – Escola Bolivariana de Poder Popular

Data: ?

Acesso: Texto extraído do Caderno Dicas Ano 01 Número 01, disponível em <http://missaoruymaumarini.blogspot.com.br/p/publicacoes.html>

As dicas que se seguem não são apenas para serem lidas. Servem para orientar a prática de crítica e autocrítica nas várias instâncias da organização de que fazemos parte. O Objetivo principal das mesmas é contribuir para que superemos nossas dificuldades.

- 1) Que todos compareçam as reuniões. Se vierem poucos, valorizar a estes e trabalhar com os que estiverem presentes, sem ficar chorando a ausência dos demais: poucos e bons fazem mais do que muitos indecisos.
- 2) Nunca chegar atrasado e, se não der para chegar a tempo, pedir desculpas ao grupo: todos merecem respeito, tanto o que chega como os que já estão na reunião.
- 3) Durante o encontro não ficar procurando falhas nem nos dirigentes nem no comportamento dos companheiros. A desconfiança, a suspeita deve ser sempre esclarecida, diretamente com as pessoas e nas reuniões.
- 4) Aceitar sempre participar das comissões, trabalhos ou dar opiniões, porque realizar é melhor do que ficar criticando ou tirar o corpo fora.
- 5) Tanto no grupo como nas comissões em que tomar parte, trabalhar sempre, para não ser figura de enfeite.
- 6) Se alguém pedir opinião sobre um assunto importante, procurar dizer sempre alguma coisa (sem repetir o que já foi dito), mesmo que o assunto não seja simpático.
- 7) As maneiras de ver “como deveriam ser as coisas, devem ser externadas durante o encontro e não depois dele. A “índireta”, o fuxico, a fofoca o “levar-e-traz” corroem a convivência.
- 8) Ninguém deve fazer apenas o absolutamente necessário, mas procurar ajudar e encorajar os demais. As críticas também são formas de ajuda, desde que sejam construtivas e sejam feitas para melhorar.

- 9) Procurar ver sempre os encontros, festas ou outras atividades como uma oportunidade de confraternização e não de desperdício de tempo e de dinheiro.
- 10) Não ficar se queixando disto ou daquilo, importunando os companheiros com as mesmas doenças ou conversas, mesmo problemas e fofocas, mas viver interessado no crescimento do grupo e de cada pessoa.

Código moral incaico

“Um dos povos originários de nossa América Latina”

“Não seja ladrão,

Não seja mentiroso,

Não seja preguiçoso”

A IMPORTÂNCIA DA REUNIÃO

Autor: Coletivo de Educação Popular – Escola Bolivariana de Poder Popular

Data: ?

Acesso: Texto extraído do Caderno Dicas Ano 01 Número 02, disponível em <<http://missaoruymauromarini.blogspot.com.br/p/publicacoes.html>>

A reunião é o mecanismo por meio do qual se exercita o trabalho coletivo em qualquer nível. A reunião somente alcança este objetivo, além daqueles objetivos para os quais foi programada, quando se realiza da maneira organizada. Uma reunião desorganizada não deixa de ser uma "conversa", um encontro de amigos ou de compadres. Toda reunião, para ser operante, terá que ser organizada.

Entre indivíduos desorganizados, as reuniões não têm hora para começar nem para terminar; além disso, se realiza de maneira a mais anárquica imaginável. Os que gostam de aparecer se mostram felizes nesta reunião que não tem hora para terminar. Se a reunião não tem pré-estabelecido o tempo de sua duração, em geral se realiza de maneira desorganizada.

Uma reunião séria se compõe de quatro partes: preparação, informe com balanço crítico, plano de trabalho, distribuição e controle.

Na preparação da reunião, o coordenador responsável estabelece o local da reunião, a pauta, escreve o informe para as tarefas que se seguirão à reunião.

Uma vez reunidos todos os integrantes da coordenação que vai se reunir, se discute o tempo em que vão estar reunidos. Se o tempo aprovado é de 120 minutos, as três partes seguintes da reunião terão tempo programado. Em 5 minutos deve-se ler o informe e balanço crítico. Em 45 minutos, os integrantes da reunião terão que discutir o informe. Se estes são em número de 9, cada um terá 5 minutos para sua intervenção. De igual modo deve-se proceder para a duração do Plano de Trabalho e os 20 ou 30 minutos que sobram serão empregados para a distribuição das tarefas e estabelecimento das datas de controle, porque tarefa sem controle não passa de boas intenções: ninguém as cumpre;

O coordenador de uma reunião é responsável pelo cumprimento das normas organizativas da reunião. Daí, se seus companheiros aprovam os tempos para cada pessoa ou para cada parte da reunião, o coordenador deve fazer cumprir o estabelecido a fim de que a reunião não passe dos 120 minutos. Dilatar o horário, tão somente para satisfazer um "pavão" ou um desorganizado que alega demagogicamente que não tem liberdade para expor sua opinião, é não respeitar a vontade da maioria que aprovou o tempo de 120 minutos e 5 minutos para cada pessoa.

Somente se dilata o tempo de uma reunião quando a maioria dos integrantes da mesma decide modificar o tempo de duração. A utilização do tempo nas reuniões permite harmonizar a organização da mesma e, do mesmo modo, permite educar os militantes a fim de que tratem exclusivamente de assuntos fundamentais, deixando de lado os assuntos secundários e de interesse puramente pessoais que não se referem à organização. Da mesma forma, o respeito ao tempo estabelecido conduz a que as pessoas ou cada qual organize sua intervenção, tornando-a mais racional possível.

TÉCNICAS PARA COORDENAR PLENÁRIAS E REUNIÕES

Autor: Coletivo de Educação Popular – Escola Bolivariana de Poder Popular

Data: ?

Acesso: Texto extraído do Caderno Dicas Ano 01 Número 03, disponível em:

<<http://missaoruymauromarini.blogspot.com.br/p/publicacoes.html>>

Composição da mesa:

A primeira deliberação após a instalação da plenária é a composição da mesa de trabalhos. A mesa é montada a partir da diretoria da respectiva entidade, cabendo à plenária sua aprovação ou não. Se desaprovada, a mesa deve encaminhar por votação as propostas existentes sobre sua composição, sempre em bloco, isto é, toda mesa e não cargo por cargo – presidente e secretários. Compete à mesa, em consonância com o Regimento Interno da instância, estabelecer critérios sobre a organização dos debates tais como:

- inscrição de oradores e o tempo que cada um tem para falar ou expor seu ponto de vista sobre os pontos de pauta em discussão;
- propor quantos oradores serão inscritos;
- alternância dos oradores favoráveis ou desfavoráveis à matéria que está sendo posta em discussão;
- disciplinar os trabalhos, para que todos cumpram os critérios estipulados (tempo, quantidade de oradores, etc.) nos debates sobre os pontos de pauta.

A Pauta:

Uma vez aprovada, a mesa deve proceder à composição da pauta, sua duração e o tempo de cada intervenção. A pauta deve ser votada pela maioria simples da plenária. Por ordem os assuntos definidos na pauta devem ser:

- 1 – a duração da assembleia ou reunião, o teto;
- 2 – os pontos da pauta;
- 3 – o tempo para cada ponto;
- 4 – o tempo para cada intervenção.

É função da mesa informar à plenária sobre o número de intervenções possíveis dentro de cada ponto, bem como calcular o tempo suficiente ao encaminhamento de cada discussão, propondo encerrar as inscrições em cada falação. Por exemplo. Suponhamos que se tenha 40 minutos para determinado assunto. O procedimento correto é começar pelo fim, ou seja:

1. a mesa calcula o tempo necessário que ela levará para realizar os encaminhamentos da assembleia ou reunião (apresentação de proposta, sistematização, defesas e votação).
2. em seguida, projeta-se sobre o tempo restante o número de inscrições (30 minutos, 10 inscrições, o que sugere à mesa o encerramento das inscrições após 6 ou 7 falas na intervenção seguinte).

As Questões:

As questões são recursos da dinâmica de uma assembleia ou reunião. São também as regras de seu funcionamento.

Questão de ordem - A questão de ordem procede todo tipo de questão feita à mesa. Tanto em plenária quanto em reunião, a questão de ordem é acatada ou não por vontade da mesa. Não sendo acatada pela última, a questão de ordem pode ser colocada em votação pela plenária, isto é, o plenário decide pela questão de ordem (aqui sugerimos, pela experiência, encaminhar a questão de ordem “polêmica” para a plenária). A predominância da questão de ordem sobre outros tipos de questões deve-se a sua natureza. Ela objetiva sempre a correção de algum desvio, distorção ou equívoco na discussão em curso relativo ao Estatuto, precedentes, decisões anteriores já tomadas em caráter deliberativo, etc.. Por exemplo: suponhamos que em uma assembleia alguém encaminhe à mesa uma proposta que fere o Estatuto da entidade. Ou ainda, que esteja em discussão a realização de um determinado evento onde se encaminhe inicialmente os responsáveis por ele. Nesse caso, a questão de ordem deve lembrar a ordem das coisas; primeiro aprovasse ou não o evento e depois definisse os responsáveis.

Questão de esclarecimento - A questão de esclarecimento pode ser solicitada em relação às propostas, questões de ordens, pauta, etc.. Só não pode ser feita sobre a intervenção de alguém ou durante algum processo de votação.

Questão de encaminhamento - Este tipo de questão é solicitada para a proposição de metodologia e de condução da discussão, reunião ou plenária. A questão de encaminhamento é sempre uma proposta sobre determinado ponto discutido.

Regime de votação - É o momento através da qual a plenária manifesta soberanamente sua vontade deliberativa. O regime de votação é proposto pela mesa que coordena os trabalhos que consulta a plenária sobre a necessidade de defesas relativas às propostas sobre a matéria que está sendo discutida. Não havendo essa necessidade a mesa dá pôr encerrada a fase de discussão e inicia o processo de votação. Nesse momento não cabe mais nenhum recurso do tipo questão de ordem ou esclarecimento.

Vocabulário:

ABSTENÇÃO – voto em branco.

ADENDO - é uma complementação a uma proposta, sugestão de emenda

APARTE – é a interrupção do orador para indagação ou esclarecimento sobre a matéria em debate. O aparte deve ser concedido pelo orador e não pode exceder o tempo estabelecido.

ATA – documento pelo qual deverá constar de uma maneira clara e sucinta todos os assuntos tratados e deliberados em uma sessão. Após sua redação deverá ser lida e submetida à aprovação pelo plenário.

DECLARAÇÃO DE VOTO - é quando se justifica o voto, verbalmente ou por escrito, perante o processo de votação. É pedido após a votação.

DELIBERAÇÕES - as propostas, que submetidas à votação em plenária, foram aprovadas pela maioria, e devem ser viabilizadas.

DISCUSSÃO – é a fase do debate da(s) proposição (ões) em plenário, ou em qualquer comissão antes de se passar à deliberação sobre a mesma.

ENCAMINHAMENTO - é a forma de condução de um ponto de discussão, reunião ou plenária.

INDICATIVO – são propostas aprovadas em plenária, que não possuem caráter deliberativo.

INFORMES – informações gerais apresentadas no início da reunião, plenária ou assembleia.

MOÇÃO – é uma manifestação (de repúdio, solidariedade, apoio etc.) lida em plenária, reunião ou assembleia, e submetida à votação pela mesma.

PAUTA – é a relação de pontos que devem ser levantados no início da reunião para posterior discussão. Darão o norte à mesma.

PLENÁRIA – momento destinado à discussão da organização e apreciação de propostas.

QUESTÃO DE ENCAMINHAMENTO - é solicitada para a proposição de metodologia e de condução da discussão, reunião ou plenária.

QUESTÃO DE ORDEM – é exigida quando a discussão está fora de controle, no intuito de organizá-la.

QUESTÃO DE ESCLARECIMENTO – deve ser solicitada quando alguém tiver dúvidas sobre o que está em discussão.

REGIME DE VOTAÇÃO – é o período de votação de uma proposta. Durante este não são aceitas intervenções.

INSTÂNCIA – são espaços de discussão que possuem atributos e encargos deliberativos específicos.

PLANEJAMENTO DO TRABALHO

Autor: Coletivo de Educação Popular – Escola Bolivariana de Poder Popular

Data: ?

Acesso: Texto extraído do Caderno Dicas Ano 01 Número 04, disponível em:

<<http://missaoruymaumarini.blogspot.com.br/p/publicacoes.html>>

APRESENTAÇÃO

Toda a militância tem claras as dificuldades que enfrentamos quando realizamos alguma atividade. Quantas são as situações que nos deparamos com novos problemas e necessidades que nunca enfrentamos antes, ou que mesmo tendo enfrentado, temos dificuldade de supera-los.

O Planejamento surge da necessidade de visualizar as soluções para nossos problemas, antes de começar a agir. Planejando podemos colocar em ordem as tarefas a realizar economizando esforço, tempo e recursos.

O objetivo deste material é contribuir para a educação política dos dirigentes e militantes do campo popular e classista fornecendo orientações metodológicas que possam orientar o trabalho nas entidades e as ações das organizações do povo.

Estamos certos que este material se constituirá num fecundo instrumento de trabalho para o planejamento das ações cotidianas.

INTRODUÇÃO

Quando nos propomos a agir é porque temos problemas, necessidades ou desejos, ou seja, situações que queremos transformar. Para conquistar nossos objetivos temos de agir de forma ordenada, onde possamos propor e cumprir etapas. Para tudo isto existe uma ferramenta: o planejamento. Que vantagem nos traz?

Planejar significa ter perspectiva. Olhar o próximo passo (o amanhã) como também os passos mais a frente (o próximo mês, o semestre todo, por exemplo).

Planejar significa priorizar. Sempre há muitos objetivos e tarefas e o planejamento permite destacar o principal e o secundário. Não se trata de querer “fazer tudo”, mas sim, de saber o que é possível cumprir.

Planejar significa harmonizar. É necessário unir os companheiros para atingir um objetivo comum.

Planejar significa dividir o trabalho, porém unificando os esforços.

Planejar significa distribuir tarefas. É preciso evitar a centralização de tarefas em poucos militantes. As tarefas devem ser assumidas por todos. Planejar significa aplicar a linha política geral que emana de nosso programa.

Quando planejamos, concretizamos a linha geral, trazendo-a para a situação específica em que estamos trabalhando. Esta tarefa exige dos militantes uma capacidade de criação, uma iniciativa que fortalecerá a todos.

Planejar é um processo coletivo, não pode ser realizado por um só indivíduo. O planejamento exige a discussão por todos, a opinião de todos, a crítica e o controle de todos os companheiros. O planejamento é um processo de tomada de decisões.

Planejar é um processo de capacitação política. Um militante não se capacita somente nas palestras, cursos e seminários. Forma-se fundamentalmente na prática, através do trabalho coletivo, do exemplo de seus companheiros.

Planejar significa avaliar permanentemente o programa de ação, mudar ou corrigir os objetivos, melhorar os rumos, preparar melhor o pessoal. Tudo isso vai dar uma nova força e assim pode nascer uma nova etapa do planejamento que pode ser animado com novos objetivos e novas metas. Logo, enquanto se executa também vai se avaliando e assim por diante.

O PLANEJAMENTO

Para se realizar o planejamento é importante se fazer algumas perguntas:

- a. **Quais são os problemas e as necessidades? (diagnóstico da realidade)** Qualquer atividade se realiza para enfrentar algum problema. Antes de planejar uma atividade, será necessário perguntar-se a que problema se pretende responder e refletir.
- b. **O que queremos alcançar? (os objetivos)** As atividades buscam dar soluções a problemas, mas seguramente não poderão resolvê-los por completo; por isso é necessário que nas atividades se tenha claro o que se pretende alcançar.
- c. **O que devemos fazer para alcançar os objetivos? (atividades)** Para se alcançar os objetivos, deve-se realizar atividades. Pode haver diversos tipos de atividades para alcançar um mesmo objetivo. O importante é escolher aquelas que os militantes possam realmente assumir. Ou seja que tenham capacidade, recursos e entusiasmo para leva-las até o fim.
- d. **Como vamos saber se chegamos?(avaliação)** A falta de avaliação permanente é a causa da desorganização, do tarefismo, do desânimo, do fracasso. Com a avaliação devemos desenvolver a crítica dentro do grupo.
Consiste em uma revisão das atividades e em observar se estas contribuíram para atingir os objetivos propostos.

OS PASSOS DO PLANEJAMENTO

PRIMEIRO PASSO: *Qual é o problema? Identificação dos problemas, necessidades e suas causas.*

Precisaremos juntar os militantes que conhecem ou se interessam pela situação e procurar, com a contribuição e a experiência de todos, identificar os problemas que fazem parte dessa situação e suas possíveis causas. Ao dar esse primeiro passo o grupo pode se defrontar com uma entre duas situações:

- o grupo tem informações suficientes para identificar os problemas e suas causas,
- ou o grupo não se sente seguro o suficiente para fazer isso.

No segundo caso, para se sentir mais seguro, o grupo poderá procurar o apoio de outras pessoas que dispõem de melhores informações sobre os problemas da situação em estudo. Esse apoio pode ser obtido tanto através de outros grupos que tenha passado por problemas semelhantes como através de pessoas que conheçam especificamente o problema.

A identificação dos problemas e suas causas exige um conhecimento das linhas políticas que defendemos, da realidade do local onde estamos atuando e, quando existe, da avaliação crítica e autocrítica do trabalho anteriormente realizado.

O estudo de nossa linha política. Não se pode dirigir corretamente o trabalho se não conhecemos a fundo o programa e a linha política de nossa organização. Para orientar o trabalho é preciso que os militantes construam coletivamente a linha política.

O estudo da realidade do local em que se está trabalhando. Para realizar este estudo o militante precisa fazer:

a) uma análise política e social do local onde se está trabalhando. Quer dizer, temos de conhecer a realidade política e social deste local. Temos de analisar:

- a composição social do local ;
- o estado de ânimo dos setores populares e suas reivindicações
- a correlação de forças entre as forças políticas;
- o grau de organização e consciência do povo;
- o grau de organização da organização (estrutura, recursos materiais e humanos);
- nossas debilidades, principalmente nas questões que consideramos mais importantes.

b) a avaliação crítica e autocrítica do trabalho realizado anteriormente.

Neste processo de indagação e discussão com os interessados sobre os problemas e suas causas é importante anotarmos os resultados obtidos e montarmos um arquivo. Toda a experiência, avaliações, planos, os dados do conhecimento da

realidade, tudo deve ser guardado nele de modo organizado. No arquivo estará toda a experiência cotidiana.

SEGUNDO PASSO: O que queremos alcançar? Os objetivos gerais e intermediários e a ordem de prioridades.

Uma vez feito o levantamento dos problemas e suas causas vamos procurar definir aquelas que são as mais importantes. E entre as mais importantes tentaremos eleger as que temos possibilidades de enfrentar e resolvê-las.

Mas se são várias as causas que sentimos que podemos enfrentar, vamos ter que escolher aquelas que devem ser atacadas primeiro e as que podem ficar para etapas posteriores.

Nossos objetivos devem considerar as condições e as exigências do momento. Ao formular nossos objetivos devemos ter consciência de que eles sairão de nossa imaginação. Estas questões contribuem para a formação dos objetivos, porém o essencial é que os objetivos devem ser claros para todos e não apenas na cabeça de um pequeno grupo.

Essa primeira rodada de discussões deve conduzir, então, as primeiras definições:

- o objetivo geral, que é resolver a situação que estaremos enfrentando;
- os objetivos intermediários, que consistem na resolução dos problemas cujas soluções nos levariam a vencer os desafios da situação;
- a ordem de prioridades, que é a organização dos objetivos intermediários entre os que tentaremos alcançar primeiro e os que deixaremos para as etapas posteriores.

TERCEIRO PASSO: *Que devemos fazer para alcançar os objetivos?*

Estabelecimento das atividades e da estratégia de ação.

Com os objetivos definidos, vamos escolher as ações que deveremos realizar para concretiza-los. Numa reunião serão listados os possíveis passos a serem dados.

Feita essa nova lista (assim como foi feito para determinar os objetivos intermediários), o pessoal passa a identificar e a escolher entre todos os caminhos mais indicados, quais os mais convenientes e possíveis de serem percorridos pelo grupo. Uma vez feita esta, o pessoal já tem definida a sua estratégia de ação ou linha de trabalho.

Todas as perguntas que vão surgindo durante o estudo sobre o que é preciso fazer para alcançar os objetivos estabelecidos ajudam o grupo a conhecer:

- as atividades que deverão ser desenvolvidas; - os recursos com quais se conta;

- os recursos com os quais ainda não se conta, mas que serão necessários no percurso planejado; - aquilo que poderia frear a ação;
- aquilo que poderia ajudar a avançar na busca dos objetivos.

Esse estudo ajuda o grupo a estabelecer:

- quais as ações que poderá ou não desenvolver dentro das suas possibilidades;
- quais dessas ações deveriam ser realizadas antes de outras;
- quais poderão ser desenvolvidas sem a ajuda de ninguém;
- quais precisarão de ajuda de fora, etc;

Enfim, respondendo as perguntas que surgirem ao estudar as possíveis ações e as limitações do grupo, ele poderá estabelecer a sua estratégia de ação: a maneira de atuar como grupo na realização das tarefas.

Uma vez que as atividades principais foram definidas, é necessário estudarmos o que fazer para executar cada uma delas e começar o trabalho. Desenvolver cada atividade significa realizar uma série de tarefas a ela inerentes. Ao detalharmos essas tarefas, poderemos ordená-las da maneira mais adequada às nossas necessidades e, ao mesmo tempo, ordenar o trabalho de acordo com as nossas possibilidades.

Lembramos que, nesse ponto, novamente o pessoal se depara com profundidade os detalhes de cada atividade.

Essas perguntas se referem:

- às tarefas necessárias para realizar cada atividade;
- ao número de pessoas para cada tarefa; - aos recursos necessários;
- ao tempo necessário para realizar cada tarefa; - aos obstáculos que poderão ser encontrados;
- aos apoios que serão necessários.

Nesse momento, já temos os elementos para definirmos os planos de trabalho. Os planos de trabalho podem ser elaborados em fichas contendo as seguintes perguntas:

O que fazer	Para que	Como	Fazer com o que	Quando	Onde	Quem
Atividade	Objetivo	Execução	Recursos	Data ou período	Local	Responsáveis

Existem vários tipos de planos:

- Planos por campanha: São planos de trabalho com tempo definido. Seu objetivo é mobilizar e organizar por um motivo determinado, com fins específicos.
- Planos funcionais:

1. . propaganda e mobilização: confecção de material e sua distribuição, atividades culturais, elaboração de um boletim informativo, convocação para participar de atos públicos, etc.
2. . organização: definição dos objetivos, metas e atividades. Também trata da organização das reuniões, da coordenação das diversas atividades, da preparação de atos realizados, convocação de militantes, etc.
3. . finanças: promoção de atividades para angariar recursos, estabelecimento de critérios para uso e controle dos recursos existentes, estimativa de entrada e de gastos, etc.
4. . formação política: grupos de estudo e de formação, seminários.
5. . planos individuais: definem as responsabilidades de cada militante a curto e a longo prazo (em campanhas específicas). Cada companheiro faz seus planos de trabalho, a partir das decisões tomadas. É importante anotar as tarefas, o que já foi realizado, o que falta, a fim de facilitar o cumprimento do que foi discutido.
6. . plano geral: o plano geral permite uma visão de conjunto dos planos particulares. Não é um mero resumo, mas uma visão global do que se pretende fazer. É indispensável para que não se perca nos detalhes, não se desvie do objetivo principal.

O plano geral tem duas fases:

⇒ no início da elaboração dos planos funcionais. É preciso ter uma ideia geral do que se quer fazer, para se ter uma ideia dos limites.

⇒ no final, quando já se elaboram planos específicos, o que torna a visão geral mais clara e concreta.

Junto com o plano devemos elaborar também o cronograma. Numa folha fazemos uma ficha e colocamos todas as atividades distribuídas no ano ou no mês, conforme a organização. O cronograma pode nos ajudar a preparar as atividades com antecedência.

QUARTO PASSO: *Como nós vamos saber que chegamos? Avaliação ou Revisão*

Em primeiro lugar é importante ficar claro que a avaliação faz parte do processo de planejamento e ela se realiza no decorrer da caminhada. Deve existir uma revisão permanente do que foi planejado, uma vez que não existe plano infalível, tampouco o plano definitivo.

Os acertos necessários vão sendo feitos durante a caminhada, pois a realidade provoca mudanças no plano e o plano provoca mudanças na realidade.

Por outro lado, há a necessidade de estabelecer momentos de avaliação sistemática, com preparação prévia, porque no ato da avaliação ainda há planejamento.

Avaliar significa rever a prática da organização e verificar os avanços com relação aos objetivos formulados; significa fazer uma análise dos erros e acertos na condução do trabalho.

A avaliação se faz retomando o plano de trabalho e verificando o que foi feito e o que se deixou de fazer e por que. Ela ajuda a desenvolver a crítica no grupo, faz o grupo crescer e os participantes aperfeiçoam o trabalho de grupo.

A avaliação consiste na revisão das atividades, dentro daquilo que havia sido previsto e ajuda a repensar o plano de trabalho.

Crítérios para a avaliação

Avaliar não é achar a culpa nos demais, para depois ficar criticando tudo e não fazendo nada. Avaliar não é criticar negativamente. É um processo de crítica e autocrítica onde, sobretudo, tem que existir uma predisposição de abertura. É um processo de aprendizagem e fortalecimento do grupo.

Portanto, para avaliar todos tem que entrar no mesmo barco e se colocar em condição de igualdade. Se existem dominadores é porque existem aqueles que permitem a dominação, e é essa relação que tem que ir sendo superada na prática.

Avaliar não é somente julgar, mas sobretudo analisar. Avaliar é conhecer o presente, olhando para trás e poder sempre seguir adiante. Uma boa avaliação ao fim de uma ação significa um grande passo para o bom princípio de outra.

Agora é bom lembrar que existe uma diferença entre resultado e o processo. As vezes o resultado parece negativo, mas o processo oferece grandes contribuições ou oportunidades de amadurecimento do projeto e dos militantes. A avaliação deve se preocupar também com a autocrítica, uma auto-avaliação da prática individual.

O importante em toda atividade, em toda a nossa vida, é extrair da experiência uma aprendizagem para reorientar a caminhada.

OBSERVAÇÕES IMPORTANTES

Um bom plano não é aquele que quer abarcar tudo e que nos deixa sem rumo. Às vezes um planejamento modesto, com poucas atividades mais importantes e que corresponda, às expectativas e necessidades da maioria pode ser mais eficaz. Em outras palavras é o que sempre falamos no dia a dia “dar os passos de acordo com as pernas”.

É preciso que todos entendam o que estão fazendo e porque estão fazendo. Outra dica importante é que o planejamento deve levar sempre em conta o equilíbrio entre o que gostaríamos (nossos sonhos) e a realidade concreta.

Sentir bem se o povo e os militantes se sentem motivados e ouvir as lideranças, pode fazer surgirem propostas para melhorar o plano, mas sempre tendo como alicerce o real e o possível naquele momento e naquela realidade. É importante também que o grupo tenha um lugar onde seja fixado o planejamento para que todos possam recorrer a ele e se orientar.

CONCLUSÃO

Todos os critérios metodológicos para o planejamento e avaliação pratica podem caminhar juntos: enquanto se planeja, também se vai regimentando uma avaliação mais completa das atividades, porque assim sabemos a que nos propusemos, quanto queríamos alcançar, como queríamos fazer e quem tinha responsabilidades definidas. O planejamento do trabalho significa dividir racionalmente todas as tarefas.

Na organização não é suficiente planejar, executar e avaliar somente as atividades. É fundamental estar atento à dimensão pessoal, individual de cada participante, do relacionamento pessoal no grupo, que se não são enfrentados no momento adequado, podem converter-se em conflitos difíceis de serem resolvidos.

Por isso a avaliação permanente da organização e das relações pessoais e grupais é uma tarefa necessária. O grupo deve utilizar sua criatividade para esses momentos trabalhando a dimensão pessoal, quer seja com confraternizações, encontros de revisão de vida, etc ...

A militância ganhará cada vez mais experiência em planejar o trabalho na medida em que estas etapas e regras se transformarem em hábito, que sejam aplicadas e melhoradas permanentemente na sua aplicação cotidiana.

MÍSTICA Y PODER POPULAR

NOTAS SOBRE LA MÍSTICA Y EL MOVIMIENTO SIN TIERRA DE BRASIL

Autor: Mariano Pacheco

Data: ?

Acesso: Artigo retirado da Cartilla ao 4º Campamento Nacional de Formação del Frente Popular Darío Santillán “Construyendo Organización de Base y Poder Popular. Experiencias latino-americanas de Poder Popular”, noviembre de 2009, pp. 35-38. Pode ser acessada em <<http://formaciondelfrente.blogspot.com.br/>>

Para empezar, es importante señalar que “*mística* es una palabra que tiene origen en la religión”. [1] De todos modos, veremos aquí un enfoque político de la cuestión.

El tema de la *mística* nos parece importante porque en todos estos años ha sido uno de los rasgos distintivos de la Nueva Izquierda (Autónoma) de nuestro país. No es común que, fuera del contexto de lucha callejera, la “*mística*” tenga tanta centralidad. En el mismo sentido, podemos decir que tampoco es usual, aunque no sea inédito, que tenga un grado de preparación previa.

Estas líneas, de todos modos, estarán centradas en la experiencia brasilera, ya que constituyen una referencia insoslayable en este aspecto. Porque fueron ellos, los del MST, quienes además de desplegar toda una práctica al respecto, han sabido también tematizar y desarrollar una labor teórica al respecto.

I. Joao Pablo Stedile sostuvo alguna vez que incorporaron al movimiento a la *mística* “como una práctica social que tiene que ver con que las personas se sientan bien al participar de la lucha”. La *mística*, insiste el dirigente más reconocido de los Sin Tierra, “es una forma de manifestación colectiva de un sentimiento. Queremos que ese sentimiento aflore en dirección a un ideal, que no sea una obligación. Nadie se emociona porque recibe la orden de emocionarse, se emociona porque está motivado en función de algo. Y tampoco se trata de una distracción metafísica o idealista, de que todos iremos juntos al paraíso... los carismáticos usan la *mística* en pro de un ideal inalcanzable...”. [2]

En el caso que estamos analizando, la *mística* juega otro papel: se encuadra en una estrategia de confrontación, en el marco de un movimiento que, a la vez que lucha por el socialismo, rompe de alguna manera con ciertas trabas de las vertientes más “dogmáticas” del marxismo. Tengamos en cuenta la tradición de esta izquierda, siempre tan dispuesta al sacrificio.

Si bien es justo reconocer que Karl Marx hizo un aporte importante al plantear que la filosofía debía invertir la ecuación vigente hasta el momento (“del cielo a la tierra”) y ver a la religión como “opio de los pueblos” (en el sentido de adormecimiento de las conciencias), sin embargo, el planteo dogmático marxista continuaba apresado de una cierta lógica del “mas allá”: la lucha hay que comenzarla hoy, en la tierra, pero. debemos emprender una batalla tras otra; transitar un extenso sendero de penurias, renunciamientos, para luego (de la toma del poder; de la dictadura del proletariado; de la transición del capitalismo al socialismo primero, y de éste al comunismo después) construir el paraíso terrenal: la sociedad sin clases.

Veamos que nos dice el diccionario respecto a estos términos: Mística: “cerrado”. Místico: “Misterioso; que encierra un misterio”. Misterio: “cosa incomprensible para la mente humana, o muy difícil de comprender o interpretar”. Por misticismo se entiende a la “doctrina o creencia fundada en el sentimiento o la intuición, y no en la razón”. Tomemos nota finalmente, de aquello que se concibe como literatura mística: “...En su intento de comunicar una experiencia que reconocen inexpresable, los autores místicos recurren a símbolos, alegorías, comparaciones y antítesis, mediante los que consiguen ampliar las dimensiones conceptuales de la palabra y alcanzar notables cotas de belleza e intensidad lírica, al mismo tiempo que, dado el origen de muchos de ellos, enriquecen el lenguaje literario con la sintaxis y el léxico del habla corriente”. [3] Mito: “Del griego mitos, fábula. Idealización de un hecho o un personaje histórico que representa caracteres extraordinarios.../ Idea, teoría, doctrina, etc., que expresa los sentimientos de una colectividad y se convierte en estímulo de un movimiento.../Utopía irrealizable... (P.L.I).

II. Continuemos con la Mística, según el Movimiento de los Sin Tierra. Como energía vital, fuerza, animación, como impulso que nos acompaña en el día a día, en todo el proceso de organización y de lucha, la Mística no puede dejar de tenerse en cuenta en un proyecto que apueste a la transformación de la sociedad. Como “energía”, tiene por misión acortarnos la distancia entre el presente y el futuro, haciéndonos vivir *hoy*, lo que deseamos para el mañana. Claro que este planteo va de la mano de otro mas general: el de constituirse como movimientos prefigurativos. Es decir, como movimientos que se plantean construir gérmenes de la nueva sociedad en los marcos de la vieja.

Entre otras cosas, el MST plantea que la lucha por revolucionar la sociedad capitalista es una batalla de largo trecho. De ahí que la Mística deba aumentar la voluntad para participar cada vez más de la organización (“existen más personas que abandonan la lucha por cansancio, que personas que fracasan” suelen decir). La mística es para la lucha, en este sentido, lo que el combustible es para un colectivo. “La mística debe impulsar a las personas para un cambio de vida. No basta con que nuestra causa sea justa. Es necesario que la justicia penetre en nosotros. Nosotros necesitamos ser justos”. [4]

La mística, así entendida, se vincula con el sentir. Su objetivo central apunta a unir el pensamiento y la acción, con los sentimientos. “Debe existir unidad entre forma y contenido, ya que existen personas que tienen contenido, pero no lo expresan, no celebran. Y hay personas que celebran y sin embargo no tienen contenido, convirtiendo a la mística en un ritual mecánico”. [5] Porque tal como expresa Stedile en la entrevista mencionada, “lo que construye la unidad es la ideología de la visión política y el uso de símbolos, que van tejiendo la identidad. Ellos materializan el ideal, esa unidad invisible”.

La bandera, los brazaletes y gorros, las canciones, las consignas, las herramientas y productos del trabajo, el *Jornal Sem Terra* (que en determinado momento excedió su papel de medio de comunicación), son los distintos símbolos presentes en la mística dentro del MST. “La música siempre reaje a un momento de la lucha o de nuestra historia. Es un símbolo cambiante... La música y nuestras consignas nos ayudan a recuperar nuestra historia... Muchas veces están políticamente más avanzadas que la acción”; [6]

III. Para el MST, la Mística no puede burocratizarse (“la rutina es enemiga de la mística. la mística no se hace, se vive” [7]). Debe estar presente en todos los momentos del proceso, y fundamentalmente, no puede realizarse si no hay seriedad, sensibilidad y convicción. Es decir, si no está encarnada en cada uno. Por eso la insistencia en que la Mística no sea sólo un momento de la acción directa, de la lucha en las calles (sean movilizaciones, ocupaciones de tierras, ocupaciones de edificios públicos), sino que también exista un esfuerzo por sostener una mística en los lugares de trabajo y de convivencia: “necesitamos crear ambientes agradables y orientados hacia nuestros ideales. El lugar de trabajo es la visualización de nuestra mística. Por eso necesita estar adornado con ‘motivos’ bonitos (cuadros, fotos, ores), estar siempre limpio, pintado, ordenado”. [8]

Por último, destacar que para MST, La mística debe contener: Los valores promovidos por la organización; Los símbolos (ya sean banderas, consignas, cantos, himnos o canciones); La memoria histórica (no sólo recordando a los luchadores caídos, sino también conmemorando las fechas importantes: cumpleaños, aniversarios, etc.); La práctica cotidiana del movimiento; Los objetivos de la lucha (el cambio social); La valoración de los logros y las conquistas obtenidas.

Notas:

1. MST, “Cómo mejorar nuestra mística”, en *Método de trabajo y organización popular*, Editorial El Colectivo, Buenos Aires, 2009, p.107.
2. Fernandes, Bernardo Mançano, “A trajetoria do MST e a luta pela terra no Brasil (entrevista al dirigente de los Sin Tierra, Joao Pedro Stedile)”, en: *Brava Gente*, Fundação Perseu Abramo Editora, Brasil, 1999, p.131.
3. Pequeño Larousse Ilustrado 2002, Ediciones Larousse, Buenos Aires, 2001.
4. MST, “Método de trabajo popular”, *Cuaderno de formación N° 24*, abril de 2002.

5. *Ibíd.*

6. *Fernandes, Bernardo Mançano, Op. Cit, p.135.*

7. *MST, Método de trabajo y organización popular, Editorial El Colectivo, Buenos Aires, 2009, p.108.*

8. *Ibíd.*, p.112.

III

A ORGANIZAÇÃO

"Pequeno grupo compacto, seguimos por uma estrada escarpada e difícil, segurando-nos fortemente pela mão. De todos os lados, estamos cercados de inimigos, e é preciso marchar quase constantemente debaixo de fogo. Estamos unidos por uma decisão livremente tomada, precisamente a fim de combater o inimigo e não cair no pântano ao lado, cujos habitantes desde o início nos culpam de termos formado um grupo à parte, e preferido o caminho da luta ao caminho da conciliação. Alguns dos nossos gritam: Vamos para o pântano! E quando lhes mostramos a vergonha de tal ato, replicam: Como vocês são atrasados! Não se envergonham de nos negar a liberdade de convidá-los a seguir um caminho melhor! Sim, senhores, são livres não somente para convidar, mas de ir para onde bem lhes aprouver, até para o pântano; achamos, inclusive, que seu lugar verdadeiro é precisamente no pântano, e, na medida de nossas forças, estamos prontos a ajudá-los a transportar para lá os seus lares. Porém, nesse caso, larguem-nos a mão, não nos agarrem e não manchem a grande palavra liberdade, porque também nós somos "livres" para ir aonde nos aprouver, livres para combater não só o pântano, como também aqueles que para lá se dirigem!"

(Vladimir Ilyich Lenin)

"A organização se definiria como o conjunto de normas que regem as relações de cada variável com as demais, dentro e fora de uma área. Em sua qualidade de normas, isto é, de regulamento, externa, pois, ao movimento espontâneo, sua duração efetiva não é a mesma que a da sua potencialidade funcional. A organização existe, exatamente, para prolongar a vigência de uma dada função, de maneira a lhe atribuir uma continuidade e regularidade que sejam favoráveis aos detentores do controle da organização. Isso se dá através de diversos instrumentos de efeito compensatório que, em face da evolução própria dos conjuntos locais de variáveis, exercem um papel de regulador, de modo a privilegiar um certo número de agentes sociais. A organização, por conseguinte, tem um papel de estruturação compulsória, que frequentemente contraria as tendências do dinamismo próprio. Se a organização seguisse imediatamente a evolução propriamente estrutural, ela seria uma espécie de cimento moldável, desfazendo-se ao impacto de uma variável nova ou importante, para se refazer cada vez que uma nova combinação se completasse. Na medida em que a organização se torna uma norma, imposta ao funcionamento das variáveis, esse cimento se torna rígido."

(Milton Santos)

CONSTRUIR UM GRÊMIO ESTUDANTIL DE LUTA

Autor: Rede Estudantil Classista e Combativa - RECC

Data: Março de 2016

Acesso: Este documento são fragmentos da cartilha de Construção de Grêmios da RECC, 2ª edição. A cartilha pode ser acessada integralmente em:

<<https://lutafob.files.wordpress.com/2016/10/cgl2e.pdf>>

[...]

7 - REORGANIZAÇÃO PELA BASE: DEMOCRACIA, AÇÃO DIRETA E UNIDADE COM A CLASSE TRABALHADORA

A tarefa organizativa mais importante é dar ao movimento estudantil um caráter de massas. E nesse sentido, é preciso romper com o *burocratismo e o imobilismo*. Se desvincular das entidades tuteladas e governistas (UNE, UBES e etc.), e também do seu próprio modelo de organização. Três tarefas são importantes: 1) organizar pela base; 2) fortalecer a ação direta dos estudantes; 3) unidade com as lutas e organizações dos trabalhadores.

A reorganização do movimento estudantil deve se dar a partir das bases (de baixo para cima). Ou seja, devemos mobilizar os estudantes, criar *auto-organização capaz de mobilizar os estudantes para a ação direta*. Essa tarefa se expressa hoje na organização dos estudantes das redes pública e privada em Grêmios e coletivos estudantis.

Por isso, nas escolas: devemos fortalecer os Grêmios e sua ligação com os estudantes: 1) garantir a existência regular de assembleias estudantis nas escolas; 2) Fazer das diretorias órgãos colegiados e criar Grupos de Trabalho abertos (com membros eleitos em assembleia) para agregar mais estudantes ao Grêmio; 3) criar Coordenações de Luta Estudantis Regionais (de âmbito municipal ou metropolitano) com plenárias de representantes eleitos nas assembleias nas escolas e uma comissão executiva colegiada.

Essa é a tarefa de reorganização. Com a organização pela base, poderemos articular as lutas estudantis de uma perspectiva classista e combativa. E através dessa luta, melhorar as condições de vida da classe trabalhadora e tomar parte geral na luta contra as formas de exploração capitalista.

7.1 O significado da Independência, a importância da União e o Compromisso com a Luta

Devemos ter a compreensão que nós estudantes vivendo nesta sociedade de classes, estamos todos submetidos ao ensino mercadológico (ainda que pela rede pública) e que por isso compartilhamos uma realidade comum com estudantes de todas as escolas, apenas com variações de grau.

A “orientação” do Estado e dos capitalistas para a função que deve ter nossas escolas coloca necessariamente os estudantes de uma escola em ligação com outra. Esta ligação não se dá, obviamente, em termos de organização direta, da luta estudantil mesmo, por Grêmios e etc.

Não é interessante, somente para o Estado e os capitalistas, que os estudantes das mais diversas escolas de nossa localidade e do Brasil estejam unidos. Ou, se é interessante, é apenas com o intuito de se beneficiarem com isto, como bem nos mostram seus principais instrumentos burocráticos entre os estudantes, a UNE e a UBES, que passam a ser correia de transmissão da política do governo e impedem a luta dos estudantes.

Quando falamos de união política entre as escolas, estamos então falando de uma política específica, não governista nem burocrática, mas **COMBATIVA**, **CLASSISTA** e **INDEPENDENTE**. Percebamos que é uma independência de classe, ou seja, separado do Estado, dos capitalistas e das entidades que a estes servem: mas nunca separados dos próprios estudantes.

Pelo contrário: a organização estudantil de uma escola como um Grêmio, deve ser necessariamente, dependente dos estudantes de sua escola e de estudantes e suas organizações em outros colégios. Não dependente no sentido de ferir a autonomia de decisões internas, mas dependente no sentido de ampliar o perímetro e a força de atuação de um Grêmio.

Deve-se ampliar este perímetro de força justamente porque estamos todos submetidos a uma mesma ordem educacional-econômica, e a luta de um estudante, é a luta de todos os estudantes.

Aqueles que não se organizam com outras escolas, se preocupando tão somente para dentro de seus muros, não são independentes, mas ao contrário, são corporativistas.

Nós dependemos sim de todos os estudantes e de todas as escolas para darmos respostas à altura dos ataques constantes do governo. “O segredo da vitória é o povo”, como dizia Mariguella. Esta é a condição primeira para planejarmos nossa luta.

Os Grêmios que compreendem que escola nenhuma é uma ilha, e que as políticas do governo local e federal atingem-nos a todos e que nenhuma conquista substancial para a educação virá através da luta de somente uma escola, mas sim por

todas, estes devem estar na vanguarda, devem chamar a responsabilidade para si, e não se omitir dela. No entanto, não basta compreender isto.

Não querer se organizar com estudantes de outras escolas ou querer, mas não se esforçar, na prática o resultado é o mesmo. A diferença é que ou isto evidenciará uma prática deliberada de se isolar ou evidenciará a incompreensão dessa necessidade.

Mas a pior de todas é a situação em que, compreendendo esta necessidade, não é realizado nenhum esforço para concretizá-lo na prática. Estamos falando, portanto, de compromisso, de disciplina e de iniciativa. Estamos falando da coerência entre aquilo que almejamos e necessitamos e aquilo que praticamos: a dialética entre ideia e ação.

Se não há responsabilidade e dedicação, se não há disposição de tempo e de força para realizar as tarefas políticas e organizativas mais elementares, então um Grêmio não serve para função histórica. Saber da importância disso não basta, é necessário empenho, dedicação, responsabilidade.

Se não há iniciativa de execução para tarefas corriqueiras, como reuniões democráticas e objetivas, como propaganda, como passagem em salas de aula, como o próprio estudo dos programas que o governo impõe às escolas e da conjuntura política e econômica, tarefas da luta e da preparação para o conflito de massas de estudantes e trabalhadores versus os capitalistas e o Estado, o Grêmio perde sua função de ser.

Um Grêmio não é simplesmente um clube de amigos. Obviamente que deva existir entre nós um clima de respeito e de companheirismo. Mas um Grêmio, enquanto órgão de representação e luta estudantil, deve cumprir exclusivamente esta função, e que, portanto seus participantes devem saber separar bem os espaços e horários de discussões pessoais e brincadeiras, dos espaços de organização e luta política.

Um Grêmio deve, acima de tudo, respeitar aqueles estudantes que o elegeram e cumprir a função a que se propôs. Os estudantes que compõem um Grêmio devem ser sempre os primeiros a entrarem nas lutas e os últimos a saírem. Devem saber criar, mutuamente, a participação amplamente democrática dos estudantes de sua escola com a também ampla responsabilidade de liderar as lutas, orientando sempre os melhores caminhos a seguir.

E o melhor caminho é, sempre, o da organização; nossa organização é sinônimo de poder, e é o poder estudantil que temos que criar para contrapor aos capitalistas e ao Estado: poder de cada sala de aula, poder de cada escola, até a união entre todos os e as estudantes do povo e nossa classe!

7.2 A escola como centro de Luta Popular-Comunitária

As escolas possuem um papel muito importante nos bairros e cidades. É através da escola que milhares de estudantes, pais, professores e demais trabalhadores se conhecem, criam vínculos de amizade, companheirismo, fazendo da escola um centro agregador da vida de uma comunidade/bairro. Daí o termo comunidade escolar.

Porém, o que vemos hoje na maioria das escolas é um distanciamento entre escola e comunidade: muros cada vez mais altos, reuniões de pais cada vez mais ineficientes e sem decisões importantes, pouco ou nenhum diálogo fraterno e igualitário entre os membros da comunidade escolar, um sentimento cada vez maior de não-pertencimento da parte dos estudantes e pais, escolas fechadas nos finais de semana.

Essa situação tem consequências ruins na vida pessoal e política dos membros da comunidade, que se veem em muitos casos como “segmentos” contrários uns aos outros, cada um fechado no seu individualismo e corporativismo.

É papel do Grêmios Estudantil tentar construir uma união entre pais, professores, servidores, terceirizados, e demais membros da comunidade. Essa união deve ter como objetivo tanto debater assuntos internos da escola (com real poder de decisão de estudantes, pais, etc.), quanto para lutar por melhorias frente ao governo.

Para isso é necessário uma mudança radical da postura dos professores, estudantes, pais e demais funcionários: os professores pararem de achar que são superiores e “sabetudo”; os estudantes, pais, terceirizados e demais funcionários pararem de achar que suas opiniões não são importantes e, a partir disso, ter uma postura mais ativa e exigindo direito de fala e decisão dentro da escola.

Uma forma de organização é convocação de uma Assembleia Comunitária, que reuniria toda a comunidade, que seria presidida por um membro de cada segmento, e que discuta e proponha ações por melhorias na escola.

7.3 Construir Coordenações de Lutas Estudantis por Bairro e Cidade

Um dos principais elementos para a formação de um militante secundarista é sair dos muros da escola. Ou seja, não é deixar de atuar em sua escola, mas a partir da mobilização em sua escola construir lutas gerais pela educação e direitos coletivos no seu bairro, cidade e país. Isso é importante, pois:

1) Os Grêmios isolados por escolas em geral estão fadados ao fracasso ou possuem sérios limites no que diz respeito ao poder de transformação, no máximo alterando pequenas relações de poder ou conseguindo papel higiênico no banheiro, intervalo cultural, etc., mas que são rapidamente reversíveis;

2) Esse tipo de ação leva ao pensamento corporativista, a passividade e rápida desmobilização;

- 3) Os Grêmios e os militantes secundaristas devem buscar sempre a união e luta comum nas escolas do bairro como primeiro passo para romper com o corporativismo e expandir as possibilidades de ação e vitória;
- 4) O ato de sair da própria escola e militar também nas escolas próximas tende a fortalecer o temperamento de luta do militante, romper o acomodamento e desenvolve uma identidade propriamente SECUNDARISTA na atuação.

Portanto, é tarefa do secundarista combativo atuar também nas escolas próximas. Ajudando na construção ou fortalecimento dos Grêmios; convocando reuniões de secundaristas e Grêmios independentes do bairro ou da cidade; construindo campanhas conjuntas entre várias escolas por reivindicações comuns (por exemplo, reforma e cobertura das quadras esportivas, dentre outras); e a médio-prazo (com as tarefas anteriores cumpridas) organizar uma Coordenação de Luta Estudantil do bairro ou da cidade.

REORGANIZAÇÃO DO MOVIMENTO ESTUDANTIL PELA BASE

Autor: Oposição Nós Por Nós ao DCE-UFSC

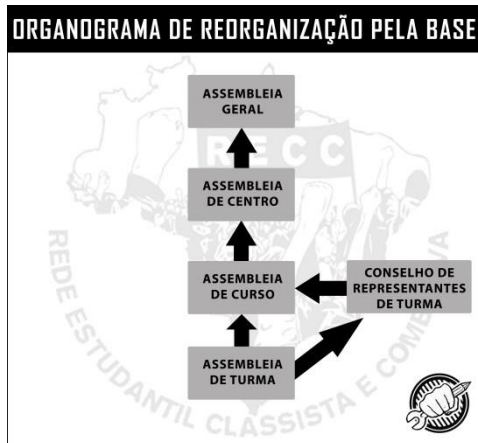
Data: Março de 2017

Acesso: Este documento é um fragmento do boletim nº 4. O boletim pode ser acessado integralmente em:

<<https://npndesterro.files.wordpress.com/2017/02/boletim-n-4-marc3a7o2017.pdf>>

O Movimento Estudantil (ME) como um todo [...] encontra-se sem fôlego para grandes vitórias. A linha de transição pacífica do ME para o controle do Estado - implementada pela UNE (PT/PCdoB) e reforçada pela postura dúbia e conivente da Oposição de Esquerda (PSOL) e ANEL (PSTU) - teve como resultado a burocratização e estagnação das organizações estudantis. A marca dessa linha hegemônica é a reprodução da política parlamentar, a articulação pela cúpula, que privilegia instâncias em que prevalecem os acordos entre partidos e correntes, gerando afastamento paulatino dos estudantes, perda de legitimidade e definhamento do ME. A política parlamentar-eleitoral tem como colateral a organização burocrática.

Desde seu surgimento, a RECC defende a necessidade de uma reorganização do ME brasileiro a partir da lógica inversa, desde a base. Essa proposta não passa pela criação de “frentes de esquerda” ou comitês amorfos (de participação individual e descompromissada) que se perdem em divagações idealistas sobre a conjuntura. Trata-se de uma crítica propositiva, que identifica os efeitos desmobilizadores das negociatas com reitorias e direções sindicais e propõe uma nova prática político-organizativa que coloca definitivamente o poder nas bases estudantis.



Parte disso exige que as instâncias centrais do movimento sejam:

- **Assembleias de turma/curso/linha:** espaço periódico de debate e deliberação acerca de questões particulares (políticas e acadêmicas), como discussão de currículo e projeto político-pedagógico, questões

departamentais, problemas com professores, coordenadores, bolsas, etc. Organizar a luta para intervir na realidade imediata de seu curso ou linha de pós-graduação é fundamental para criar uma cultura de mobilização.

- **Conselho de representantes de turma (CORETUR):** órgão de encaminhamento político composto exclusivamente por delegados eleitos em Assembleias de turma/período. Nesta instância, os representantes têm a função de encaminhar/executar as deliberações das Assembleias e fazer repasses para seus colegas. Estrutura superior à diretoria do Centro Acadêmico (CA), responsável por assessorar e fiscalizar esta última, garantindo que os representantes eleitos não se afastem dos interesses dos estudantes do curso.

- **Assembleias de centro:** órgão deliberativo intermediário, subordinado à Assembleia Geral. Encaminhamentos das assembleias de curso são trazidos a essa instância para articular pautas e mobilizações a serem impulsionadas a nível de centro e/ou encaminhadas para a Assembleia Geral.

- **Assembleia geral de estudantes da UFSC:** Órgão máximo de deliberação acerca das resoluções políticas que nortearão o movimento. As pautas e propostas debatidas nessa instância devem ser aquelas definidas em assembleias de curso, linha e centro (e não em reuniões de coletivos) para garantir que o ME tome o direcionamento definido democraticamente nas bases. Deveria contemplar estudantes de graduação e pós-graduação, pois o ME não deve reproduzir o discurso institucional que simula hierarquizações entre estudantes de graduação e pós, pois seu efeito na prática é o fracionamento e enfraquecimento do próprio movimento. Ainda que existam especificidades, grande parte das pautas é comum.

Sabemos que esse processo de reorganização não se dará a curto prazo, pois será preciso travar uma luta ferrenha contra a hegemonia governista, reformista e legalista que subordina o ME às regras do jogo da política burguesa. Ainda assim, acreditamos firmemente em um Movimento combativo que polarize realmente com os governos, ressaltando os métodos de ação direta em detrimento das vias burocráticas. A tarefa é longa e árdua, e deve ser iniciada imediatamente!

NECESSIDADE DA ORGANIZAÇÃO

Autor: Mikhail Aleksandrovitch Bakunin

Nota: Este texto é uma compilação de diversos fragmentos da obra de Bakunin realizada pelo coletivo Luta libertária e portanto os fragmentos possuem datas de escrita distintas, certamente na segunda metade do século XIX.

Acesso: Sua versão online pode ser acessada em <http://cazyp.files.wordpress.com/2011/04/necessidade-da-organizac3a7c3a3o-bakunin.pdf>

É verdade que há [no povo] uma grande força elementar, uma força sem dúvida nenhuma superior à do governo e à das classes dirigentes tomadas em conjunto; mas sem organização uma força elementar não é uma força real. É nesta incontestável vantagem da força organizada sobre a força elementar do povo que se baseia a força do Estado.

Por isso o problema não é saber se o povo pode se sublevar, mas se é capaz de construir uma organização que lhe dê os meios de se chegar a um fim vitorioso - não por uma vitória fortuita, mas por um triunfo prolongado e derradeiro. (Maximoff, 367, 70).

Diga-se o que se disser, o sistema atualmente dominante é forte, não por suas ideias e pela sua força moral intrínseca, que são nulas, mas por toda a organização mecânica, burocrática, militar e policial do Estado, pela ciência e pela riqueza das classes que têm interesse em mantê-lo. (Obras, VI. 352-353, 71).

A sublevação do proletariado das cidades não é suficiente; com ele teríamos somente uma revolução política, que teria necessariamente contra ela a reação natural e legítima do povo dos campos, e esta reação, ou unicamente a indiferença dos camponeses, esmagaria a revolução das cidades, como aconteceu ultimamente na França [1]. Só a revolução universal é suficientemente forte para inverter e quebrar o poder organizado do Estado, sustentado pelos recursos das classes ricas. Mas a revolução universal é a revolução social, é a revolução simultânea dos povos dos campos e das cidades. É isso que é preciso organizar, - porque sem uma organização preparatória, os elementos mais fortes são impotentes e nulos. (Obras, VI, 403, 71).

Nos momentos de grandes crises políticas ou econômicas, em que o instinto da massa, posto em brasa, se abre em todas as inspirações felizes, em que estes rebanhos de homens escravos, vergados, esmagados, mas nunca resignados, revoltam-se enfim contra o seu jugo, mas sentem-se desorientados e impotentes porque estão completamente desorganizados; dez, vinte ou trinta homens, entendendo-se bem e estando bem organizados, e que saibam para onde vão e o que querem, arrastarão

facilmente cem, duzentos ou até mais. Vimos isso recentemente na Comuna de Paris. A organização séria, apenas iniciada durante o cerco, não foi muito perfeita e nem muito forte; e contudo foi suficiente para criar uma resistência formidável.

O que acontecerá então quando a Associação Internacional estiver melhor organizada; quando ela tiver muitas seções agrícolas e, em cada seção, o dobro e o triplo do número de membros que tem presentemente? O que acontecerá sobretudo quando cada um de seus membros souber, melhor que presentemente, o objetivo final e os verdadeiros princípios da Internacional, assim como os meios para realizar o seu triunfo? A Internacional tornar-se-á uma força irresistível.

Mas para que a Internacional possa adquirir realmente este poder, para que a décima parte do proletariado, organizado por esta associação, possa arrastar os outros nove décimos, é preciso que cada membro, em cada seção, esteja muito mais penetrado pelos princípios da Internacional do que está hoje. Só com esta condição é que nos tempos de paz e de calma ele poderá executar eficazmente a missão de propagandista e de apóstolo, e, nos tempos de luta, a de um chefe revolucionário (Obras, VI, 90 a 92, 71).

Este programa [da Internacional] traz com ele uma ciência nova, uma nova filosofia social, que deve substituir todas as antigas religiões, e uma política totalmente nova... Para que todos os membros da Internacional possam executar, de uma maneira consciente, seu duplo dever de propagandistas e de chefes naturais das massas na Revolução, é preciso que cada um deles esteja também penetrado, tanto quanto possível, por esta ciência, por esta filosofia e por esta política. Não lhes basta saber e dizer que querem a emancipação econômica dos trabalhadores, o usufruto integral do seu produto por cada um, a abolição das classes e servilismo político, a realização da totalidade dos direitos humanos e a equivalência dos deveres e dos direitos para cada um, - a realização da fraternidade humana, numa palavra. Tudo isto é sem dúvida muito bom e muito justo, mas, se os operários da Internacional pararem nesta verdade, sem aprofundar as condições, as consequências e o espírito, e se se contentarem em repeti-las sempre nesta forma geral, correm o risco de fazer delas dentro em pouco, palavras ocas e estéreis, lugares comuns incompreendidos.

Mas, dir-se-á, todos os operários, só pelo fato de serem membros da Internacional não podem tornar-se sábios; e não bastará que no seio desta associação se encontre um grupo de homens que possuam, tão completamente quanto possível nos nossos dias, a ciência, a filosofia e a política do socialismo, para que a maioria, para que o povo da Internacional, obedecendo com fé a sua direção e ao seu *comando fraternal* (no estilo de Sr. Gambetta, o ditador jacobino por excelência), possa estar certo de não se desviar da via que o deve conduzir à emancipação definitiva do proletariado?

Eis um raciocínio que ouvimos frequentemente, não abertamente exprimido, - não se é tão sincero e tão corajoso para isso, mas que se desenvolve secretamente, com

toda espécie de reticências mais ou menos hábeis e com elogios demagógicos dirigidos à sabedoria suprema e à onipotência do povo soberano, pelo partido autoritário, hoje triunfante na Internacional de Genebra. Nós sempre os combatemos apaixonadamente, porque estamos convencidos – e também o estão sem dúvida conosco, companheiros - que, desde o momento em que a Associação Internacional se dividir em dois grupos: um deles, compreendendo a grande maioria e sendo composto por membros cuja única ciência seria a fé cega na sabedoria teórica e prática de seus chefes, e o outro, composto unicamente por algumas dezenas de indivíduos dirigentes, esta instituição que deve emancipar a humanidade se transformaria ela própria numa espécie de *Estado oligárquico*, o pior de todos os Estados; e ainda mais, esta minoria clarividente, sábia e hábil... tornar-se-ia dentro de pouco tempo cada vez mais despótica, maléfica e reacionária. (Obras, VI, 93 a 96, 71).

... Acreditamos que o povo pode enganar-se muitas vezes, mas não há ninguém no mundo que possa corrigir seus erros e reparar o mal que sempre resulta deles, a não ser ele próprio; todos os outros reparadores e retificadores... nunca fazem nem podem senão aumentar os erros e o mal. (Lehning, I- 1, 242, 71).

Educação militante. Relação entre as organizações socialistas e os sindicatos: Necessidade e papel do partido.

Eu gosto muito desses socialistas burgueses que nos gritam sempre: "Instruamos primeiro o povo e depois o emancipemos". Pelo contrário nós dizemos: Ele que se emancipe primeiro e se instruirá ele próprio... Deixam-no maçar-se com o seu trabalho quotidiano e com sua miséria, e dizem-lhe: "instruam-se!".

Não, senhores, apesar do nosso respeito pela questão da instrução integral, declaramos que hoje esta já não é a maior questão para o povo. A primeira questão é a da sua emancipação econômica que engendra imediatamente e ao mesmo tempo a sua emancipação política, e muito em breve sua emancipação intelectual e moral. (Obras, V, 42, 69).

Mas como chegar, do abismo da ignorância, de miséria e de escravatura, no qual os proletários dos campos e das cidades estão mergulhados, a este paraíso, a esta realização da justiça e da humanidade na terra? - Para isso, os trabalhadores só têm um único meio: a associação. (Obras, V, 42, 69).

Pois só resta uma única via, é a *da* [sua] *emancipação pela prática*. (Obras, V, 182, 69).

A seção central, já dissemos, foi o primeiro germe, o primeiro corpo constituinte da Associação Internacional em Genebra; ela deveria continuar a ser sua alma, a sua inspiradora e a sua propagandista permanente. É neste sentido, sem

dúvida, que muitas vezes se lhe chamou a "seção da iniciativa". Ela criou a Internacional em Genebra, devia conservar e desenvolver seu espírito. Sendo todas as outras seções corporativas[2], os operários estão aí reunidos e organizados não pela ideia, mas pelo fato e pelas próprias necessidades de seu trabalho idêntico. Este fato econômico, o de uma indústria especial e de condições particulares de exploração desta indústria pelo capital, a solidariedade íntima e particularmente os interesses, as necessidades, os sofrimentos, a situação e as aspirações que existem entre todos os operários que fazem parte da mesma seção corporativa, tudo isso forma a base real da sua associação. A ideia vem depois, como explicação ou como expressão equivalente do desenvolvimento e da consciência coletiva e refletida deste fato. (Obras, VI, 55-56, 71)

As seções centrais não representam nenhuma indústria em especial, visto que os operários mais avançados de todas as indústrias possíveis encontram-se aí reunidos. Então o que é que elas representam? A própria ideia da Internacional. Qual é a sua missão? O desenvolvimento e a propaganda desta ideia. E esta ideia o que é? É a emancipação dos trabalhadores de tal indústria e de tal país, mas também de todas as indústrias possíveis e de todos os países do mundo... Tal é a força negativa, belicosa ou revolucionária da ideia. E a força positiva? É a fundação de um novo mundo social (Obras, VI, 65, 66, 71).

As seções centrais são os Centros ativos e vivos onde se conserva, se desenvolve, e se explica a nova fé. Lá ninguém entra como operário especial desta ou daquela profissão; lá entram todos unicamente como trabalhadores em geral, com o fim da emancipação e da organização geral do trabalho e do novo mundo social baseado no trabalho, em todos os países. Os operários que fazem parte dela, deixando à entrada a sua qualidade de operários especiais ou "reais", no sentido da especialidade, apresentam-se lá como trabalhadores "em geral". Trabalhadores de que? Trabalhadores da ideia, da propaganda e da organização do poder tanto econômico como militante da Internacional: Trabalhadores da Revolução Social.

Vê-se que as seções centrais têm um caráter totalmente diferente das seções de profissão e até diametralmente oposto. Enquanto que as últimas, seguindo a via de desenvolvimento natural, começam pelo fato para chegar à ideia, as seções centrais, pelo contrário, seguindo a do desenvolvimento ideal ou abstrato, começam pela ideia para chegar ao fato. É evidente que em oposição ao método tão completamente realista ou positivo das seções de profissão, o método das seções centrais apresenta-se como artificial e abstrato. Esta maneira de proceder da ideia ao fato é precisamente a de que se têm servido eternamente os idealistas de todas as escolas, teólogos metafísicos e cuja importância final foi constatada pela história...

Se só tivesse havido na Associação Internacional dos Trabalhadores seções centrais, não há dúvida de que ela não teria atingido nem a centésima parte da força considerável de que agora se glorifica. As seções centrais teriam sido igualmente academias operárias onde seriam sempre debatidas todas as questões, incluindo

naturalmente a da organização do trabalho, mas sem a mínima tentativa séria nem mesmo sem alguma possibilidade de realização: e isto por uma razão muito simples: o trabalho "em geral" não é senão uma ideia abstrata que não encontra a sua "realidade" senão numa imensa diversidade de indústrias especiais, em que cada uma tem sua natureza própria, as suas próprias condições, as quais não se pode adivinhar e muito menos determinar pelo pensamento abstrato, mas que, só se manifestando pelo fato do seu desenvolvimento real, podem determinar sozinhos o seu equilíbrio particular, as suas relações e o seu lugar na organização geral do trabalho, - organização, que, como todas as coisas gerais, tem de ser a resultante sempre reproduzida de novo pela combinação viva e real de todas as indústrias particulares e não o seu princípio abstrato, imposto violenta e doutrinariamente, como o queriam os comunistas alemães, partidários do *Estado popular*.

Se só tivesse havido, na Internacional, seções centrais, provavelmente elas já teriam conseguido formar conspirações populares para a inversão da ordem atual das coisas, conspirações de intenção, mas muito fracas para atingir seus fins, porque elas nunca poderiam arrastar e receber no seu seio senão um pequeníssimo número de operários, os mais inteligentes, os mais enérgicos, os mais convencidos e os mais dedicados. A imensa maioria, os milhões de proletários ficaria de fora, e, para inverter e destruir a ordem política e social que hoje nos esmaga, é preciso a concorrência destes milhões.

Só os indivíduos, e somente um pequeno número de indivíduos se deixa definir pela "ideia" abstrata e pura. Os milhões, as massas, não só no proletariado, mas também nas classes esclarecidas e privilegiadas, só se deixam arrastar pela força e pela lógica dos "fatos", só compreendendo e encarando, a maior parte do tempo, os seus interesses imediatos e as suas paixões de momento, sempre mais ou menos cegas. Portanto, para interessar e para arrastar todo o proletariado na obra da Internacional, era preciso e é preciso aproximar-se dele não com ideias gerais e abstratas, mas com a compreensão real e viva dos seus males reais; e os seus males do dia a dia, ainda que apresentem um caráter geral para o pensador, e ainda que sejam na realidade efeitos particulares das causas gerais e permanentes, são infinitamente diversos, tomando uma multiplicidade de aspectos diferentes, produzidos por uma variedade de causas passageiras e reais. Tal é a realidade quotidiana destes males. Mas a massa do proletariado, que é forçada a viver sem pensar no dia de amanhã, agarra-se aos males de que sofre e dos quais é eternamente a vítima, precisa e exclusivamente nesta realidade, e nunca ou quase nunca na sua generalidade.

Então, para tomar o coração e conquistar a confiança, o consentimento, a adesão, a afluência do proletariado..., é preciso começar por lhe falar, não dos males gerais de todo o proletariado internacional, nem das causas gerais que lhe dão nascença, mas dos seus males particulares, quotidianos, privados. É preciso lhe falar de sua profissão e das condições do seu trabalho precisamente na localidade em que habita; da duração e da grande extensão do seu trabalho quotidiano, da insuficiência do seu salário, da maldade do seu patrão, da carestia dos víveres e da sua

impossibilidade de nutrir e de instruir convenientemente a sua família. E lhe propondo meios para combater os seus males e para melhorar a sua posição, não é preciso lhe falar logo dos objetivos gerais e revolucionários que constituem neste momento o programa de ação da Associação Internacional dos Trabalhadores, tais como a abolição da propriedade individual hereditária e a instituição da propriedade coletiva; a abolição do direito jurídico e do Estado, e a sua substituição pela organização e federação livre das associações produtivas; provavelmente ele não compreenderia nada destes objetivos, e poderia mesmo acontecer que, estando influenciado pelas ideias religiosas, políticas e sociais que os governos e os padres procuraram inculcar-lhe, repelisse com desconfiança e cólera o propagandista imprudente que quisesse convertê-lo com esses argumentos. Não, primeiramente só é preciso propor-lhe objetivos que o seu bom senso natural e a sua experiência quotidiana não possam ignorar a utilidade, nem repeli-los. (Obras, 68 a 72, 71).

Logo que entre para a seção, o operário neófito vai aprender lá muitas coisas. Explicasse-lhe que a mesma solidariedade que existe entre todos os membros da mesma seção estabelece-se igualmente entre todas as diferentes seções ou entre todas as corporações de profissões da mesma localidade; que a organização desta solidariedade mais larga, abraçando indiferentemente os operários de todas as profissões, tornou-se necessária porque os patrões de todas as profissões entendem-se entre eles [etc.]... melhor do que pelas explicações verbais que recebe de seus camaradas, depressa reconhece todas as coisas pela sua própria experiência pessoal doravante inseparável e solidária com a dos outros membros da seção. (Obras, VI, 73, 71).

Numa palavra, a única solidariedade que lhe é oferecida como um benefício e ao mesmo tempo como um dever é, em toda a acepção da palavra, a *solidariedade econômica*, mas uma vez que esta solidariedade é seriamente aceita e estabelecida, produz todo o resto -, os princípios mais sublimes e subversivos da Internacional [...] não sendo senão os desenvolvimentos naturais e necessários desta solidariedade econômica. E a grande vantagem prática das seções de profissão sobre as seções centrais consiste precisamente nisto, que estes desenvolvimentos e estes princípios demonstram-se aos operários não com argumentos teóricos, mas pela experiência viva e trágica de uma luta que se torna cada vez maior, mais profunda, mais terrível: de modo que o operário menos instruído, menos preparado, mais brando, constantemente arrastado mais para frente pelas próprias consequências desta luta, acaba por se reconhecer revolucionário, anarquista e ateu, muitas vezes sem saber como o conseguiu ser.

É claro que só seções de profissão podem dar esta educação prática aos seus membros, e consequentemente, só elas podem arrastar para a organização da Internacional a massa do proletariado, esta massa, já dissemos, sem a forte ajuda da qual o triunfo da revolução nunca será possível.

Se só houver na Internacional seções centrais, estas não seriam senão almas sem corpos, sonhos magníficos sem realização possível. Felizmente, as seções centrais, emanações do fogo principal que se formou em Londres, foram fundadas não por burgueses, não por sábios de profissão, nem por homens políticos, mas por operários socialistas. Os operários, é essa a sua grande vantagem sobre os burgueses, graças à sua situação econômica e também graças ao que a educação doutrinária, clássica, idealista e metafísica, que envenena a juventude burguesa, os poupou até aqui, têm o espírito eminentemente prático e positivo. Eles não se contentam com ideais, eles precisam de fatos, e só acreditam nas ideias quando elas se apoiam em fatos. Esta inclinação feliz lhes permitiu evitar dois obstáculos contra os quais encalham todas as tentativas burguesas: a academia e a conspiração platônica. Aliás o programa da Associação Internacional dos Trabalhadores... indiculhes claramente a única via que eles podiam e deviam seguir.

Em primeiro lugar, eles deviam se dirigir às massas em nome da sua emancipação econômica, não da revolução política: primeiro, em nome dos seus interesses materiais, para chegar mais tarde aos seus interesses morais, sendo os segundos, enquanto interesses coletivos, unicamente a expressão e a consequência lógica dos primeiros. Eles não podiam esperar que as massas os viessem procurar, tinham de ir procurá-las onde elas estão, na sua realidade quotidiana, e esta realidade é o trabalho quotidiano, especializado e dividido em corporações de profissões, já mais ou menos organizado pelo trabalho coletivo em cada indústria particular, para que eles aderissem ao objetivo econômico, à ação comum da grande Associação dos Trabalhadores de todos os países, numa palavra, para filiá-los à Internacional, deixando-lhes a sua autonomia e a sua organização particulares. O que quer dizer que a primeira coisa que eles deviam fazer e que efetivamente fizeram, foi organizar, em volta de cada organização central, tantas seções de profissão quantas indústrias diferentes existissem.

Foi assim que as seções centrais, que, em todos os países, representam a alma ou o espírito da Internacional, formaram uma corporação, tornando-se organizações reais e fortes. Uma vez realizada esta missão, as seções centrais deviam dissolver-se, só permitindo a existência de seções de profissão. Parece-nos que isso é um grande erro. Pois... A grande tarefa que se impôs a Associação Internacional dos Trabalhadores... não é unicamente uma obra econômica ou simplesmente material, é ao mesmo tempo uma obra social, filosófica e moral; também é, se se quiser, uma obra eminentemente política. (Obras, VI, 75 a 79, 71).

A quem nos perguntar para que serve a existência da Aliança quando existe a Internacional, nós responderemos: a Internacional é, evidentemente, uma magnífica instituição, é incontestavelmente a mais bela, a mais útil, a mais benéfica criação deste século. Ela criou a base da solidariedade dos trabalhadores de todo o mundo. Ela deu-lhe um começo de organização através da fronteira de todos os Estados e fora do

mundo dos exploradores e dos privilegiados. Ela fez mais, já contém hoje os primeiros germes da organização da unidade que há de existir e ao mesmo tempo deu ao proletariado de todo o mundo o sentimento de sua própria força. Estamos certos também do grande serviço que ela prestou à grande causa da revolução universal e social. Mas ela não é de modo nenhum uma instituição suficiente para organizar e dirigir esta revolução.

Todos os revolucionários sérios que tiveram uma parte ativa nos trabalhos da Internacional, seja em que país fosse, desde 1864, ano de sua fundação, devem estar convencidos disso. A internacional prepara os elementos da organização revolucionária, mas não a realiza. Ela os prepara organizando a luta pública e legal dos trabalhadores solidários de todos os países contra os exploradores do trabalho, capitalistas, proprietários e empreiteiros das indústrias, mas nunca vai além disso. A única coisa que ela faz fora desta obra já tão útil, é a propaganda teórica das ideias socialistas nas massas operárias, obra igualmente muito útil, muito necessária à preparação da revolução das massas.

A Internacional, numa palavra, é um meio imenso, favorável e necessário a esta organização, mas ainda não é esta organização. A Internacional aceita no seu seio, abstraindo-se completamente de todas as diferenças de crenças políticas e religiosas, todos os trabalhadores honestos, com todas as suas conseqüências à solidariedade da luta dos trabalhadores contra o capital burguês explorador do trabalho. Esta é uma condição positiva, suficiente para separar o mundo dos trabalhadores do mundo dos privilegiados, mas insuficiente para dar ao primeiro uma direção revolucionária. (Nettlau, 287-288, 72).

... os fundadores da Associação Internacional agiram com grande sabedoria eliminando primeiramente do programa desta Associação todas as questões políticas e religiosas. Sem dúvida, de modo nenhum lhes faltou opiniões políticas, nem opiniões antirreligiosas bem marcadas; mas abstiveram-se de emití-las neste programa, porque o seu principal objetivo, em primeiro lugar, era unir as massas operárias de todo o mundo civilizado numa ação comum. Necessariamente que tiveram de procurar uma base comum, uma série de princípios simples sobre os quais os operários, sejam quais forem as suas aberrações políticas e religiosas, por pouco que sejam sérios, isto é, homens duramente explorados e sofrendores, estão e têm de estar de acordo.

Se tivessem içado a bandeira de um sistema político ou antirreligioso, longe de unir os operários da Europa os teriam dividido mais ainda. (Obras, V, 172-173, 69).

...acreditam que se se escrevesse esta simples palavra "ateísmo", no estandarte da Internacional, esta associação teria podido reunir no seu seio centenas de milhares de aderentes? Todos sabem que não, não por o povo ser verdadeiramente religioso, mas por ele acreditar sê-lo; e ele acreditará sê-lo enquanto uma revolução social não lhe facultar os meios para realizar todas as suas aspirações neste mundo. É certo que se a Internacional pusesse o ateísmo, como um princípio obrigatório, no seu

programa, teria excluído do seu seio a flor do proletariado, - e por esta palavra eu não quero dizer, como o fazem os marxistas, a camada superior, a mais civilizada e a mais desembaraçada do mundo operário, essa camada de operários quase burgueses de que eles querem precisamente servir-se para construir a sua *quarta classe governamental*, e que é verdadeiramente capaz de formar uma, se não os pusermos na ordem dos interesses da massa do proletariado, porque, com o seu bem estar relativo quase burguês, não está infelizmente senão profundamente penetrada por todos os preconceitos políticos e sociais e pelas estreitas aspirações e pretensões dos burgueses. Pode-se dizer que esta camada é a menos socialista e a mais individualista de todo o proletariado.

Pela *flor do proletariado*, eu entendo sobretudo esta grande massa, estes milhões de não-civilizados, de deserdados, de miseráveis e de analfabetos que o Sr. Engels e o Sr. Marx pretendem submeter ao regime paternal de um governo muito forte... Por flor do proletariado, eu entendo esta carne para governo, esta *grande canalha popular* que, estando quase virgem de toda civilização burguesa, traz no seu seio, nas suas paixões, nos seus instintos, nas suas aspirações, em todas as necessidades e misérias da sua posição coletiva, todos os germes do socialismo futuro, e que só ela é suficientemente forte para inaugurar e para fazer triunfar a Revolução Social. (Obras, IV, 413-414, 72).

A Aliança é o complemento necessário da Internacional... -Mas a Internacional e a Aliança, tendendo para o mesmo objetivo final, presiguem ao mesmo tempo objetivos diferentes. - Uma tem por missão reunir as massas operárias, os milhões de trabalhadores, através das diferenças das nações e dos países, através das fronteiras de todos os Estados, em um só corpo imenso e compacto; a outra, a Aliança, tem por missão dar às massas uma direção verdadeiramente revolucionária. Os programas de uma e de outra, sem serem opostos em nada, são diferentes pelo próprio grau do seu desenvolvimento respectivo. O da Internacional, se o tomarmos a sério, também é em germe, mas só em germe, todo o programa da Aliança. O programa da Aliança é a explicação última do da Internacional. (Nettlau, 286, 72).

Reconheço com alegria que, em todos os países, as classes privilegiadas perderam muito da sua força passada. Perderam totalmente a sua força moral; já não têm fé nos seus direitos, sabem que são iníquas e odiosas, desprezam-se a si próprias.

É bastante. Tendo perdido sua força moral, elas perdem ostensiva e necessariamente também a força inteligente. Elas são muito mais sábias que o proletariado, mas isso não as impede de se tornarem cada vez mais brutas. Elas perderam toda a coragem intelectual e moral... O proletariado, cuja vivacidade herdou da sua anterior capacidade intelectual e moral, prepara-se hoje para forçá-las nos seus últimos refúgios políticos e econômicos.

Tudo isto é verdade. Mas não se pode ter ilusões. Esses refúgios são ainda muito fortes: são o Estado, a Igreja, a Bolsa, a polícia, o exército e também esta

grande conspiração internacional e pública, legal, armada, a que se chama diplomacia.

Tudo isto é organizado sabiamente e é forte pela organização. E em presença desta organização formidável, o proletariado ainda que unido, agrupado e solidarizado pela Internacional, continua desorganizado. Que faz o seu número? O povo mesmo que seja um milhão, vários milhões, será posto em xeque por algumas dezenas de milhares de soldados, sustentados e disciplinados às suas custas, contra ele, pelos escudos burgueses produzidos pelo seu trabalho.

Por exemplo, a seção mais numerosa, mais avançada e melhor organizada da Internacional – o está para o combate? Sabem que não. Em mil trabalhadores, seria muito se reunissem uma ou no máximo duas centenas no dia do combate. É que para organizar uma força, não basta unir os interesses, os sentimentos, o pensamento. É preciso unir as vontades e o caráter. Os nossos inimigos organizam as suas forças com a força do dinheiro e com a autoridade do Estado. Nós só podemos organizar as nossas com a convicção, com a paixão

Nós não podemos e não queremos unir outro exército senão o povo. Mas para que esta massa se erga em conjunto simultaneamente - e só com esta condição que ela pode vencer - o que fazer? Sobretudo como fazer para que as massas mesmo eletrizadas, quando sublevadas, não se contradigam e não se paralisem pelos seus movimentos opostos?

Só há um único meio: é assegurar-se da participação de todos os chefes populares. Eu chamo chefes populares a indivíduos saídos do povo: vivendo com ele, da sua vida, e que, graças à sua superioridade intelectual e moral, exercem nele uma grande influência. Há muitos entre eles que abusam desta superioridade e a fazem servir os seus interesses pessoais. São homens muito perigosos e que é preciso evitar como a peste, que é preciso combater e aniquilar sempre que possível. É preciso procurar os bons chefes, os que só defendem os seus interesses nos interesses de todos. Mas como encontra-los e reconhece-los, e qual é o indivíduo tão inteligente, tão perspicaz e tão forte, para não se enganar em absolutamente nada, primeiro na sua escolha e em seguida para os convencer e para os organizar sozinho.

É evidente que esse não pode ser o trabalho de um só homem, que só muitos homens associados podem empreender e conduzir a bom termo uma empresa tão difícil. Mas para isso, é necessário primeiro que se entendam entre eles e que deem as mãos para esta obra comum. Mas tendo esta obra um objetivo prático, revolucionário, o entendimento mútuo que é a condição necessária não pode se fazer publicamente; se se fizesse em público, atrairia sobre os iniciadores as perseguições de todo o mundo oficial e oficioso, e se veriam esmagados antes mesmo de terem podido fazer a mínima coisa.

Pois este entendimento e esta associação que tem de sair dele, só podem ser feitos em segredo. Quer dizer que é preciso estabelecer uma conspiração, uma sociedade secreta a sério.

Também é assim o pensamento e o objetivo da Aliança. É uma sociedade secreta formada no seio da própria Internacional, para dar a esta última uma organização revolucionária, para transformá-la, a ela e a todas as massas populares que estão fora dela, numa força suficientemente organizada para aniquilar a reação político-colérico burguesa, para destruir todas as instituições econômicas, jurídicas, religiosas e políticas dos Estados. (Nettlau. 289 a 291, 72).

... mesmo que conseguissem, à custa de uma luta enérgica e hábil, salvaguardar a existência dos vossas seções públicas, eu acho que acabariam mais tarde ou mais cedo por compreender a necessidade de formar entre elas *núcleos* compostos por membros mais seguros, mais dedicados, mais inteligentes e mais enérgicos, numa palavra, pelos mais íntimos. Estes núcleos intimamente ligados entre si e com núcleos semelhantes que se organizam ou se organizarão nas outras regiões da Itália ou do estrangeiro, terão uma dupla missão: primeiro, a formação da alma inspiradora e vivificante deste grande corpo a que chamamos Associação Internacional dos Trabalhadores tanto na Itália como em qualquer outro lado; e em seguida se ocuparão dos problemas que são impossíveis de se tratar *publicamente*. Eles formarão a ponte necessária entre a propaganda das teorias socialistas e a prática revolucionária.

...Naturalmente, esta aliança secreta só aceitaria no seu seio um pequeníssimo número de indivíduos...; pois neste tipo de organização, não é a quantidade, mas a qualidade que é preciso procurar... Vocês só querem uma revolução popular; por isso não vão recrutar um exército, pois o vosso exército é o povo. O que devem formar, são os estados-maiores, a rede bem organizada e bem inspirada dos chefes do movimento popular. (Cerretti, 194-195, 72).

Notas:

1. Aqui Bakunin se refere à Comuna de Paris, ocorrida em 1871.

2. Aqui é preciso que se entenda a diferença de papéis entre as duas instâncias, a seção central tem um papel organizador e político, enquanto as seções corporativas desempenham um papel social. como um sindicato.

COMO FORJAR UM PARTIDO BOLCHEVIQUE É PRECISO ARRANCAR AS MASSAS AOS SOCIAL-DEMOCRATAS

Autor: Ossip Piatnitsky, então Diretor da Organização Clandestina da Internacional Comunista.

Data: O presente documento foi provavelmente redigido no princípio da década de 1930.

*Acesso: O presente artigo é uma seleção de fragmentos do texto. Este Documento encontra-se anexo ao livro *Rompendo a noite* (pps. 395-435), de O. Piatnitsky., Edições Pavlov, México. S/D 194?. Pode ser acessado na íntegra em:*

<<http://www.marxists.org/portugues/piatnitsky/1930/mes/forjar.htm>>

O XI Pleno do C. E. da I. C. comprovou o atraso das seções da Internacional Comunista nos países capitalistas com relação ao ascenso do movimento operário e camponês revolucionário. Passou um ano desde a assembleia. É período suficiente para examinar seus resultados. Esse atraso foi liquidado?

Nos três últimos trimestres de 1931 e no primeiro trimestre de 1932 se tornou palpável uma séria agravação da situação das classes laboriosas, operários e camponeses pobres e médios. Os partidos socialistas, os social-democratas e os burocratas sindicais ainda seguidos por massas importantes de operários e de empregados, se colocaram plenamente há muito tempo do lado da burguesia e traem diariamente os interesses da classe operária. No transcurso deste período, o ascenso do movimento operário e camponês, não só não decaiu em nenhuma parte, senão que se acentuou em certo número de países, (Espanha, Polônia, Tchecoslováquia, China, Japão, Índia, América, França, Alemanha). Mesmo assim, nos principais países imperialistas (Inglaterra, América, França, Alemanha), os partidos comunistas se encontram atrasados como antes do Pleno do C. E. da I. C.. Cada país tem suas razões objetivas para este atraso. Não obstante, isto não quer dizer que o fator subjetivo - a incapacidade de aproveitar o descontentamento das grandes massas de trabalhadores determinado pela queda do nível de vida, o desemprego, a fome, os impostos, a ação dos social-democratas, dos partidos socialistas e dos burocratas sindicais - não tenha uma parte enorme neste atraso.

A força das tradições reformistas

Como se explica esta incapacidade de arrancar as massas operárias dos partidos social-democratas e socialistas e dos reformistas e agrupar, organizar e reter em nossas filas os que passaram para o Partido Comunista e para o movimento sindical revolucionário dos países capitalistas?

Principalmente pelo fato de que as tradições reformistas e social-democratas estão ainda profundamente arraigadas em todos os domínios da atividade dos partidos comunistas, dos sindicatos vermelhos e das operações sindicais. Comparando os métodos de trabalho entre as massas, as formas de organização, a apreciação da situação dada e a tática correspondente dos bolcheviques e dos social-democratas, demonstraremos mais adiante que as seções da Internacional Comunista nos países capitalistas se saturaram muito em seu nascimento e ainda hoje em dia estão bastante impregnadas da prática dos partidos social-democratas. [...]

Os partidos social-democratas e socialistas que em 1890 já existiam como partidos de massas nos principais países, haviam se adaptado ao regime e às legislações existentes. Antes da guerra mundial, a luta política travada pelos partidos social-democratas era uma luta pelas reformas no terreno da legislação social e pelo sufrágio universal. E mesmo essa luta era travada essencialmente por meio da cédula eleitoral.

Se de palavra não renunciavam ao objetivo final da luta do proletariado, o socialismo, de fato não empreendia nada sério e prático para preparar e travar batalhas revolucionárias, educar com esse objetivo os quadros necessários, dar às organizações do partido uma orientação revolucionária, romper no curso da luta com a legalidade burguesa, etc.. Toda a orientação dos partidos social-democratas e socialistas tendia essencialmente a obter por meio do sufrágio universal, igual e secreto, a maioria no parlamento, para “instaurar então o socialismo”. As mesmas tentativas de adaptação, que o Partido Bolchevique ilegal combateu violentamente, encontraram igualmente sua expressão na Rússia na pessoa dos mencheviques liquidadores (e na pessoa de Trotski), que qualificaram o regime de Stolypin de regime burguês e trataram de se adaptar a ele, passando à atividade legal e lutando por reformas, imitando os partidos socialistas da Europa ocidental. Os mencheviques não levavam em conta o fato de que as tarefas da revolução democrático-burguesa haviam ficado sem solução depois da revolução de 1905.

No ocidente, os sindicatos estavam voluntariamente reduzidos ao par de organizações auxiliares das grandes massas operárias e à defesa exclusiva dos interesses econômicos imediatos da classe operária, coisa importante, certamente, mas nem sequer se propunham a tarefa de derrubar a burguesia e instaurar a ditadura do proletariado. Abandonavam todo o domínio da política “pura” ao partido político. Não se propunham a outro fim que concluir contratos coletivos e declarar greves econômicas. O papel das cooperativas era, todavia, mais reformista. Os sindicatos se achavam às vezes em desacordo, inclusive com os partidos social-democratas, sobre a fixação das festas revolucionárias e o desencadeamento de greves políticas, mas as cooperativas estavam, por sua vez, em desacordo com os sindicatos, que pediam sua ajuda nos períodos de greves econômicas. Por esta razão, os partidos social-democratas e socialistas estrangeiros, com muita tolerância à revisão bernsteiniana dos princípios fundamentais do marxismo, sem pensar nem sequer em fazer a cisão, mesmo quando alguns partidos social-democratas tivessem adotado resoluções contra

os oportunistas, os revisionistas e os reformistas. Na verdade, quase toda a ação dos partidos social-democratas e das organizações operárias que dirigiam estava impregnada de bernsteinismo. [...]

Ligação dos partidos social-democratas com as empresas

Mas não se pode dizer que os partidos social-democratas não estavam ligados às fábricas e empresas. Estavam ligados por intermédio dos sindicatos, à cabeça dos quais se encontravam membros do Partido Social-Democrata. Apesar de que os sindicatos não estivessem organizados sobre a base das empresas, elas tinham seus delegados, seus tesoureiros, e como em sua maioria eles eram delegados e tesoureiros sindicais social-democratas, os partidos social-democratas, por intermédio destes delegados, pelos sindicatos, estavam ligados às empresas. Quando apareceram os partidos comunistas (em certos países, em consequência da cisão e da saída dos partidos social-democratas; em outros, como na Tchecoslováquia e na França, depois que a maioria decidiu aderir à Internacional Comunista, a minoria teve que se organizar em partido social-democrata) formaram suas organizações sobre o modelo social-democrata. E isso apesar dos partidos comunistas terem se proposto, a partir de sua existência, objetivos distintos dos partidos social-democratas. Eles se propunham derrubar a burguesia e conquistar o poder pelo proletariado, enquanto a social-democracia internacional, depois de ter apoiado a burguesia durante a guerra, havia se convertido em sua principal sustentação depois da guerra.

Mesmo assim, os partidos comunistas construíram sua organização como os social-democratas, por circunscrição eleitoral, por local de habitação dos membros do Partido e dos eleitores. Acrescente-se que não possuíam suas organizações sindicais e que onde as criaram, estas não tiveram nem têm até agora sólidos laços de organização com as empresas. Deste modo, as organizações do Partido Comunista nos países capitalistas estavam organizadas sem ligação permanente de organização com as empresas. É aí o principal defeito de organização dos partidos comunistas, que deve ser destacado claramente pelos professores que ensinam nas escolas do Partido. As tarefas dos partidos comunistas eram outras, mas suas organizações tinham a mesma estrutura que as dos social-democratas. Se os social-democratas estavam ligados às empresas por intermédio dos sindicatos, os partidos comunistas nem sequer possuíam uma organização semelhante, e isso é igualmente válido, inclusive para partidos comunistas que têm uma grande influência nos sindicatos vermelhos (Partido Comunista Tchecoslovaco, Partido Comunista Francês). Desde sua aparição, os partidos comunistas adotaram as formas de organização do Partido Bolchevique. Mas durante e imediatamente depois da guerra, em muitos países, os operários nomearam delegados revolucionários (na Alemanha desempenharam um grande papel no curso das greves durante a guerra), elegiam comitês de empresa (por exemplo, o *shop stewards* [1] na Inglaterra), e inclusive envia seus delegados aos soviets. Desta maneira puderam se convencer das vantagens da organização dos operários por local de trabalho com relação à organização dos operários por local de habitação. Mas quando a tempestade revolucionária se acalmou, as tradições social-democratas

recuperaram sua posição predominante sobre as formas de organização similares às formas bolcheviques de trabalho nas empresas. Isso é o que explica porque os partidos comunistas, e em particular as organizações de zona e de base do Partido, as organizações sindicais revolucionárias e os quadros que assumem de fato o grosso do trabalho revolucionário e do trabalho do Partido, renunciaram então aos métodos quase bolcheviques do trabalho nas empresas. E hoje em dia, ao não encontrar a resistência necessária nos dirigentes do Partido, se opõem a estes métodos, mesmo tendo demonstrado sua superioridade sobre os métodos social-democratas.

O exemplo de 1923, quando o Partido não aproveitou a situação revolucionária para derrubar a burguesia, não somente porque faltava uma verdadeira direção revolucionária, mas por carência de ligação ampla e sólida com os operários das fábricas e empresas, basta para provarmos que a ausência de organização do Partido nas empresas influi poderosamente no trabalho do Partido Comunista. Em 1923, a social-democracia alemã havia se debilitado consideravelmente. Seus efetivos baixavam de uma maneira inaudita. Os sindicatos reformistas contavam, em 1922, com 9 milhões de membros... (7.895,065 na Confederação do Trabalhador e o resto no Sindicato de Funcionários). Em 1923 não conservavam mais que 3 milhões de membros. O aparato dos sindicatos reformistas se desagregava. Já não se pagava aos funcionários. Nesse momento o Partido Comunista Alemão teria podido se adonar do poder se tivesse uma direção revolucionária, se tivesse travado uma luta verdadeira contra o partido social-democrata e os reformistas, e se tivesse estado com as empresas, se as tivesse mobilizado empregando a tática revolucionária da frente única na luta pela ditadura do proletariado, em lugar da frente única de Brandler com os social-democratas saxões de “esquerda” e seu governo Zeigner. A conferência convocada em 1923 pela direção oportunista de Brandler para decidir se era preciso obrar ou não, reuniu em sua maioria funcionários do Partido, chefes do movimento cooperativo e sindical entre os quais figuravam bom número de oportunistas de direita do tipo Brandler, Talheimer e Walcher, sem ligação com as massas. Eles ignoravam a vida e o estado de ânimo das massas operárias e foi esta conferência a que decidiu não intervir.

As células de Empresa e de rua

Na Rússia czarista as células (ou os bolcheviques isolados nas empresas onde não havia células) tiravam proveito de todas as reprimendas dos patrões: a brutalidade dos contramestres, os erros intencionais no pagamento dos salários, as multas, a negativa de pagar o subsídio por acidente de trabalho, etc. Propaganda era feita nas oficinas, eram distribuídos volantes, comícios eram organizados nos pátios e nas portas de fábricas, assim como reuniões de operários simpatizantes e revolucionários. Os bolcheviques imputavam os acidentes nas empresas ao regime autocrático, porquanto os operários experimentavam em suas costas o chicote dos mercenários do czar, o presídio e a deportação por seus protestos e suas greves contra os patrões. Ao mesmo tempo, as células, em sua agitação, ligavam a autocracia ao regime capitalista e devido a isso é que, desde o começo mesmo do movimento, os bolcheviques

ligavam as reivindicações econômicas às reivindicações políticas, e a luta econômica à luta política.

Quando o estado de ânimo dos operários era favorável à greve, as células bolcheviques se punham à cabeça do movimento. As greves se propagavam de uma oficina a outra, de uma fábrica a outra, enquanto que, sob a direção e a influência das organizações do Partido Bolchevique, estes movimentos de greve tomavam amiúde a forma de manifestações de rua. Deste modo, as greves econômicas se transformavam em uma batalha política. A história do movimento operário na Rússia czarista viu mais de uma greve isolada de empresa se transformar em greves de todas as empresas de uma cidade e se estender a outras cidades. Todas estas greves, em que pese o trabalho clandestino dos bolcheviques, custavam enormes sacrifícios da parte desses e dos operários revolucionários. Mas com o exemplo destas vítimas, se formavam sem cessar novos quadros na luta e na ação cotidiana para continuar a batalha. As células bolcheviques se converteram assim nas organizações da luta das massas no terreno econômico e político.

Em 1921, o terceiro Congresso da Internacional Comunista formulou as primeiras teses sobre a organização dos partidos comunistas nos países capitalistas. Até 1924 os partidos comunistas fizeram ouvidos de mercador. Atualmente existem em todos os partidos comunistas células de empresa que, mesmo assim, sobretudo nos partidos comunistas legais, passam o tempo sem fazer nenhum trabalho prático nas empresas. As tradições social-democratas na estrutura do Partido se arraigaram de tal maneira nas filas do Partido comunista que dominam os membros do Partido, inclusive quando aplicam os princípios de organização. Existem em muitos lugares células de empresa do Partido, mas se acham longe de modificar os métodos de seu trabalho. Discutem as questões do Partido, participam nas campanhas de reeleição dos comitês de empresa, inclusive às vezes editam jornais de fábrica, mas *não se ocupam das questões da empresa*, não se dedicam a uma propaganda verbal individual nas oficinas, na porta das fábricas, nos trens nos quais viajam os operários. Raramente organizam comícios por ocasião das reuniões convocadas pelos comitês operários de empresa, onde tomam a palavra os reformistas e os social-democratas e onde, mais que em qualquer outro lugar, pode-se demonstrar e provar sua traição. As células de empresa não dirigem nem controlam o trabalho dos comunistas nos comitês sindicais de empresa dirigidos pelos reformistas.

Deixam os comitês vermelhos sem direção e é por essa causa que frequentemente não trabalham melhor que os comitês reformistas. As principais campanhas dos sindicatos e do Partido não são travadas por meio das células de empresa. Inclusive as campanhas pelas eleições municipais, legislativas e as eleições para o Landtag que ocorrem com bastante frequência, não são levadas a cabo, até agora, pelas células de empresa, mas pelas de fábrica. Em consequência disso, ocorre amiúde que as células de empresa só conhecem a declaração das greves nas oficinas e inclusive nas fábricas onde trabalham seus membros até depois que estalam. Inclusive quando as células de empresa, os grupos de oposição sindical e os sindicatos

vermelhos preparam as greves, uma vez eleito o comitê de greve, as células e os grupos sindicais abandonam a direção e cessam de existir como organizações. Os reformistas aproveitam naturalmente esta situação.

Pode-se dizer o mesmo da maioria das células de empresa dos países capitalistas. Isso não significa que ali não tenha células que trabalham admiravelmente e que demonstram que o sistema das células de empresa é superior à estrutura social-democrata de organização do Partido. Mas, desgraçadamente, essas células constituem uma minoria. A enorme maioria das células de empresa não funcionam e, no melhor dos casos, funcionam mal. Um fenômeno bastante corrente até a data é que a célula não agrupa os membros do Partido na empresa. O Partido Bolchevique não conhecia mais que apenas uma organização de base: a célula de empresa, de estabelecimento público, de quartel, etc. tendo em conta as condições existentes no estrangeiro, a Internacional Comunista se viu obrigada a adotar uma forma complementar de organização: as células de rua. Estas células de rua estavam destinadas às servientas (empregadas?), aos pequenos artesãos, etc. elas deviam levar a ação comunista por bairro. As células de rua deviam compreender os membros do Partido desempregados até o momento em que encontrassem emprego. Não se podia obrigar um comunista parado a assistir às reuniões da célula da empresa onde tivesse trabalhado (admitindo que essa célula existisse) quando nem sequer tinha o dinheiro necessário para a viagem. As células de rua tinham tarefas bem determinadas: ir de casa em casa, distribuir volantes, ajudar nas campanhas eleitorais a por de fora o trabalho das células de fábrica. [...]

As dificuldades do trabalho nas células comunistas nas empresas dos países capitalistas e os métodos para vencê-las

A ação nas empresas tropeça evidentemente com grandes dificuldades, as quais os professores que ensinam os princípios de organização do Partido não devem ignorar. Na Rússia czarista, o Partido Bolchevique era ilegal, assim como as células. Estas não saíram da ilegalidade senão quando o Partido se tornou legal. Outra coisa ocorre no estrangeiro. Nos principais países capitalistas, os partidos comunistas militam legalmente, mas *as células devem trabalhar clandestinamente*. Por desgraça não conseguem trabalhar sem serem descobertos. Os patrões e seus espíões vigiam constantemente os operários revolucionários e os expulsam das empresas sem o menor protesto dos sindicatos reformistas. Ao contrário, estes últimos são muito amiúde os instigadores da demissão dos comunistas. Dado que por regra geral os comunistas empreendem uma ação demasiado débil nas empresas, os operários não tomam a defesa dos comunistas despedidos (ocorrem, bem entendido, casos contrários).

Em tais condições, as células de empresa não fazem, na maioria das vezes, nada, ou então seus membros são expulsos da fábrica ao menor gesto, sendo incapazes de fazer um trabalho clandestino por insignificante que seja. Amiúde ocorre que os comunistas são expulsos da empresa sem que tenham travado nela nenhuma ação, simplesmente porque são do Partido. Nossos professores nas escolas comunistas

internacionais devem ter em conta esta dificuldade e indicar aos alunos, no curso do estudo do trabalho dos partidos legais, como tais células podem e devem organizar sua ação, pois nesse domínio pode ser aplicada a experiência bolchevique do trabalho ilegal nas fábricas sob o czarismo, trabalho que na ocasião dava excelentes resultados. Não se pode ver isso como um simples detalhe. Se o Partido Comunista não souber fazer um trabalho clandestino nas empresas, fica exposto a perder os comunistas e os operários revolucionários despedidos.

Certos comunistas consideram estranho que os social-democratas, os nacionalistas e os membros de outros partidos possam nomear-se abertamente, enquanto que eles, sendo legal o Partido Comunista, devem dissimular que pertencem ao Partido. Essa dissimulação é preguiça ou oportunismo de direita? De maneira nenhuma. Seria oportunismo ou preguiça se os membros da célula ou certos comunistas temessem e evitassem tomar a palavra contra os social-democratas e reformistas nas reuniões de fábrica, quando estes propõem aceitar o rebaixamento do nível de vida dos operários, aprovar demissões ou as proposições dos reformistas e dos social-democratas, etc.. Isso, desgraçadamente, ocorre. Mas não é absolutamente necessário gritar pela fábrica que se é comunista, ainda mais quando isso não vai sempre acompanhado de um trabalho comunista. Pode-se e deve-se levar a cabo um verdadeiro trabalho de partido ligando as consignas deste último à luta cotidiana nas empresas sem revelar sua qualidade de membro do Partido ou da célula.

Para isso sempre é possível encontrar fórmulas apropriadas. Por acaso é impossível dizer: “Hoje li tais notícias”, ou melhor: “um operário de nossa fábrica ou da fábrica vizinha me disse isto...”, etc.? Em uma palavra, tudo deve ser apresentado dentro do espírito das decisões da célula do Partido, mas sob uma forma velada, até “inocente”. Inclusive se alguém, por ordem da célula, intervém em uma reunião geral dos operários da empresa, nem sempre é indispensável que declare estar falando em nome da célula. O essencial é que seu discurso seja dito no sentido das decisões da célula e que suas proposições sejam elaboradas ou aprovadas pelo Birô da célula. Os outros membros e simpatizantes devem não somente votar pelas proposições feitas pelos camaradas designados pela célula, mas também levar a cabo uma propaganda em favor destas proposições entre os operários. Nos partidos ilegais acontece diferente, pois tanto o Partido como as células são ilegais. Mas inclusive nos partidos ilegais desgraçadamente se dissimula muito mal a atividade da célula.

Como o Partido Bolchevique defendia os interesses econômicos dos operários

Na Rússia czarista, o regulamento e o regime das empresas eram relativamente anódinos com relação ao regulamento das empresas dos grandes países capitalistas, sobretudo nas condições atuais, depois da racionalização capitalista, que esgota os operários, e da aplicação do trabalho em cadeia. A burguesia, antes da derrocada do czarismo, pagava muito mal aos operários. Mas estes travavam uma luta tão enérgica contra o rigor do regulamento interior das empresas que os fabricantes deviam, no fim das contas, renunciar a aplicar a taylorização[2] e qualquer outro

sistema de exploração dos operários. Isso facilitava o trabalho do Partido nas empresas. Além disso, os operários, pertencessem ao partido socialista que fosse, se juntavam com os operários bolcheviques na frente de luta econômica e política (greves, manifestações e até insurreições).

Mas isso não quer dizer que o Partido Bolchevique, que as células de empresa, que os bolcheviques isolados seguiam a corrente e dissimulavam nas empresas os princípios bolcheviques. Pelo contrário, tanto nas fábricas como nos periódicos e nos volantes ilegais, os bolcheviques levavam a cabo uma campanha encarniçada contra os mencheviques, os liquidadores, o trotskismo, os SR, os socialistas-populistas, etc. Os bolcheviques, por sua agitação persuasiva, por seus argumentos nas discussões com os membros de outros partidos, por suas proposições motivadas e oportunas, pelo conhecimento da situação dos operários nas empresas, por seus métodos de trabalho, pela atração dos operários a participar na solução dos diferentes problemas, por uma preparação minuciosa da luta, por seus métodos de organização, demonstravam a justeza e a superioridade de sua ação sobre as dos outros partidos. É por isso que o Partido Bolchevique logrou construir nas fábricas e nas empresas a frente única na base com os operários de todas as tendências durante todo o período da história do movimento operário da Rússia, inclusive no momento em que, em 1913-1914, os mencheviques reprovavam aos bolcheviques que “jogavam às greves”, inclusive sob Kerenski, no mês de agosto de 1917, na ocasião da greve geral organizada pelos bolcheviques contra a Assembleia Governamental de Moscou na qual se penduravam os mencheviques e os SR e, mais tarde, durante as jornadas de outubro de 1917, quando os bolcheviques desencadearam a insurreição contra a burguesia, os mencheviques e os SR.

Os partidos comunistas de hoje em dia carecem de algumas condições favoráveis. Mas é assim que devem travar a luta econômica, e não somente a luta econômica, contra os social-democratas, os burocratas sindicais reformistas, os fascistas, os amarelos, pois todos eles são aliados dos patrões. A menor imprudência que cometam, os comunistas, assim como os membros da oposição sindical e dos sindicatos vermelhos, são lançados às portas das fábricas. Isto obriga a aplicar métodos de trabalho que devem dar na luta do proletariado revolucionário o máximo de efeito e o mínimo de perdas.

Estes métodos não podem ser mais que os métodos bolcheviques experimentados. Os comunistas têm o dever de superar todas as dificuldades. Quanto mais dificuldades, mais se deve levar a cabo um trabalho comunista perseverante e minucioso na empresa, em suas portas e onde houver operários e desempregados. Os métodos e o conteúdo do trabalho devem ser bolcheviques. É mister persuadir sistematicamente, com argumentos convincentes e probatórios, e não com injúrias, os que pensam de outra maneira, sobretudo os social-democratas e os operários reformistas. É preciso desmascarar sistematicamente, com as provas nas mãos, em termos simples e inteligíveis, a social-democracia e os reformistas, mas ao mesmo

tempo é necessário não esquecer dos nacional-socialistas e em geral a todos os partidos adversos que tenham uma base operária. Mas só a propaganda não basta.

É preciso organizar a luta, provar aos operários que os comunistas sabem combater e paralisar as manobras dos social-democratas e dos reformistas. Pode-se conseguir isso aplicando os métodos bolcheviques de trabalho e de organização, não de uma maneira mecânica, mas tendo em conta a situação. Atualmente, quando a situação dos operários de todos os países capitalista tem se agravado incrivelmente e há milhões de desempregados, quando todas as consequências da crise econômica e financeira, às quais se acrescentam os gastos para a preparação das guerras imperialistas e da agressão contra a URSS, recaem sobre os trabalhadores, o Partido Comunista tem a possibilidade e o dever absoluto de superar todas as dificuldades e de melhorar seu trabalho. [...]

O verdadeiro centralismo democrático

No Partido Bolchevique, inclusive sob o czarismo, quando o Partido era ilegal, se aplicava o centralismo democrático. As organizações do Partido não esperavam as indicações do Comitê Central, dos comitês regionais, provinciais ou de cidade (locais). Sem aguardar estas decisões, trabalhavam de acordo com as condições locais e com os acontecimentos, dentro do marco das decisões do Partido e das diretivas gerais. A iniciativa das organizações locais do Partido, das células, era avivada. Se os camaradas de Odessa ou de Moscou, se os de Bakú ou de Tíflis tivessem esperado sempre as diretivas do Comitê Central, dos comitês de província, etc., que, amiúde, durante os anos da reação e durante a guerra, não existiam por causa das detenções, o que teria ocorrido? Os bolcheviques não teriam conquistado as massas operárias e não teriam influência sobre elas. Os comitês provinciais e locais publicavam seus manifestos e volantes em todos os casos oportunos e por iniciativa própria.

Em muitos partidos comunistas existe, por desgraça, um ultra-centralismo, sobretudo nos partidos legais. O Comitê Central deve elaborar volantes para as organizações locais, o Comitê Central deve inclusive se pronunciar de antemão sobre os acontecimentos de interesse local para que despertem nas localidades. Falta o espírito de iniciativa que uma organização do Partido deve ter para se orientar na situação, e segundo as condições locais, em qualquer momento, poder tomar decisões, que será preciso aplicar, por suposto, sobre a base das decisões do Partido e da Internacional Comunista, independente da existência ou da ausência de diretivas oportunas. Estas não tocam o grosso dos efetivos do Partido. Não existe igualmente um controle suficiente da execução das diretivas dos órgãos superiores. É preciso combater tudo isso e atrair, ensinando, a atenção sobre isso. No Partido Bolchevique, o trabalho do Partido era efetuado principalmente nas fábricas e nas empresas por intermédio das células. A ligação com as massas, sua direção pelas células e as frações comunistas nas organizações de massas, eram vivas. A imprensa do Partido, a literatura, a agitação verbal e escrita, se dirigiam às massas.

Ademais, na antiga Rússia czarista, tendo o Partido Bolchevique permanecido ilegal até a revolução de fevereiro, o centro (o Comitê Central) e as localidades (comitês de zona, locais e provinciais), não possuíam grandes birôs, não tinham nem podiam ter locais permanentes indispensáveis para um aparato um pouco desenvolvido. Além disso, os recursos financeiros não teriam permitido o entretenimento de muitos funcionários. Devido a isso é que o centro de gravidade do trabalho do Partido (e não somente o trabalho do Partido, mas também o trabalho dos sindicatos legais e ilegais) se situava, naturalmente, nas empresas. Estas condições de trabalho do Partido se mantiveram no período de fevereiro a outubro de 1917, quando o Partido Bolchevique se converteu em um Partido legal, que se lançava a um trabalho enorme de massas, enquanto o aparato do Comitê Central, dos comitês regionais era muito restrito. A ação era levada a cabo sobretudo baseando-se nos comitês de zona, nos subcomitês de zona e nas células de fábrica e de empresa.

Nos partidos legais dos países capitalistas, a organização do aparato do Partido é exatamente o contrário. Os partidos comunistas legais têm a seu serviço locais suficientes, onde podem facilmente repartir seus funcionários. As forças principais do aparato do Partido estão concentradas no Comitê Central, nos comitês regionais e nos provinciais (a seção de organização, de agitação, a seção feminina, a comissão camponesa, o grupo parlamentar, etc.), enquanto reina o vazio nos comitês de zona e nas células. Em muitos comitês de zona dos centros industriais, sem falar das células, não há sequer um secretário pago, os comitês devem receber tudo do centro. Devido a isso, a iniciativa das organizações locais do Partido está paralisada. O C. E. da I. C. combate resolutamente este estado de coisas.

A ligação com as massas

Esta luta é tanto mais indispensável quanto que não se trata tão só das condições de organização, legais ou ilegais puramente exteriores. Não, se trata de empreender a ação entre as massas, mantendo uma ligação regular e estreita com elas. As formas de organização devem obedecer a este objetivo: estar a serviço das massas, e não vice-versa.

Nos partidos comunistas legais dos países capitalistas, a ligação com as massas e a direção destas é quase sempre convencional e operada por circulares. A imprensa, a literatura, a agitação verbal e escrita são abstratas: não correspondem quase nunca à situação concreta. A razão disso está em que, nas condições caracterizadas mais em cima, os quadros indispensáveis, capazes de agir diretamente no instante, por contato vivo com as massas, não existem. Por conseguinte, se apresenta a questão dos quadros. No Partido Bolchevique, os quadros se formavam no curso do trabalho prático entre as massas, aprendiam no curso desta ação a reagir frente a todas as questões da vida operária. Eles conheciam não somente a vida, o modo de pensar dos operários, mas também sabiam responder, organizar sua luta, indicar-lhes a solução. Por esta razão, o Partido Bolchevique tinham, inclusive sob o

czarismo, uma influência tão grande entre as massas, uma autoridade tão considerável entre a classe operária.

Os quadros superiores e médios nos partidos comunistas dos países capitalistas estão em sua maioria compostos de elementos revolucionários saídos dos partidos social-democratas. Frequentemente subsistem neles os antigos métodos social-democratas. Muitos ainda não se libertaram das tradições social-democratas. E até uma parte importante dos novos quadros jovens, que no transcurso dos últimos anos a ação impulsionou para adiante nos partidos comunistas é inexperiente. Estes jovens não sabem trabalhar concretamente e independentemente. Na presença de uma centralização exagerada da direção (“tudo” do centro!), não têm a ocasião de educarse por uma direção independente, plena de iniciativa e concreitude no trabalho local.

[...]

A imprensa

No período ilegal e no período atual, a imprensa do Partido Bolchevique, intérprete da opinião do Partido, executa suas decisões. A imprensa mobiliza, organiza e educa as massas operárias. Não é possível separar a imprensa do Partido dos comitês do Partido. No estrangeiro, os partidos social-democratas nomeavam os redatores dos jornais do Partido nos congressos. Foi visto tal ou qual Comitê Central não poder nada fazer contra um jornal: este tinha sua própria linha política, o Comitê Central a sua. Tal foi o caso da Alemanha com o *Vorwärts* e na Itália com o *Avanti*. Evidentemente, os partidos comunistas repudiaram essas “excelentes” tradições. Mas essa “independência que a imprensa social-democrata possuía antes da guerra deixou marcas profundas nos partidos comunistas. Por certo que não se pode dizer que os redatores dos jornais comunistas sejam designados pelos congressos e sejam independentes do Comitê Central e dos comitês do Partido. Não é esse o caso. Mas acontece muito amiúde que o Comitê Central e os comitês do Partido prestem muito pouca atenção à imprensa do Partido: a imprensa trabalha por seu lado, o Comitê Central e os comitês do Partido trabalham pelo seu. A linha política do Comitê Central e dos comitês do Partido difere amiúde da linha dos jornais do Partido, e isso não ocorre porque o Comitê Central, os comitês do Partido ou os comitês de redação assim o queiram.

O Partido Comunista Alemão possui 38 diários. Se estes 38 diários dispusessem de uma direção justa e racional, poderiam exercer uma influência muito maior que a que exercem na realidade entre as massas operárias. O Partido Bolchevique não possuía, desde 1912 até 1914, mais que apenas um diário legal, o *Pravda*. E que proezas realizava então o *Pravda* na Rússia! Que ajuda inestimável aportava este diário aos militantes locais, apesar de que não podia dizer tudo o que quisesse por causa da censura! Tratava as questões mais importantes e mais sérias numa linguagem popular, acessível aos operários menos educados. O *Pravda* reservava um grande espaço para a vida das fábricas e das empresas. Nos países que

citei, os jornais são legais. Podem dizer mais ou menos o que for preciso para expressar e aplicar a linha política do Partido. Os jornais, como as organizações operárias de massa, são canais por onde os partidos comunistas podem e devem exercer sua influência entre os operários, podem e devem conquistar os operários. Mas é preciso saber utilizar e dirigir os jornais do Partido.

Os diários comunistas legais não se distinguem, em muitos países, nem por uma exposição popular, nem pela acuidade dos temas, nem pela concisão dos artigos. Os jornais estão cheios de artigos escritos em estilo de teses, ao invés de exposições populares e condensadas das principais tarefas atuais. A imprensa é culpada de que os militantes ativos, todos os membros do Partido e os operários revolucionários não possuam todos os argumentos necessários para combater os partidos social-democratas, os sindicatos reformistas, os partidos nacional-socialistas e outros a quem os operários ainda seguem. A imprensa do Partido deve não somente traçar a linha política fundamental, citar os fatos concretos da traição dos social-democratas e dos reformistas, da demagogia dos nacional-socialistas, mas também indicar a forma de explorar estes fatos. A maioria dos jornais comunistas não têm crônica das fábricas e das empresas! Falta espaço na imprensa do Partido para este gênero de coisas!

Muitos partidos comunistas não compreenderam ainda a importância da imprensa do Partido. O corpo docente das escolas internacionais deve conceder uma atenção particular à imprensa do Partido na formação dos alunos. Muitos militantes formados nas escolas internacionais do Partido se convertem em seguida em redatores. Não se vê que tenham aportado algo novo e que tenham contribuído para renovar a imprensa do Partido, ou que tenham rompido com as tradições social-democratas neste domínio.

Agitação

Atualmente o mundo capitalista atravessa uma profunda crise industrial e agrária, por transtornos financeiros e por uma guerra imperialista no Extremo Oriente que ameaça se estender a outros países. Tudo isso afeta não somente os operários, os camponeses pobres, mas também a pequena-burguesia urbana (os empregados, os funcionários, etc.). É, pois, mais fácil tocar a estas massas pela agitação comunista hoje em dia, quando a estabilização capitalista terminou, que no curso de seu “florescimento”. Desgraçadamente, a propaganda dos partidos comunistas é abstrata. E o é tanto nos periódicos como nos manifestos ou na agitação oral. Parte do ponto de vista de que todos os operários conhecem a questão tão bem quanto os que escrevem nos jornais, redigem os manifestos e falam em público. Se na Alemanha é promulgado um decreto-lei que toca na carne de cada operário, seja diminuindo os salários ou aumentando os impostos, etc., em lugar de examinar ponto por ponto, de indicar quanto cada operário deverá pagar ao fisco, em que proporção os salários serão diminuídos, a fim de que as massas compreendam, preferem escrever simplesmente: protestamos contra o decreto-lei, reclamamos a greve contra este decreto.

Como os bolcheviques abordavam isso para fazer agitação? A força dos bolcheviques residia no fato de que faziam sua opinião sobre qualquer questão ser conhecida: baixa dos salários, lugares de recreação, substituição dos vidros quebrados nas fábricas, água fervente para fazer chá, multas, qualidade dos alimentos na cantina da empresa, etc. Eles desenvolviam estas questões e tiravam conclusões políticas delas. Vide as greves que se desenvolviam no sul da Rússia em 1903. Os bolcheviques souberam transformar este movimento de greves econômicas provocado pelos agentes de Zubatov, de Chaievics e companhia, em um movimento político considerável que abarcava toda a Rússia meridional. Numerosos partidos comunistas ainda não sabem organizar o trabalho de agitação de uma maneira conveniente.

Enquanto os camaradas dirigentes, redatores, propagandistas, etc., pensam que já que eles compreendem os acontecimentos e sabem se orientar, tudo é mais ou menos claro para os operários. É assim que abordam os operários social-democratas! Ao invés de pegar o menos fato de traição, indicar seu lugar, sua data, citar testemunhos, lembrar os termos exatos do ato, a data em que os líderes reformistas e social-democratas tiveram conversações com os ministros e fabricantes, traíram os interesses da classe operária, ao invés de explicar pacientemente todos estes fatos aos operários social-democratas, reformistas e sem partido, nossos camaradas não têm na boca mais que social-fascistas e burocratas sindicais. E isso é tudo. E pensam que tendo dito “social-fascistas” e “burocratas sindicais” todos os operários compreendem o sentido que estes termos injuriosos tem e acreditam que os líderes reformistas e social-democratas os merecem. Desta maneira não se faz mais que afastar os operários honestos, membros dos partidos social-democratas e dos sindicatos reformistas, pois eles não se consideram nem social-fascistas nem burocratas sindicais.

A agitação não deve ocupar um enorme lugar na educação que se dá nas escolas internacionais do Partido? Vide os artigos de Lenin em 1917. Tomais como exemplo a acusação lançada contra o Partido Bolchevique de estar a soldo do imperialismo alemão. Lenin podia dizer que, ante tal acusação, não havia mais que responder: “Canalhas, não lhes dirigiremos a palavra; achamos inútil nos justificar diante de vocês; pensem o que quiserem, seguiremos nosso caminho.” Muitos partidos comunistas teriam feito assim, considerando que refutar acusações tão abjetas equivale a rebaixar nossa dignidade! O que Lenin fez? Começou por demonstrar o que era Alexinski. Lembrou todas as infâmias cometidas por Alexinski na França e o fato de que, em uma reunião celebrada nesse país, teria sido expulso como embusteiro e falsário. De volta à Rússia, o Comitê Executivo Central, composto de mencheviques e de S.R., declarou a Alexinski: “Não te aceitaremos até que esteja reabilitado”. Foi então que Alexinski iniciou, em julho de 1917, uma campanha de calúnias na imprensa contra os bolcheviques, acusando-os de trabalhar para os alemães e de estar a soldo deles. Lenin exibiu Alexinski em toda sua nudez.

O mostrou tal como era na realidade. E quando descreveu sua fisionomia moral e o aniquilou desta maneira, examinou a posição dos mencheviques e dos S.R. No acontecido. Os mencheviques e os S.R. sabiam que os bolcheviques eram acusados

de espionagem. Atretelitria havia telefonado a todos os diários para que não publicassem este ignóbil documento[3], que não era senão uma vil maquinação. Depois disso, Lenin denunciou um terceiro fato. O governo provisório conhecia esta maquinação. E, mesmo assim, não havia detido nenhum dos militantes acusados, apesar de ter conhecimento deste documento desde o mês de junho. Consequentemente o próprio governo provisório não acreditava nesta calúnia dirigida contra os bolcheviques. Lenin dissecou, repisou num estilo popular, todos estes fatos e perguntou:

“Quem está na cabeça do governo? Kerenski? Não. O Comitê Executivo Central? Não. A camarilha militar? Sim, a camarilha militar. Ela é que arrasou nossa imprensa. Quem tomou a decisão de saqueá-la? O governo provisório? Não. O Comitê Executivo? Não. Existe outro poder, o da camarilha militar, e ela é que fez saquear nossa imprensa. Mas, sabeis quem se oculta por trás dela? O Partido Constitucional Democrata (os cadetes).”

No dia seguinte, citando, em outro artigo, as palavras pronunciadas pelo socialista populista Chaikovski na sessão do Comitê Executivo Central, Lenin demonstrava que os constitucionais democratas e os imperialistas do ocidente faziam causa comum e que os imperialistas não queriam dar dinheiro a mais ninguém que aos constitucionais democratas. Lenin tinha começado por Alexinski e terminou fazendo o processo do poder e de seu caráter de classe. Não blasfemava, não dizia que refutar acusações tão ignóbeis era rebaixar nossa dignidade, senão que demonstrou estas insinuações e esta tarefa de ladrões, que a princípio fora obra da imprensa dos renegados, foram em seguida recolhidas e ampliadas pelo governo provisório, por toda a imprensa burguesa, menchevique, populista e S.R..

Graças a uma agitação tão acessível e ao mesmo tempo tão popular, os bolcheviques puderam não somente rechaçar o ataque dos mencheviques, dos S.R. e dos cadetes num período particularmente difícil para os bolcheviques, senão também desencadear durante três meses uma vasta agitação contra todos os partidos existentes e, em primeiro lugar, contra os social-democratas, os mencheviques e os S.R., que ainda tinham influência entre as grandes massas de operários, de camponeses e soldados. Com este objeto, os bolcheviques souberam explorar a duplicidade destes partidos em todas as questões que surgiram. Nas vésperas da revolução de outubro, milhões de operários, de camponeses e de soldados foram ganhos pelo movimento. No transcurso das jornadas de outubro, os bolcheviques já haviam conquistado toda a classe operária e a maioria dos soldados e dos camponeses seguiam as consignas dos bolcheviques relativas à terra e à paz.

Fazer ressaltar a traição dos social-democratas

Os partidos comunistas dos países capitalistas procedem desta maneira em sua agitação? Os social-democratas traíram tantas vezes a classe operária, em todos os países, que a surpresa dos operários da União Soviética é bem compreensível quando

lhes ocorre a pergunta sobre de que matéria são feitos os operários no estrangeiro. Vemos que os social-democratas traem a cada dia seus interesses, mas os operários do estrangeiro continuam votando nos social-democratas e pertencendo a seu Partido. A causa disso se estriba no fato de que numerosos partidos comunistas não sabem fazer agitação inclusive em uma situação tão favorável como a criada no mundo inteiro pela crise agrária e industrial atual. Uma crítica detalhada, paciente e persuasiva é indispensável da parte dos partidos comunistas, pois os líderes social-democratas, apesar de suas múltiplas traições, descobrem constantemente novos truques para se dedicarem a suas manobras demagógicas. Os social-democratas alemães fizeram o impossível para obter a aplicação dos decretos-leis. Ajudaram a espoliar os desempregados e os operários ocupados. Agora depositam no parlamento uma série de projetos de leis demagógicas: redução do desemprego, aumento dos subsídios aos desempregados, diminuição dos aluguéis, etc.. No mesmo instante em que votam contra os comunistas no Parlamento, em que os votos social-democratas e comunistas, na ausência dos nacional-socialistas, formam a maioria[4], fazem adotar as férias do Reichstag, sem indicar a data de sua reconvocação, sem solicitar a discussão de seus próprios projetos de lei e, naturalmente, das proposições da fração comunista. Desde esse instante, os partidos comunistas devem tratar de pegar os especuladores social-democratas em flagrante delito, desmascarar, como o apoio de provas, cada uma de suas manobras, cada ato de traição.

O Partido Bolchevique, antes e depois da tomada do Poder sempre soube educar seus membros, dar-lhes diretivas a fim de que todos, seja qual for seu trabalho e em qualquer lugar que se encontrem dirijam seus golpes na mesma direção. E, mesmo assim, frequentemente os órgãos locais do Partido não recebiam diretivas mais que pela imprensa. O Partido Bolchevique obteve tudo isso graças a seus métodos de trabalho dos quais falamos mais acima. Por desgraça não se pode dizer o mesmo da maioria dos partidos comunistas dos países capitalistas, onde ocorre amiúde que os membros do Partido operam em direções diametralmente opostas.

Acontecimentos, tática, consigna, teoria do “mal menor” e frente única

Antes da revolução de outubro os mencheviques zombavam dos bolcheviques porque examinavam demasiado amiúde, em suas reuniões, os acontecimentos. E, mesmo assim, sem uma análise exata da situação e sem uma apreciação do momento é muito difícil determinar a tática. Preconizar uma tática justa em cada situação dada e sobretudo saber aplicá-la com habilidade é uma arte. Adquirir esta arte equivale a facilitar a luta e a contribuir para a conquista das massas. Outra arte consiste em fazer uma escolha judiciosa e oportuna das consignas correspondentes à situação e suas consonâncias com as necessidades do momento. Ninguém pode negar que os bolcheviques sabiam analisar magistralmente os acontecimentos que surgiam, determinar uma tática justa, lançar consignas precisas e adequadas que as grandes massas acolhiam. Lenin zombava dos bolcheviques que permaneciam aferrados à tática de ontem e que não compreendiam que ela já não correspondia à etapa seguinte ou às novas condições (por exemplo, a proposição de Kamenev e de Bogdanov de

boicotar as eleições à terceira Duma, como os bolcheviques haviam boicotado a primeira). [...]

Desgraçadamente encontramos estas consignas incoerentes não somente na “alta” política, mas também na luta econômica, onde não são menos nocivas. É preciso estudar minuciosamente as particularidades da situação, seguir as fases e as tendências de sua evolução, ver como os operários reagem, seguir os preparativos e as iniciativas dos adversários, social-democratas, fascistas, etc., e observar a tática que adotam. Apenas mediante uma análise como esta e um exame semelhante dos acontecimentos é possível estabelecer uma tática justa, lançar consignas oportunas, dar à agitação o conteúdo indispensável e a nota requerida. As questões correntes devem ser ampla e frequentemente expostas na imprensa do Partido, com objetivo de armar, de educar e de preparar os membros do Partido para a luta, analisando para isso a situação, refutando os argumentos e a propaganda dos adversários e desmascarando seus planos e truques. Com o mesmo objetivo se discutirá o mais amiúde possível, nas reuniões do Partido, nas células, etc., os problemas do dia e as tarefas do Partido. Tal debate permitirá não somente aos membros do Partido que assimilem a tática e a linha política do Partido, que se orientem nas questões atuais e que se armem de argumentos para a polêmica e a agitação nas empresas, entre os desempregados, nos sindicatos, na rua, senão que dará igualmente animação às células e às organizações locais do Partido.

A perniciosa teoria do “mal menor”

Os partidos social-democratas e os sindicatos reformistas preconizavam frequentemente nestes últimos anos a teoria do “mal menor”. Os reformistas aconselham os operários que aceitem uma redução do salário de 8% no lugar de 12% que os patrões “exigem” (não sem o prévio acordo com os reformistas). Representam em seguida como uma vitória este “lucro” de 4% em proveito dos operários. Os partidos social-democratas sustentam as leis mais odiosas, que oprimem os trabalhadores com contribuições escorchantes e roem o salário sob o pretexto de que o governo e a burguesia tinham a intenção de exigir dos operários um tributo ainda mais elevado. E apresentam isso como uma vitória dos operários. Propõem votar em Hindenburg, a quem combateram nas eleições de 1925 como reacionário e monárquico, sob pretexto de que Hindenburg é um “mal menor” com relação a Hitler. Os mencheviques russos empregaram igualmente a teoria do “mal menor”. Assim, por ocasião das eleições à segunda Duma, sob o pré-texto de que a Rússia estava ameaçada pela pior reação, os mencheviques convidavam a votar no Partido Constitucional Democrata.

Os bolcheviques reagiram com vigor contra os mencheviques e convenceram os eleitores revolucionários, que votaram nos candidatos revolucionários, fazendo ver que os mencheviques, antes, durante e depois da revolução de 1905 sustentavam a burguesia liberal, assim como hoje em dia os partidos social-democratas sustentam a burguesia em todos os domínios. Os mencheviques combatiam a hegemonia do

proletariado na revolução democrático-burguesa. Seus gritos contra o perigo da reação dos Cem Negros não eram mais que escapatória para desviar a classe operária do bom caminho revolucionário. Os partidos comunistas não conseguiram até agora desmascarar as manobras a que se dedicam os partidos social-democratas sob o manto da teoria do “mal menor”, recorrendo aos métodos empregados pelos bolcheviques para desmascarar a manobra menchevique a propósito da ameaça de reação dos Cem Negros. E até que não se revele ante as massas este engano dos partidos social-democratas será difícil tirar os operários de sua influência.

A aplicação da frente única

As grandes massas operárias aspiram à unidade. Abundam nos diferentes países os casos em que os agentes mais fiéis da burguesia se servem das consignas de unidade para esquentar a cabeça dos operários. Os partidos social-democratas preconizam igualmente a unidade. O renegado Trotski lhes presta ajuda propondo o “bloco” dos comunistas e dos social-democratas, invocando para isso os bolcheviques e Lenin.

Antes me esforcei para demonstrar como os bolcheviques realizavam a frente única na base nas fábricas e nas empresas. Na história do bolchevismo há casos em que a técnica da frente única foi aplicada por baixo e por cima simultaneamente, mas foi somente *no curso de uma luta real*. Tal é o caso de 1905, no momento das greves, das manifestações, dos pogroms, das insurreições (em Moscou), em plena ação. Eram criados comitês de união no curso da ação comum. Eram publicados chamamentos em comum. A frente única, ao ser operada na base na luta prática das massas, obrigava os chefes mencheviques a jogar-se na luta dirigida pelos bolcheviques. Qual era a situação durante as jornadas de Kornilov em 1917? o renegado Trotski quer enganar os comunistas. No fim de agosto de 1917, Kerenski, não sem ter recebido antes o assentimento dos mencheviques e dos SR, convidou Kornilov a vir com tropas leais para aplastar o Partido Bolchevique. Kornilov respondeu ao chamado. Mas antes de entrar em Petrogrado exigiu que lhe fosse entregue todo o poder. Os operários e os soldados que ainda seguiam os mencheviques e os SR compreenderam que, obtendo o Poder, Kornilov aplastaria não somente os bolcheviques, mas também a eles. Sob a pressão das massas, os mencheviques e os SR se viram forçados a unirem-se à luta dirigida pelos bolcheviques. Os mencheviques e os SR amaram os operários de Petrogrado para travar esta luta. Foi um “bloco” apenas na luta contra Kornilov. Mas inclusive neste momento os bolcheviques não cessaram com sua campanha contra os mencheviques, os SR e o governo provisório que, por sua traição aos interesses dos operários, dos camponeses e dos soldados, tinham levado o país até o terreno de provocar a insurreição de Kornilov e que vacilavam ainda entre a sustentação direta de Kornilov e a luta contra ele.

Esta situação é parecida com a da Alemanha? Como é possível, baseando-se nos acontecimentos que acompanharam o putuca de Kornilov, tirar a conclusão da necessidade de formar “bloco” com a social-democracia alemã para lutar contra o

fascismo, quando a única preocupação dos social-democratas é ajudar os fascistas e a burguesia? O ministro social-democrata da polícia prussiana dissolveu a Associação da Frente Vermelha porque combatia os fascistas ao mesmo tempo em que tolerava e protegia os quartéis fascistas das seções de assalto. Os policiaescos social-democratas estão sempre do lado dos fascistas para golpear os operários quando eles tratam de repelir os ataques dos fascistas. Não se mistificará os comunistas invocando que Hindenburg “dissolveu”, nas vésperas das eleições na Prússia, as seções de assalto fascistas. Dissolveu-as formalmente, mas teve o cuidado de não destruir a organização e de não danificar-lhes. Esta “dissolução” tinha por objetivo permitir aos social-democratas que enganassem seus leitores e os arrastassem para seu lado graças à pretensa luta contra o fascismo.

Quase todos os partidos comunistas cometem uma multidão de erros na aplicação da tática da frente única. Mas já temos exemplos de uma boa aplicação da frente única: a luta dos mineiros que o Partido Comunista e os sindicatos vermelhos da Tchecoslováquia dirigiram na Boêmia setentrional. É preciso evitar os erros e realizar a qualquer preço, por baixo, de um modo justo e enérgico, a frente única bolchevique de luta nas fábricas e nas empresas. [...]

As tarefas atuais

[...]

2) as greves

Como preparar uma greve? Como dirigi-la, como formular as reivindicações? Estas não são questões simples. Para a maioria dos partidos comunistas, dos sindicatos vermelhos e das oposições sindicais, estas questões raramente recebem soluções felizes. Ainda bem recente, um bom número de partidos comunistas não apresentavam mais que as reivindicações do programa máximo e descuidavam das reivindicações imediatas. Atualmente pensam assim: formulemos apenas as reivindicações imediatas sem ligá-las à política e ao programa máximo, pois quando não apresentávamos mais que as reivindicações políticas os operários não nos seguiam e todo o trabalho se ressentia disso. Sabemos por experiência que os bolcheviques sempre ligavam o político ao econômico e vice-versa. Conheço um caso que remonta a 1905, no qual os bolcheviques, ao declarar uma greve política, formularam reivindicações de ordem econômica e vice-versa.

Preparar bem uma greve é uma tarefa difícil. Na organização e na direção de uma greve, assim como nos objetivos perseguidos pelos social-democratas e os reformistas, por um lado, e os bolcheviques, pelo outro, havia grande diferença. Os bolcheviques recolhiam dados sobre a situação dos operários nas fábricas e empresas, militavam entre eles a fim de explicar-lhes sua situação. Uma vez terminado o trabalho preparatório (exame pela célula de todos os detalhes da greve de acordo com os militantes revolucionários sem partido), se declarava a greve, formulavam-se

reivindicações e se elegia um comitê de greve que reunia os operários e propunha ante eles as questões relativas à greve. Se o comitê de greve e os militantes revolucionários eram detidos, da mesma maneira era constituído outro comitê de greve. Os contratos coletivos não existiam.

Se a greve era declarada repentinamente como consequência do agravamento das condições de trabalho, de um acidente, da ausência de um sistema de proteção nas máquinas, etc., os bolcheviques da empresa ou da fábrica se punham à cabeça do movimento e formulavam as reivindicações. Assim, a greve era preparada por baixo, nas empresas, e inclusive nos casos em que se estendia de empresa em empresa, ou de cidade em cidade, isso não se fazia sempre espontaneamente. As organizações urbanas do Partido, nas zonas e nas células, discutiam os métodos para desenvolver o movimento. Os bolcheviques, ao declarar as greves, perseguiram dois objetivos:

1. melhorar a situação material e cultural dos operários, e
2. objetivo ainda mais vasto, arrastar as grandes massas operárias na luta para derrubar a burguesia e instaurar a ditadura do proletariado.

Os social-democratas e os reformistas, desde que os sindicatos foram criados, se esforçaram por centralizar as greves de maneira que os operários nas fábricas e empresas não pudessem fazer greve sem o consentimento de seu sindicato. Se começavam a greve sem seu consentimento, o conselho sindical (o presidente) não a sancionava, considerando-a uma greve “selvagem” e não lhe dava nenhuma ajuda material. Se sancionava a greve, tomava sua direção e os grevistas não tinham nada que fazer senão, por acaso, organizar piquetes de greve nas portas das fábricas quando fosse necessário. Quando os sindicatos reformistas se tornaram mais fortes, começaram a assinar contratos coletivos a longo prazo com as uniões patronais e era raro ver estalar greves durante a duração do contrato. Às vezes greves importantes eram declaradas na ocasião da renovação dos contratos coletivos. Aí, as greves eram dirigidas pelos comitês centrais dos sindicatos. Os grevistas deviam, no melhor dos casos, formular as propostas de greve. Os sindicatos reformistas eram guiados na luta econômica (antes da guerra, eram eles que dirigiam as greves) apenas pela ideia de melhorar a situação material e cultura da classe operária, sem cuidar da luta contra o conjunto do sistema burguês.

Os partidos comunistas que dirigem os sindicatos vermelhos, que são quase sempre organizações paralelas aos sindicatos e à oposição sindical e que não englobam grandes massas, na adotaram mais amiúde um método bolchevique, mas reformista, social-democrata, de organizar a greve nas empresas, método que consiste em preparar seu próprio despacho sem conhecer sempre bem o estado de ânimo dos operários. É por isso que ainda ocorre com frequência que os operários não respondem aos chamamentos de greve lançados pelos sindicatos vermelhos e as oposições

sindicais ou que os próprios operários - o que menos se pensava - os que se declaram em greve.

Nas escolas internacionais do Partido os alunos devem aprender a organizar, sustentar e dirigir as greves.

3) A luta contra os reformistas e os partidos social-democratas

É preciso desmascarar a social-democracia e os reformistas e mostrar a diferença que há entre suas palavras e seus atos. É mister fazê-lo diariamente na imprensa do Partido, nos volantes, na agitação verbal. É necessário ler a imprensa reformista e replicar imediatamente suas manobras. É preciso reagir sob uma forma popular e acessível. Todo artigo, todo discurso dos social-democratas e dos reformistas pode fornecer aos agitadores e propagandistas comunistas uma documentação suscetível de alimentar sua ação contra esses elementos. Só assim poderemos desmascarar a social-democracia. Do contrário é pouco provável que se consiga isso. Desmascarando os social-democratas e os reformistas, não há que perder de vista os outros partidos e organizações que têm influência, ou que querem adquiri-la, entre a classe operária (católicos, nacional-socialistas, etc.).

Os partidos democratas de certos países assumem diferentemente seu papel de principal sustentáculo social da burguesia. Até as últimas eleições, o partido trabalhista da Inglaterra desempenhou abertamente este papel frente ao governo. Nem bem se apercebeu que os operários lhes viravam as costas, decepcionadas por sua política, e que essa ameaça era real, sacrificou seus dirigentes e passou à “oposição”. Na França, depois da guerra, o Partido Socialista não participou do governo. Às vezes, nas vésperas das eleições, ocorre inclusive de votar no parlamento contra tal ou qual lei, sabendo certamente que o governo obterá a maioria apesar de tudo. Na realidade, o Partido Socialista francês é o fiel servidor e sustentáculo do imperialismo militar francês. Quanto aos social-democratas na Alemanha, é inútil mencioná-los. São uns virtuosos na arte de enganar as massas e seu partido é o mais hábil em manobrar na II Internacional.

Os partidos comunistas devem, assim como os bolcheviques russos, prever as manobras dos social-democratas e denunciá-las às massas. É preciso desmascarar estas manobras a cada vez que os social-democratas as realizem e enganem os trabalhadores. Os partidos comunistas, os sindicatos vermelhos, todas as organizações revolucionárias de massa devem denunciar sem trégua os social-democratas e os reformistas, pois se não livrarem os operários de sua influência, os partidos comunistas não poderão conquistar a maioria da classe operária, sem a qual é impossível combater com êxito a burguesia. Os partidos comunistas devem travar uma luta enérgica e infatigável contra os nacional-socialistas que exploram a traição dos social-democratas e dos reformistas, assim como os erros e debilidades dos partidos comunistas para difundir sua influência entre a pequena-burguesia e enraizar-se entre

as massas de desempregados mediante consignas demagógicas, e frequentemente até consignas comunistas. [...]

Notas:

1. Na Inglaterra são chamados assim os comitês de fábrica, organizados durante a guerra imperialista na Escócia. No Congresso de Greds (abril de 1921) os "Shop Steward Commitees" se fundiram com o Partido Comunista. (N. do T. espanhol)

2. O sistema Taylor ou racionalização da produção foi introduzido primeiro no USA. Consiste na intensificação do trabalho e em seu maior rendimento. (N. do T. espanhol)

3. O jornal *Yivoce Slovo*, núm. 51 de 18-5-1917, de Petrogrado, publicou a declaração de Alexinski e de Pankratov, que, apoiando-se no depoimento prestado pelo suboficial Ennolenko ao Estado Maior e ao serviço de contra-espionagem em 28-4-1917, acusava os bolcheviques de receber dinheiro da Alemanha para fazer agitação contra a guerra.

4. O autor se refere ao Reichstag de 1930, no qual a composição política era a seguinte: Comunistas: 76 deputados; Socialdemocratas, 143, Nazis, 107. (N. do T.)

“A organização, a democracia e a responsabilidade são parceiras dos estudantes do povo e por isso não deverá assustar-nos. A desorganização, a burocracia e a indisciplina são inimigas dos sinceros lutadores e lutadoras que reconhecem a grandiosa tarefa a qual estão submetidos: lutar por uma educação que esteja a serviço da classe trabalhadora. A independência não é sinônimo de corporativismo. Aqueles que, sob o desígnio de ‘independentes’, não pretendem se organizar nem aliarem sua luta a luta dos demais estudantes classistas e combativos de outras escolas e cidades atestam, ao contrário, um sectarismo, uma política infértil, um isolamento que conduzirá nossos objetivos estratégicos ao fracasso. Aqueles que não se organizam serão fácil e rapidamente consumidos ou atropelados pelas organizações e partidos hegemônicos na cena política nacional de caráter reformista, legalista e pacifista. União e Organização é força! Nós Venceremos!”

- Rede Estudantil Classista e Combativa



2017